

Namalls Origens

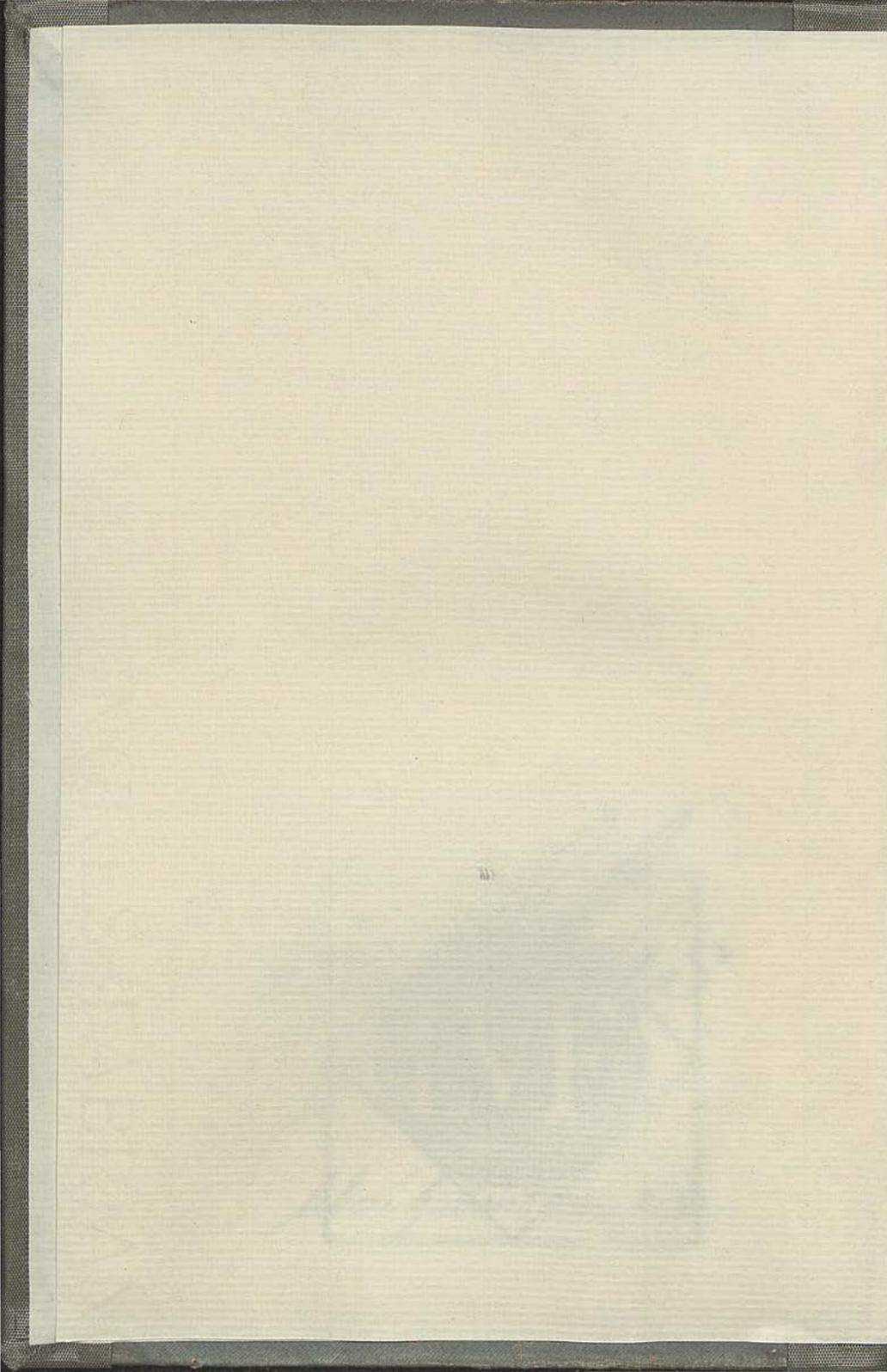


AS

FARPAS

VOLUME 1

EDITORA
LISBOA



AS FARPAS

RAMALHO ORTIGÃO

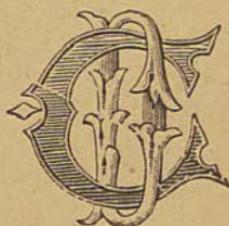
AS FARPAS

TOMO I

A VIDA PROVINCIAL

A PAIZAGEM

— OS CAMPOS — AS PRAIAS — OS MONUMENTOS





ADVERTENCIA

ADVERTENCIA

A presente edição d'AS FARPAS, publicação que primeiro appareceu em fasciculos mensaes, tem por objecto colligir methodicamente em alguns volumes de prosa tumultuaria mas honesta, como n'uma HISTORIA ALEGRE DE DEZESETE ANNOS DA VIDA BURGUFZA, alguns dos aspectos da politica, da litteratura, da arte, da religião, da pedagogia, dos costumes na sociedade portugueza contemporanea. O texto primitivo achar-se ha conglobado na materia muito mais desenvolvida da edição actual, figurando em tomos separados os artigos de cada um dos dois fundadores d'esta chronica.

O leitor verá successivamente perpassar nas pre-

sentes paginas, em forma de cartas, de breves esboços de critica, de rapidos apontamentos de reporter, de pequenas vinhetas de paizagista, os factos, as scenas e as figuras que mais accentuadamente exprimiram as tendencias sociaes do seu tempo.

A multiplicidade dos pontos de vista, constituindo a feição caracteristica d'esta obra, é a dupla origem do que ella tem de especial e do que tem de indigente. O espirito de diletantismo, de que procedem AS FARPAS, tocando por uma invencivel e talvez morbida curiosidade em todos os factos da sciencia e da arte, em todos os phenomenos da natureza e em todos os actos da humanidade, dispersa o poder d'especialisação, desconcentra a vontade intellectual, enfraquece as faculdades de analyse rigorosa, e inhabilita para os longos e exclusivos processos de estudo experimental sem os quaes é impossivel chegar á resolução definitiva de qualquer problema. Por outro lado, communicando-nos uma especie de voluptuosidade de colleccionador, semelhante á da bricabracomania, e consolando incessantemente o nosso espirito da ruina de cada esperanza desmoronada pelo advento de uma nova esperanza nascente, pondo no mesmo pé de importancia psychologica um discurso da corôa e uma cantiga da rua, um projecto de lei e uma pagina de romance, um ministerio e um bibelot, o diletantismo actua no caracter emancipando de muitas

superstições, de muitas subserviências, de muitas hypocrisias, e collocando o coração, por uma especie de egoismo artistico e benefico, ao abrigo das corrosivas e deprimentes paixões de seita e de partido. Sobre a indole litteraria o dilettantismo determina o livre e desinteressado amor da realidade, expressa não pelas academicas linhas geraes mas pelo traço particular e caracteristico; leva á ironia como sendo a mais delicada e palpitante forma da verdade; e induz a considerar a phrase escripta como o objecto de um culto destinado a converter n'uma consolação d'arte, ridente e festival, a pittoresca imagem do atormentado, do dolorido, do ephemero pensamento humano.

O leitor apreciará até que ponto se poderão contrapesar na sua estima essas qualidades e esses defeitos fundamentaes, inherentes á natureza d'esta obra.

O quadro da VIDA PROVINCIAL, que constitue este primeiro tomo, é incompletissimo, e será prehenchido em subseqüentes volumes d'esta serie com os aspectos de outras regiões do paiz, na Beira, em Traç os-Montes e no Algarve, de algumas cidades historicas, e de monumentos tão interessantes para a arte nacional como os de Thomar, de Evora, da Batalha, de Guimarães e de Coimbra.

Se da agonia em que n'este momento parece deba-

ter-se a nacionalidade portugueza, profundamente ferida nos mais importantes centros da vida publica, sobreviver ainda uma Patria, ella reconhecerá talvez n'um ou n'outro ponto d'estas ligeiras narrativas a palpação commovida de um coração que a amou.

Lisboa, 3 de julho de 1887.

R. O.



ENTRE MINHO E DOURO





ENTRE DOURO E MINHO

Setembro 1885.

Quem nunca veiu a Vianna, quem não atravessou a linda ponte do caminho de ferro, entre o aterro de S. Bento e a risonha aldeia de Darque, tão celebre outr'ora pelas suas faianças pombalinas; quem não percorreu a estrada littoral até Caminha, atravez das povoações de Ancora, da Areosa e de Afife; quem não transitou a pé pelos caminhos de uma e da outra margem do rio, por Meiadella e Santa Martha, até o pontilhão de Portosello rodeado de casaes, de moinhos de vento e de rochas em que escachoa a agua, limpida e desnevada, atravez da qual se vêem trepidar e reluzir as trutas; quem não foi e não veiu pela direita e pela esquerda da ribeira, de Vianna a Ponte do Lima e de Ponte do Lima a Vianna; quem durante alguns dias não viveu e não passeou n'esta ridente e amoravel região privilegiada das eglogas e

das pastoraes, não conhece de Portugal a porção de céo e de solo mais vibrantemente viva e alegre, mais luminosa e mais cantante.

N'esta quadra do anno principalmente, na occasião das colheitas, quando as ceifeiras, de mangas arregaçadas, atravessam os campos, carregadas de feixes de cannas maduras; quando o milho começa a aloirar as eiras, e ao longo das planicies ou por traz dos outeiros, nos pontos onde alvejam casas ou muros de quintas, se ouve a cantiga das esfolhadas; o aspecto do campo ainda virente, inundado de luz, tem o que quer que seja de uma apothese bucolica, de um idyllio rural, por entre cujas estrophes o rio alastra mansamente a pacificação da agua.

A natureza parece uma larga festa em toda a bacia do Lima, fechada ao sul pelo biombo de montanhas que principia de léste em Lindoso, na fronteira hispanhola, e termina a oeste em Faro d'Anha, sobre o porto de Vianna.

*
* *

Dentro de toda esta zona não ha grandes proprietarios, não ha gente muito rica, e não ha miseria.

Muitas casas pequenas. Nem uma só casa em ruinas, como na Beira, como no Douro.

Ao longo das estradas, ou nos arruamentos contorcidos das pequenas aldeias, a tenda com a caixa de correio á porta, os bambolins de velas de cebo pendentes do tecto, scintillações amarellas, azues e brancas de louça vidrada n'uma prateleira ao fundo, as pequenas tabernas com os pães *molletes* enfarinados e pegados uns aos outros em cima do balcão, na padieira das portas, suspensa de um braço de ferro, a taboleta azul — *Bom vinho e comer*, o ferrador, o tamanqueiro, o peneireiro, o cesteiro, o bombeiro, a tecedeira, a botica, tudo tem um ar alegre, de camisa lavada, barba feita, carnação sadia, bruniada ao sol.

Por detraz do cancello d oquinteiro, no matto fofa das enchidas, por baixo da ramada, ao lado das mais humildes cabanas, vê se á porca russa esfoçando a estrumeira, o gallo branco cacarejando satisfeito, empoleirado na padiola, na escada de mão encostada á parede do cortelho ou no canniço do carro; e o podengo amarelo, de orelha bicuda, ladra da porta de casa ou de cima do muro, mostrando a quem chega os dentes anavalhados e o grande rabo em pontô de interjeição.

Não ha adega, não ha despensa, não ha fogão de cozinha. A panella preta de barro de Prado ferve solitaria sob o testo no pequeno lar enfumarado, á fogueira de cepas e de agulhas de pinheiro, entre os

dois escabellos de castanho. Mas ha broa em todos os balaios á porta do forno, ha toucinho ou ha unto, pelo menos, em todas as salgadeiras, ha azeitonas no cantaro da salmoeira, ha um ôvo para botar a cada gallinha choca, uma braçada de herva para cada boi, uma côdea para cada cão, uma rasa de milho para cada fornada, uma estriga para cada roca, uma leira para cada enxada.

*
* *

A propriedade *brasileira*, pintada de amarello, com dois cães de faiança no portão e as maçanetas de vidro nas varandas, puxa aqui mais raramente pelos olhos do que nos suburbios do Porto, de Braga e de Famalicão.

O *brasileiro* do valle de Lima é em geral um *pequeno brasileiro*, tão pequeno que quasi não passa de um *rapaz que foi ao Brazil*. A belleza da terra, a graça modesta dos costumes, a simplicidade da vida, exercem aqui, mais do que em outra qualquer parte, esse magnetismo nostalgico que leva o emigrado a repatriar-se o mais depressa que pôde. Desde que ganhou com que comprar o campo que tem d'ôlho, com que levantar um andar á choupana paterna, com que metter mais duas vaccas no eido, e com

que custear o luxo de um garrano para vir de tilbury á feira da Agonia e de um mingacho para pescar no rio, o emigrado d'Entre Minho e Lima regressa modestamente em segunda classe da *Royal Mail*, ao ninho natal.

D' aqui, um tranquillizador equilibrio economico, administrativo e moral: a vida barata e o voto barato. Não vale a pena para os homens de negociar em eleições com os regedores, e vale a pena para as raparigas de continuarem a fiar, a tecer, a fazer renda e a fazer manteiga, porque não ha namorados com posses para lhes darem dados os brincos e os cordões de ouro.

Em compensação, é excessivamente moderado o numero dos cães de louça, dos campanarios novos, dos relógios de torre e dos commendadores da Conceição.



As egrejas matrizes conservam o seu primitivo ar antigo, sombrio e musgoso, n'uma humidade de claustro ou d'azinha.

E' um bom typo do genero a pequena igreja velha das Almas, á entrada de Vianna pelo lado de Meia-della. Rodeia-a um pequeno adro, em que a herva

sobe até ao ultimo degrau do cruzeiro da Via Sacra. A sombra de seis altos e esguios cypristes marca a hora no chão, como no mostrador de um relógio de sol, e no tecto do templo, apainelado em madeira de castanho, uma pintura moderna, recente producto da arte constitucional do ultimo quartel do nosso seculo, representa um optimo burguez de Vianna, director talvez do Banco Agricola e Industrial, no acto de subir ao céo dando vivas á Carta e á junta de parochia.

Mais para o interior do campo deixa de grassar a pintura moderna nos monumentos religiosos.

Os tectos das pequenas egrejas esverdinham-se de musgo; ás andorinhas fazem ninho nos relevos architectonicos junto do postigo gradeado do côro; crescem os tortulhos na base do madeiramento dos altares; um bom Jesus, ingenuamente carpinteirado, parece dormir tranquillo, grato á simplicidade encantadora d'este culto, satisfeito de uma felicidade vegetal nas suas cinco chagas, as quaes — lembrado talvez da sua anterior existencia de lorangeira — elle toma antes por alporques do que por lançadas, tendo mais vontade de dar folha e fructo aos bons viventes do que de lhes pedir fel do alto da sua cruz de talha, entre os palmitos murchos da ultima festa do orago! E, por fóra da torre estreita e quadrada, a corda do sino, pendente do gancho da porca, oscilla, sôlta no

espaço á viração dos campos, como fazendo batuta de regente ao compassado ondular das messes.

Os abbades têm as batinas velhas, os cabeções um pouco pingados de rapé e os sapatos cambados pelas longas caminhadas ás codornizes; mas são geralmente gordos, saudaveis e nédios. Os enfezados e os magrizelas são victimas de antigas enfermidades heterodoxas, contrahidas no tempo de minoristas quando estudantes nos seminarios de Braga ou de Lamego, não jámais porque os definhe como curas de almas a esterilidade dos passaes ou a magreza dos pés de altar.

Alguns d'estes pastores espirituaes são particularmente interessantes.

N'uma freguezia d'este bispado o parochio, desejando desviar os rapazes seus freguezes do vicio funesto do jogo, conseguiu fazer representar o drama salutar intitulado *Trinta annos ou a vida de um jogador* por uma companhia de curiosos analphabetos, que elle mesmo ensaiou, ensinando-lhes os papeis de ouvido, como lhes ensinara a cartilha. Na representação uma das personagens da peça, a dama, leu de fio a pavio uma carta que recebia em scena, e leu-a bem, no meio dos applausos geraes do publico. Sómente, por um infernal descuido, o joven moço das vaccas, incumbido do interessante papel da heroína a quem era endereçada a epistola, esqueceu-se

de a abrir, e foi atravez do sobrescrito lacrado que leu com ardor, vibrante de commoção tragica, a longa narrativa do fatal caso!

Um outro, com luzes da lingua franceza e espirito aberto ao modernismo, começou a pratica de uma dominga quaresmal dirigindo-se aos fieis da sua pequena parochia rural nos seguintes termos de dentista d'almas:

—*Madamas e monsiús.*

Esta erudita amenidade de boulevardeiro produziu sobre o pëllo de todas as ovelhas presentes uma satisfação enorme.

De resto, o meu amigo Guerra Junqueiro—o qual emquanto não fizer da sua casa um poema, que eu espero, fez já um poema da casa que habita em Vianna,—tinha razão ao dizer-me, que esta é a terra da promissão para os artistas e para os abbades: a paizagem do Lima deslumbra e engorda.

*
* *

Uma coisa inteiramente especial e digna de estudo é o aspecto das numerosas diligencias, *breaks* e *chars-á-bancs*, que circulam sobre estas estradas, desde os Arcos e desde Ponte do Lima até Vianna.

Dois pequenos garranos, quando não é um só, puxam por cima do macadam faiscante de sol as mais phantasticas carradas de gente e de objectos que a imaginação pôde conceber. Dentro do vehiculo senta-se a primeira camada de passageiros nas bancadas. Depois de todos os logares occupados estreitissimamente, á cunha, o vehiculo considera-se completamente vazio, e mette-se-lhe a segunda camada de passageiros, collocada exactamente em cima da primeira. Feita esta operação começa o interior do carro a achar-se quasi cheio, mas não cheio de todo, porque entre o tecto, os joelhos e os bustos dos passageiros da segunda camada, nota-se ainda um espaço oblongo a toda a extensão da berlinda, desde a portinhola do fundo até o vidro da frente. Prehenchido este espaço com um passageiro extendido ao comprido, passa-se a occupar os bancos da imperial e o tejadilho.

Fóra, em vez de irem empilhados como no interior, os passageiros são ensandwichados methodicamente com as bagagens e com as mercadorias, pela ordem seguinte: camada de mercadorias, primeira camada de passageiros, primeira camada de bagagens, segunda camada de passageiros, segunda camada de bagagens; e em cima de tudo isto o penso para os garranos, os merendeiros e os varapaus dos passageiros, e no ar, a um lado, seguro da almofada pe-

la cinta, seguro do guarda-lama pelas pernas, o cocheiro levado a braços pelos viajores.

Para quem olha de longe, a carruagem desaparece completamente sob a enorme massa viva, e não se vê mais que um enorme e inverosímil cacho de gente agarrada uma á outra por um engajo mysterioso, bamboleando ao sol, oscillando da direita para a esquerda e da esquerda para a direita e proseguindo lentamente, levado por duas formigas.

Chegados ao termo da viagem, na praça mais espaçosa da povoação, os garranos param, a carruagem esvazia-se, e a praça enche-se.

Examinei attentamente o cocheiro de um d'esses vehiculos, e segui os seus movimentos desde que baixou do espaço até que o deixaram a sós com a parelha e com a carrimonia núa.

Principiou por tirar de uma algibeira lateral da sua quinzena de panno côr de mel um vasto lenço de algodão encarnado, estendeu-o methodicamente sobre as duas mãos abertas e n'elle estorcegou o nariz estrepitante, alliviando assim as fossas nasas das successivas pitadas introduzidas pela obsequiosidade dos srs. passageiros,—pois, no apertão da pinha dos viajantes, formada na imperial do trem, elle não podéra em transito pitadear-se por mão propria. Em seguida, com o lenço debaixo do braço, a caixa de prata em punho, n'uma compostura

pacata, de magistrado ou de clérigo, olhou de todos os lados para a carruagem, para a parelha, pareceu satisfeito com este exame attento mas perfunctorio, e desengatou os garranos suados, cobertos de pó, que seguiram atraz d'elle para a grande cavallariça ao lado da estalagem.

De suissa e oculos fixos, além da quinzena côr de mel elle trajava calça de brim, collete de ganga, chapéo de palha, e chinellios.



Sou informado de que este cocheiro é na sua terra um pharmaceutico estimado. A sua posição social, os seus bens de fortuna, a sua importancia scientifica, levam-o a ter dois cavalicoques e um *break* para passear aos domingos com a familia. Como porém a pharmacia nem sempre tem que fazer, nem que ganhar, quando as receitas escasseiam e os almofarizes descansam elle põe os garranos ao trem e abotoa-se, como pharmacopola, com os lucros eventuaes de alquilador.

Essas crises de estagnação therapeutica repetem-se com frequencia. Como o fez notar Danton, onde a vida é simples as doenças não são complicadas. No Minho não ha ainda hoje mais do que quatro ou

at.

cinco enfermidades: queixa de peito, malina, espinhela cahida, ramo de estupor, hemorrhoïdal e catarreïra. Antigas purgas de jalapa, de rhuibarbo, de sene e maná, purgas grossas, espessas, de confiança, tomadas ás tijellas, pez de Borgonha para o peito ou para o espinhaço, ipecacuanha como vomitivo, causticos, cataplasmas de mostarda para chamar abaixo os humores, enxofre para as fogagens da pelle, bichas para o hemorrhoïdal e para as contusões por cargas de pau, agua de vegeto para os simples gallos e para os golpes, constituem toda a pharmacopêa local.

De sorte que os boticarios têm tempo para tudo; lêem as folhas, frequentam a bisca do parochio e o voltarete do doutor delegado, ajudam á decoraçãõ do templo nas grandes funcções, e, além de cocheiros de occasião, como aquelle que conheci, são ainda frequentemente regedores de parochia, passarinheiros, explicadores de francez, criadores de gallinaceos. E ha-os que na festa grande do orago da freguezia, obrigada a fogo preso, a arraial no adro com doceiras de melindres, carros de melancias, frituras de pescada, vinho ao torno, e musica de capella á missa cantada, vão para o côro com um papel de solfa em rôlo, como os demais chantes, e atiram-se ao garganteio dos motetos, em voz de tiple, como damnados.

Outros proprietarios e cocheiros de *chars-à-bancs* são alfaiates, são armadores, são madeireiros.

E esta accumulacão de funcções, constituindo uma almotolia orçamental de pequenos renditos, é uma das feições mais caracteristicas da população minhota.

*
* *

A cidadesinha de Vianna é a capital condigna d'esta região.

O viajante é agradavelmente surprehendido logo ao chegar, pelo aspecto da gare, uma das maiores e a mais bella do paiz. Esta construcção, dirigida por um joven engenheiro do Porto, reúne a uma perfeita elegancia de linhas geraes e a uma grande harmonia de proporções a mais esmerada mão d'obra, o mais fino acabamento de todos os detalhes. O granito empregado é o mais bello que se póde ver, e o modo como elle se acha trabalhado desafia toda a comparacão. Uma unica impressão amarga paira sobre o espirito dos viajantes ao encontrarem-se dentro d'este vasto edificio. Acommette-os naturalmente o desgosto de serem tão poucos para tanta casa. E á noite, no silencio que se succede á partida do trem em que viemos, ha uma tristeza saudosa em ouvir n'este palacio de grande cidade o bucoli-

co respiro nocturno do campo e das aldeias: o cantar dos grillos toupeiros entre os milhos e o ladrar longinquo dos cães de quinta, como nos simples apeadeiros dos pequenos circulos ruraes ao longo da via ferrea minhota.

Pela disposição das casas Vianna consta de um grupo de habitações emmassadas n'um pequeno ambito, e do appenso excentrico de uma longa rua. Vista do alto de uma das collinas adjacentes, a casaria de Vianna offerece o aspecto de um grande pagagio de papel branco cahido no chão, entre os campos, á beira do rio.

Vista por dentro, a cidade é encantadora de modestia, de simplicidade, de silencio e de asseio.

A grande abundancia de granito explorado nos arredores permite calçar todas as ruas com grandes pedras indestructiveis, dando ao pavimento uma superficie lisa como a de um muro de cantaria.

Não ha tramways, não ha botequins, não ha cartazes nas esquinas, não ha realejos nem musicos ambulantes, não ha lixo, não ha môscas, e não se vê policia.

A praça principal, destinada por D. Manuel, que a edificou, para as festas publicas, tem um lindo ar de Renascença, com o seu grande chafariz e a sua fachada historica do palacio da Misericordia.

Por varias partes, nas velhas ruas estreitas e con-

torcidas da antiga villa, bellos arcos de portas e de janellas, ou pequenos motivos truncados de decoração architectonica, n'esse interessante estylo meio gothico meio mussulmano ou mourisco, que caracteriza a nossa architectura chamada manuelina.

Finalmente, muitos conventos, entre os quaes o de Santa Cruz, onde viveu e morreu o arcebispo Frei Bartholomeu dos Martyres, e o de S. Domingos, que elle mesmo edificou e em que está sepultado.

Seccou e emmudeceu n'estas casas o antigo correr d'agua que tão docemente embalava o recolhimento e o estudo monastico, cantando nas fontes do dormitorio, entre as murtas da cerca, na arcaria do claustro, nas bicas do refeitório e da sachristia. E ao longo dos corredores abobadados e sonoros perdeu-se o echo das sandalias da communiidade á hora canonica das rezas.

Ha, porém, não sei que vago perfume d'arte n'estas solidões austeras, em que parece palpitar ainda o genio litterario dos historiadores e dos chronicistas, o que quer que seja da melancolia devota da prosa de Frei Luiz de Sousa, cujo mysticismo classico converte a humildade fradesca n'uma especie de privilegio aristocratico de grandes espiritos enfadados do mundo, respondendo provocadoramente pelo culto litterario da mais fina arte beata aos

grosseiros pedantismos da sciencia e aos ruidosos triumphos sociaes da vasta imbecilidade humana.

Esta especie de *malaria* claustral, de que o abandono e a secularisação não desinfectaram ainda completamente o recinto dos conventos, ataca facilmente os escriptores modernos mais ou menos combalidos de nevrose, e raro será o artista um pouco fatigado que n'um d'estes mosteiros de Vianna, tão pittorescamente situados á vista calmante do rio, tão silenciosamente recolhidos e tão bem lavados de ar e de luz, não tenha vontade de exclamar como Bartholomeu dos Martyres, ao voltar do arcebispado de Braga e do primaciato das Hispanhas para a sua humilde cella de frade raso de Santa Cruz: *Hæ requies mea in sæcula sæculi, hic habitabo quoniam elegi eam.*

O jardim publico junto do caes, á beira da agua, é certamente o mais bem situado do paiz. Faltam-lhe apenas algumas grandes arvores para ser inteiramente delicioso como todo o passeio d'ahi até o enorme campo da Senhora da Agonia, sobre a foz do Lima.

*
* *

O porto perdeu toda a importancia dos antigos tempos com a decadencia geral do nosso commer-

cio maritimo, que os antigos foraes protegiam declaradamente, que os regios alvarás do seculo passado procuravam ainda manter por meio das mais rasgadas affirmações da liberdade, *alma do commercio sempre digno de maior favor* como ainda se dizia nos instrumentos officiaes de 1758 a 1778, mas que os governos modernos deixaram cahir em completo descaso, apesar do ultimo grito levantado em favor dos grandes interesses commerciaes da nação pelo honrado José Ferreira Borges, o eloquente propugnador da organização territorial do trabalho e da livre troca.

Do movimento das caravellas do tempo do famoso corsario Pero Gallego e do mareante João Alvarés Fagundes, cujas armas estiveram por algum tempo sobre a porta do castello, e que foi o descobridor e o senhor do Banco da Terra Nova para as pescas do bacalhau; do largo trato maritimo do seculo xv e do seculo xvi, quando a nobreza de Vianna fazendo excepção á do resto do paiz imitava os burguezes venezianos e genovezes no exercicio do commercio, nada mais resta hoje do que alguns vestigios archeologicos da antiga confraria dos mareantes de Vianna.

Reduzida presentemente ao seu pequeno commercio de consumo interior, Vianna é uma cidade morta para a labutação mercantil. D'ahi, pelo lado

esthetico, uma boa parte do seu encanto de terra de villegiatura e de prazer.

Um estabelecimento de banhos, um casino, um grande hotel e alguns cottages mobilados para alugar, sobre a praia, na margem esquerda do rio, e esta seria de certo uma das mais bonitas estações balneares de toda a Europa.



A gente é affavel, hospitaleira, carinhosa, e a mais pacifica do mundo. Um bacharel meu amigo, que exerceu aqui, durante um anno, o lugar de substituto do delegado do ministerio publico, contou-me que no anno em que elle serviu se não fizeram audiencias porque não houve crimes na comarca.

«E' o povo de Vianna, — diz Frei Luiz de Sousa na *Vida do Arcebispo* — dotado de um particular zelo do bem da sua republica: e no que toca ao commum, ainda que uns com outros andem desavindos, logo são unidos e conformes: e onde sentem ser necessario sabem não perdoar diligencia, nem trabalho, nem despesa.» A seguir, por meio de uma phrase bem feita, o biographo do arcebispo dá a entender que os de Vianna são desconfiados: *Acautelam-se*, diz elle, *sem o darem a entender*.

Emquanto a *desconfiados*, devem sel-o os vianenses, como todos os minhotos. E' esse o defeito característico que mais os distingue dos seus vizinhos trasmontanos. Quem bate a uma porta no Minho tem a certeza de ouvir, noventa vezes sobre cem, as seguintes perguntas:— *Quem está ahí?... quem é o senhor?... quem procura?... que lhe quer?...* Quem bate a uma porta em Traz os Montes tem eguaes probabilidades de ouvir uma unica resposta: *Entre quem é.* O minhoto é humilde, resignado, soffredor; por isso timorato e precavido. O trasmontano é resistente e arrebatado; por isso é aberto e decisivo. Cada um tem os defeitos das suas virtudes e as boas qualidades dos seus defeitos.

Desconfiados, portanto, os de Vianna, é natural. Desavindos entre si, não. Dizem-me que não ha terra de menos intriga do que esta, e facilmente o creio perante a leitura dos seus periodicos, nos quaes, durante oito dias consecutivos que eu aqui os li, se não descompoz ninguem!

Acabam de construir um lindo theatro, e têm uma assembléa recreativa, que é um dos mais extraordinarios exemplos que se pódem invocar em favor das vantagens da associação nas condições economicas da existencia. Nas salas d'esta benemerita sociedade joga-se o bilhar, o voltarete e o whist, ha um gabinete de leitura com todos os jornaes do

paiz, o *Gil Blas* e o *Figaro*, e toma-se todas as noites, das nove para as dez horas, chá preto ou verde acompanhado de biscoitos, e servido por creados em *toilette*. Por tudo isto pagam os socios um vintem por dia! A sociedade tem em caixa um fundo de economias na importancia de 2:000.7000. réis.

*
* *

Além d'esta assembléa, existe em Vianna um centro d'arte: é a botica do commendador Reis, estabelecida na praça principal da cidade. A esposa d'este pharmaceutico é artista insigne em bordados de toda a especie e na confecção de flores artificiaes, não só de cêra, de papel e de panno, mas de toda a materia prima, aparas de madeira, conchas, escamas, etc., pelo que tem tido menções honrosas em todos os certames artisticos e exposições de industria celebradas no Porto, em Guimarães e em Braga.

O commendador não exerce senão accidentalmente as nobres artes, mas protege-as em todas as suas manifestações. Tem sido por vezes presidente da Associação dos Artistas de Vianna, e os seus discursos nas assembléas geraes d'essa corporação, se não vivem ainda na memoria dos homens, vivem

na do auctor, a quem os ouvi repetir com particular estimação e apreço.

Tudo pelas artes—é a sua divisa fóra da esphera pharmacologica. Emilia das Neves e Taborda, a quem prestou relevantes e desinteressados serviços por occasião da passagem d'esses artistas por Vianna, deixaram-lhe recordações entusiasticas, em que elle não mexe sem um abalo profundo. Para com os *litteratos habilitados*—elle proprio m'ò disse e não o esquecerei nunca—tem um fraco especial, e o maior gosto da sua vida, segundo as suas textuaes palavras, *seria trazer-os pendurados ao peçoço*. A mim não me honrou com essa prova de agrado, nem eu a merecia,—já porque me faltam talentos já porque péso muito—mas offereceu-me em lembrança da minha modesta passagem pela sua historica botica um caixo de uvas artificiaes, obra de sua invenção, por elle manipulada nos ocios da sciencia que profissionalmente cultiva. Entendi que a melhor maneira de me mostrar agradado e agradecido a esta dadiva era começar por comel-a. Elle porém recusou-se modestamente a acceitar este testemunho de admiração, que tão grato foi a Apelles quando dado pelos pardaes, e advertiu-me com razões plausiveis de que seria imprudente fazer das suas uvas qualquer outro uso que não fosse exclusivamente o *uso externo*.



O grande hotel da cidade é excellente. Em um vasto palacio do seculo passado, com os seus eirados ajardinados, os seus alegretes de azulejos, o seu quintal de horta e pomar dominado por um castanheiro enorme, com ruas de murta, e grandes muros verdes do velludo dos musgos e da vegetação minhota das candeias e dos choupiolos, revestido de hortensias e de roseiras por baixo das ramadas, esta honrada hospedaria provincial, com vastas salas de grande pé direito e nobres janellas de varanda, tem mais o ar de um solar de hospedes do que de uma d'essas casas antipathicas, modelo consagrado do hotel moderno, rectangular, com todos os quartos em fieira para a direita e para a esquerda, n'uma monotonia disciplinar de asylo, de quartel ou de cadeia.



Foi n'esta hospedaria que por uma d'essas incomparaveis manhãs do principio do outono no littoral do Minho, em que a luz ri por toda a amplidão do

espaço, em que no vivo e hilariante azul do céu parece cantarem n'uma symphonia de frescura os murmúrios da agua juntamente com o perfume das violetas e com o pique das algas, que a morte de Eduardo de Lemos, um dos benemeritos fundadores do Gabinete Portuguez de Leitura do Rio de Janeiro, fallecido no quarto contiguo ao meu, me foi annunciada pelos gritos dilacerantes de uma senhora, que cahira prostrada de desolação e de dôr, abraçada á sua filha, n'um canapé do corredor de frente da minha porta.

Na tarde d'esse dia, o quarto mortuario fôra convertido em camara ardente, e eu mudára do meu primitivo aposento para o extremo opposto da casa. Era um pequenino quarto remoto, sobre o quintal. A minha janella dava para a larga varanda de alpendre minhoto, em columnas de pedra, da qual se desce por uma escada descoberta para um pateo ligado ao jardim por uma cancella de páu pintada de vermelho, coberta de rosas de tocar. Ao fundo, o castanheiro todo doirado pelo sol poente. Por cima da espessura verde-negra das laranjeiras rompiam em tons crús, de verde salsa, os novos rebentos viçosos, tumidos de seiva. Vinha cahindo a tarde. Triste, penetrado d'essa vaga expressão de lucto que a morte espalha mysteriosamente por todos os aspectos das coisas, encostara-me á janella,

quando tornei a ouvir — e não a ouvi mais depois d'isso — a voz da mesma senhora que de manhã cahira chorando no corredor. Haviam-a trazido um momento a respirar na varanda, ao ar livre. Então, como se alli, á luz do dia, em presença de todas as realidades da natureza, ella quizesse resolutamente penetrar em toda a verdade e inteiro convencimento de uma desgraça tão inesperada, tão imprevista, começou a dizer a si mesma, lentamente, espaçadamente, escutando-se como se o contasse a outro, ou como se outro lh'o contasse:

— O senhor Eduardo de Lemos morreu!... O senhor Eduardo de Lemos morreu!... Morreu o senhor Eduardo de Lemos!...

E depois de uma pausa, n'um paroxismo de pranto:

— Oh! meu bem!... oh! meu amado!... que te não torno a ver!

Arrosto com os preceitos da discreção para citar estas palavras tão intimas em homenagem a esse pobre morto, por muitos titulos illustre, porque tenho a certeza de que nunca a mesquinha arte dos que mais o veneraram encontrará nem em prosa nem em verso, nem em marmore, nem em bronze, nada mais eloquente, nada mais profundamente terno, nada mais tocantemente saudoso do que esse simples grito instinctivo e supremo de um coração amante.

No dia seguinte levamos o finado ao pequeno cemiterio de Santo Antonio, no alto de uma collina sobranceira á cidade, envolto já no silencio dos campos, todo plantado de velhos cyprestes e de tumulos brancos, sobre cujas urnas de marmore, onde a agua das chuvas se represa, devem baixar confiadas na tranquillidade do sitio, a abeberar-se pela derradeira vez em terra para a travessia do oceano, as revoadas das andorinhas e das rolas que emigram no outono para as regiões do sol. De lá se avista o valle, a ponta fronteira da terra da outra banda, a subida do Faro d'Anha, e em baixo, entre a verdura tenra dos vimeiros, o espelho azul e tranquillo da agua do Lima,

O rio que verás tão sosegado
Que te parecerá que se arrepende
De levar agua dôce ao mar salgado.

Poucos dias antes do da sua morte Eduardo de Lemos, vindo passear ao cemiterio de Santo Antonio, achou que elle era um logar bom para ficar. Foi tambem essa a impressão que eu de lá trouxe.



O mercado semanal em Vianna celebra-se ás sextas feiras, n'um largo lanço de estrada macadamizada, á beira da agua, ao pé do jardim. A feira é constituida por mulheres de todas as freguezias circumvizinhas, d'áquem e d'além rio. Chegam de manhã, enfileiram-se ao lado umas das outras, em tres ou quatro ordens de extensas alas parallelas, pou-sam no chão os cestos com as respectivas mercadorias, e vendem de pé á multidão que preenche os espaços intermediarios de fila para fila, os ovos, a manteiga, o panno de linho, a sirguilha, as *riscas*, as rendas, todos os variados e curiosissimos productos das industrias caseiras dos arredores. Não ha uma barraca, nem um toldo, nem um guarda-sol aberto. O sol cae de chapa em cada figura, e a luz, intensissima, verberada do limpido céo, refrangida pelo espelho do rio, inunda n'uma claridade triumphal, verdadeiramente gloriosa, esse vasto quadro deslumbrante.

As vestimentas das vendedoras, conservando aqui, excepcionalmente, toda a pureza do costume tradicional, são as mais pittorescas, as mais graciosas, as mais variadas de côr e de linha, as mais felizmen-

te achadas para fazer realçar a graça das formas, a ondulação dos movimentos, o mimo da expressão feminil.

As saias curtas, descobrindo a base pyramidal da perna nua, são de panno carmezim ou de sirguilha, de uma infinita variedade de combinações de lã urdida em estopa, em linho e em algodão: brancas ás listras pretas, castanhas ou azues; cinzentas ás riscas vermelhas, azues, castanhas ou brancas, n'uma enorme diversidade de tons. Camisas de grosso linho alvissimo, mangas largas, bordadas em apanhados bysantinos no alto do braço, bordadas em entremeios abertos no mesmo linho sobre os hombros, bordadas ainda a linha de côres, á russa, nos canhões chatos, muito justos ao pulso. Grandes collarinhos redondos, de renda ou de linho, com barra de folho ou barra de renda. O collete muito curto, redondo na cinta, levemente espartilhado, vermelho, cinzento ou preto, sempre guarnecido de uma larga barra de velludo preto lavrado no estylo de Utrecht, ordinariamente pospontado n'uma espiguiha de ouro ou de prata. Os cós das saias são invariavelmente de linho branco, com meio palmo de largura, em pregas miudissimas, presas aos debruns encarnados, pretos ou azues. Os aventaes estreitinhos e curtos, encabeçados em funéos de linho bordado a côres, são de sirguilha com soberbos bordados em

ponto de tapete, nos mais ricos tons de escarlate e de azul persa. Brincos largos de filigrana de ouro. Collares de contas de ouro liso. Algibeiras pendentes da cintura, a um lado, em ampla *châtelaine* de panno, com applicações polychromas guarnecidas de lentejoulas. Os lenços da cabeça, em toucado de diversas formas, já em grande laço como na Alsacia, fazendo diadema sobre os cabellos apartados ao meio, já achatados no alto da cabeça, á semelhança do que usam as mulheres dos Appeninos, já envolvendo o rolo da trança sobre a nuca e cahindo em duas pontas entre as espaduas, são ordinariamente vermelhos, de um magnifico vermelho ardente, de purpura, côr da flor dos cactos.

Aponto á pressa, em notação de resumo telegraphico, alguns typos que se dèstacam aos meus olhos com mais particular relevo.

Uma velha. Sessenta a setenta annos. Rija e direita. Saia muito curta, cinzenta, com barra escarlate, altos tamancos, pernas sêccas e vermelhas, de perdiz. O lenço em desenhos persas, azul, verde e amarello, prendendo a trança. Cabello espesso, crespo, grisalho claro, cahindo na testa e formando suissas de cada lado do rosto. Grandes olhos pretos, nariz grego, dentes magnificos. Arrecadas de filigrana. Collar de grandes contas de ouro polido. Jaqueta curta, desabotoada, de panno azul escuro com

botões amarellos, mangas muito justas, gola inteira e redonda. Longo collarinho de folhos, fechando em bofe no peito. Vende leite.

Joven viuva, tecedeira em Cardiellos. Vende panno. Morena, olhos castanhos, bôcca fina. Cabello louro em bandós lisos. Lenço de seda preta, atado em laço á alsaciana no alto da cabeça. Saia de linho branco em riscas de lã preta e barra preta. Camisa bordada a branco. Collete de panno preto, abotoado no peito com quatro botões de ouro liso dispostos em quadrado. Grande collarinho redondo cercado de renda engommada. Arrecadas e collar de ouro.

Outra tecedeira. Rapariga de Santa Martha. Busto cheio, solidamente modelado; cinta fina, cabelo louro annelado, olhos azues, nariz levemente arrebitado; boquinha gorda. Collete azul bordado a vermelho e a ouro. Saia azul com listras e barra encarnadas. Avental em bordados felpudos azues e encarnados. Camisa de folhos no peito e nos hombros. Algibeira vermelha com lentejoulas de ouro. Grande lenço de algodão vermelho, em prato sobre a testa, contra o sol. O seu aspecto lembra uma festal fogueira de S. João, ardendo em pleno dia. Quando ri nos dentes brancos e pequenos, toda ella parece crepitar n'um polvilhamento de luz, como um estilhaço de sol. Dir-se-ia que a sua juvenil e saudavel figura rebenta do chão como uma planta

em flôr, e que ella sahíu, assim vestida e penteada, com o seu cabaz á cabeça, da alegria da terra, como um grito de jubilo.

Outra, da Meiadella. Vinte e cinco annos. Alta, delicada, de uma pallidez quente, dourada ao sol. Olhos pretos, ensombrados por enormes pestanas. Grossos sobrolhos. Nariz recto. Uma pennugem fina, de pecego maduro, nas fontes e no beijo arqueado em flecha. Vestida de cinzento e azul. *Gorgete* de rendas. Vende panno de linho, mas parece que o dá de presente, a tal ponto é senhoril a sua attitude artistica, de Phrynéa vestida, pousando na feira de Vianna como no areopago de Athenas, direita, a cabeça alta, as duas mãos na cinta, esbelta como uma amphora modelada em Paros por Praxiteles para levar de beber a Alcibiades.

Prezo-me de ter visto mulheres e de ter reparado n'ellas em alguns dos sitios onde mais famosas se tornaram as legendas da formosura. Vi-as celebradas pela arte nas melhores telas de Leonardo de Vinci, de Raphael e do Ticiano, de Velasquez e de Murillo, de Van Dyck e de Rubens, de Rembrandt, de Metsu e de Ary Scheffer, de Greuse, de Watteau e de Latour, de Reynolds e de Thomaz Lawrence. Vi-as nos proprios logares onde vivem ainda as conterraneas dos grandes typos consagrados pela arte: em Hyde Park e em St. James Park,

nos Champs Elysées e no Luxembourg; nas Delicias e no Prado; nas Galerias St. Hubert e no Bosque da Haya, no Square Brougham em Cannes e no Passeio dos Inglezes em Nice, no Trinkhalle de Bade, no Cursaal de Wiesbade e no Palmengarten de Francfort; na terra de Espronceda, na terra de Byron, na terra de Musset, na terra de Goethe, em todas as velhas cidades flamengas, e n'essa nevoenta e mysteriosa Frisa, onde as raparigas, de um mimo sagrado e impolluto como o das flôres do gelo, se diz descenderem das antigas sereias do mar do Norte.

Pois bem! eu acho-me hoje na obrigação de declarar que nunca, em parte alguma, vi mulheres mais bonitas do que algumas das que encontrei a vender na feira de Vianna.

Impressionado por este phenomeno, procurei explical-o, e cheguei a esta conclusão: A mulher do campo de Vianna é a mais bonita de Portugal simplesmente pela razão de que é, entre as mulheres portuguezas, a mais bem educada.

Esta questão é importante pelo seu lado pedagogico e pelo seu lado esthetico.

A mulher feia—e quando digo feia não sómente me refiro á mulher de nariz tôrpe e de bôcca villã, mas egualmente á mulher mal vestida e mal penteada—a mulher plenamente feia é uma calamidade

social. Ella é a deshonra da sua raça, o eterno ridiculo de seu marido, a tristeza de seus irmãos, a humilhação de seus paes.

Assim como a grande maioria dos crimes e a grande maioria das enfermidades, a fealdade é um producto do meio biologico e do meio social.

Em todo o caso de fealdade perfeitamente definida a sociedade tem uma parte de responsabilidade pelo modo como para determinar esse facto morbido ella actuou sobre os modificadores phisicos, chimicos e biologicos que em cada paiz, em cada nação e em cada familia envolvem por todos os lados o individuo, tanto no corpo como na alma, e, para assim dizer, enformam como n'um molde fatal o desenvolvimento da personalidade.

2 A acção da sociedade na fealdade das pessoas exerce-se pela parte que a sociedade tem na plantação das florestas, no regulamento do curso dos rios, na seccação dos pantanos, no serviço das aguas, nos systemas de construcção, nos methodos de limpeza publica, no regimen da alimentação geral, e — finalmente — na orientação dos costumes.

Exemplifiquemos, porque esta exposição, assim resumida, pôde parecer confusa:

at. A mulher de Lisboa—não temo dizel-o, porque isto se acha referido por quantos viajantes tem visitado esta cidade—é das mais feias da Europa.

Vejamos porque :

A mulher de Lisboa é feia pela persistencia de influencias que, actuando consecutivamente sobre os individuos, acabaram por determinar uma feição na raça, e essas influencias são :

1.º Emquanto aos agentes cosmicos, a falta de arvores, que amenisem o clima, suavizando a acção pathogenica dos ventos asperos e seccos e da luz excessivamente crua, verberada das aguas da bahia e das montanhas escalvadas e saibrosas sobre o tegumento exterior dos habitantes, sobre as propriedades da pelle e sobre o funcionamento dos musculos faciaes. Na maior parte dos dias de céu descoberto em Lisboa ninguem se chega a uma janella nem sae á rua senão de oculos azues ou de cara franzida e arrepanhada por todos os musculos, afim de evitar o choque directo da luz sobre a retina. N'este meio physico as fatalidades da lucta pela existencia obrigam a oppor á ophtalmia uma visagem que em breve se torna habitual, pervertendo e desformando a expressão natural das physionomias. Isto pelo que respeita á luz. Pela sua parte, a aspera seccura de todos os ventos de Norte e Leste produz o cieiro e decompõe a pelle.

2.º Emquanto aos agentes physicos e chimicos, a insufficiencia e a carestia da agua, a sombria tristeza dos saguões na maioria dos predios, a infecção

das pias, ordinariamente situadas na propria cozinha das habitações, a escassez dos squares, dos parques e dos jardins, a raridade das flores ornamentaes e das fontes decorativas, e finalmente a alimentação insufficiente e má. O defeito da alimentação dá a dyspepsia. A falta de jardins e de parques, com a falta de flôres e com a falta de fontes, atrophia os ossos das creanças por insufficiencia de nutrição mineral, e leva indirectamente aos habitos de desleixo e de porcaria.

3.º Emquanto aos agentes sociologicos, a falta de institutos de educação phísica, a falta de museus e de galerias de arte, a falta de ensino esthetico, o pelintrismo litterario e poetico, o máu gosto dos monumentos e dos edificios publicos, as estatuas reles, os predios estupidos.

Conhece-se a theoria das suggestões, por meio da qual se explica a acção dos aspectos exteriores das cousas nos phenomenos mentaes, nos estados do espirito, e, por consequencia, nas expressões physiomicas. Nas cidades artisticas, como, por exemplo, em Paris, é facil constatar que a exterioridade das cousas faz uma atmosphaera espiritualisante que torna mais ou menos interessantes todas as figuras. Pelo contrario, nas cidades inestheticas ha um ambiente de vulgaridade geral que achata, esfuma, apaga, apalerma tudo.



No campo de Vianna a verdura da vegetação sua-visa a luz; e a agua doce do rio, serpentado e lento, poetisa a natureza como nas regiões dos lagos.

Não ha influencias sociaes deleterias do gosto como nas vitrines de algumas lojas do Porto e de Lisboa, onde sob o pretexto de exposições de arte decorativa, se amontôa em estatuetas de porcellana, em falsos bronzes, em falsos xarões, em oleographias, em flô-res de papel, em paizagens de cortiça e de miolo de sabugueiro, em cães de lã com olhos de vidro, em toilettes miseravelmente pretenciosas e em moveis baratos de uma luxuosidade grotesca, quanto a fan-caria moderna tem produzido de mais cavilosamente ordinario, de mais catita, de mais flagrantemente pi-fio.

Não se vê em cada dia, a cada hora, a cada canto um d'esses mil chapéos idiotas que nas cidades sem educação d'arte invadem a cada estação do anno os dominios da pathologia da moda, coroando pentea-dos absurdos de senhoras por meio de phantasticas composições de pelucia, de setim ou de veludo af-fectando com os mais enfaticos desenvolvimentos as formas de tomates, de assobios, de talhadas de

melancia, de tubos de chaminé, ou de pratadas de lampreias d'ovos.

Não se ouvem pianos encanzinadamente matraqueados por innocentes donzellas immoladas por seus paes ao minotauro musical vulgarmente conhecido pelo nome de Methodo Carpentier, pobres meninas troca-teclas, d'orelhas inacessiveis a todo o sentimento da affinação e do compasso, com dedos egualmente refractarios á agilidade da technica e á vibrabilidade do talento.

Não ha tão pouco o formalismo de sociedade—outro agente de decomposição physionomica—obrigando a pautar artificialmente, por via de successivas desarticulações, os gestos faciaes do sorriso, do desdem, da affabilidade, do jubilo, da modestia, da consternação, da sagacidade, da melancholia. Veja-se o que succede a qualquer de nós ao encontrarmos-nos com uma senhora que conhecemos: Põe-se um dos sorrisos da variada collecção que possuímos para este effeito divididos, por categorias de intensidade segundo as pessoas a quem os conferimos desde o numero 1 até o numero 20, e tira-se concomitantemente o chapéo. Feitas as despedidas, depois da troca de cumprimentos reciprocos, torna a gente a pôr o chapéo, e com frequencia succede esquecer-se de recolher conjuntamente o sorriso desabrochado, vendo-se n'este caso individuos que por alguns mo-

mentos continuam a descer á rua sósinhos com a mesma cara especial que um pouco antes tinham armado para occorrer á contrascena da conversação. E' preciso ter olhado para uma creatura durante esses fugitivos instantes de transição entre a expressão do que ella quiz parecer e a expressão do que ella realmente é, para obter toda a medida da toleima que póde expressar uma physionomia.



A mulher do campo não está sujeita a nenhuma d'essas influencias deprimentes da normalidade da expressão no rosto humano.

Além d'isso, no campo de Vianna, a educação geral das mulheres corresponde, pelos elementos estheticos que d'ella decorrem, pelas faculdades que desenvolve e pelos habitos que determina, a uma verdadeira *eschola de belleza*.

A aldeã do districto de Vianna é, por via de regra, tecedeira. E' preciso não se confundir o que no Minho se chama *tecedeira* com o que geralmente se entende por *tecelôa*. A tecedeira de Vianna não se emprega n'uma fabrica nem tem propriamente uma officina. Sabe simplesmente tecer como a menina de Lisboa sabe fazer crochet; e junto da janel-

la engrinaldada por um pé de videira o seu pequenino tear caseiro como o da casta Penelope, tem o aspecto decorativo de um puro attributo familiar, como um cavallete de pintura ou um orgão de pedaes no recanto de um salão. A tecedeira trabalha mais para si do que para os outros n'esse velho tear herdado e transmittido de geração em geração, e não tece servilmente e automaticamente como nas fabricas sobre um padrão imposto pelo mestre da officina, mas livremente, como artista, ao solto capricho da sua phantasia e do seu gosto, combinando as côres segundo os retalhos de lã de que dispõe, contrastando os tons e variando os desenhos ao seu arbitrio. Tecer em taes condições é educar a vista e o gosto para a selecção das fórmãs n'um exercicio infinitamente mais util que o de todas as prendas de mãos com que nos collegios se atrophia a intelligencia e se perverte a imaginação das meninas de estimação ensinando-lhes ao mesmo tempo como se abastarda o trabalho e como se deshonra a arte.

Além de tecedeira, toda a rapariga de Vianna é tambem fiandeira, sabe cardar, sabe espadelar, e ella mesma se occupa com uma notavel variedade de conhecimentos e de aptidões de todos os processos por que passa a lã e o linho desde a tosquia do carneiro e desde a ceifa do linhal até á confecção completa da sua linda saia e da sua admiravel

camisa. Sabe ainda manejar os bilros e fazer as rendas, e sobra-lhe tempo de todas estas occupações tão variadas e tão completas para deitar gallinhas e para fabricar manteiga tão fina como a da Normandia.

Não é rara a rapariga que na feira de Vianna vende simultaneamente todos esses productos da sua industria: as gallinhas, os ovos, a manteiga, o panno de linho, o panno de lã, a sirguilha, os bordados e a renda. Além do que, está dos pés á cabeça ricamente vestida pelo trabalho que ella só executou desde a primeira manipulação das substancias primas tomadas á materia bruta até o ultimo ponto da costura e a ultima malha da renda. De duas ovelhas, de uma leira de terra e de um punhado de semente ella extrae pela sua aptidão e pelo seu talento todo o seu enxoval do seu noivado e todo o bragal da sua familia. Extrae ainda alguma cousa mais preciosa que tudo isso, e é o respeito dos outros e a dignidade de si mesma.

Toda a especie de trabalho determina o desenvolvimento de uma faculdade correspondente e de uma virtude correlativa. Das occupações habituaes da mulher das margens do Lima procede a cultura das qualidades que a educação mais deve desenvolver no espirito e no caracter da mulher. Da multiplicitade das aptidões applicadas a tarefas differen-

tes resulta a necessidade de uma justa divisão do tempo por um espirito de reflexão e de ordem. O movimento do tear contrabalança para a coordenação gymnastica dos musculos o movimento dos bilros. A applicação do desenho e das côres aos tecidos e aos bordados cria o sentimento esthetico, exerce a vista, e desenvolve a attenção, a paciencia, a contenção intellectual, a perseverança do espirito, a pacificação dos nervos. A variedade no trabalho, repartido por obras tão diversas como aquellas em que se emprega a mulher em Vianna, aligeira o cansaço, corrige a preguiça do cerebro, mantem a alegria com a frescura da vontade, obsta aos enervados desfallecimentos e ao tenebroso desanimo que a inacção provoca, e livra de impallidecer indo ao luar colher o zimbro ou a herva moliana, e de parar pelas devezas na volta da feira a interrogar os cucos: — *Cuco da ramalheira, quantos annos me dás de solteira?*

O trabalho das rendas basta, por elle só, para crear os habitos de symetrisação, de alinhio, de aceio e de esmero, que necessariamente se communicam da nitidez da operaria a tudo que a rodeia, — os seus vestidos, a sua casa.

O marido minhoto, por mais boçal e mais grosseiro que seja, tem pela mulher assim productiva um respeito de subalterno para superior, e não a

explora tão rudemente aqui como em outras regiões onde a femea do camponio se embrutece de espirito e proporcionalmente se desfórma de corpo acompanhando o homem na lavra, na sachá e na escava, acarretando o estrume, rachando a lenha, matando o porco, pegando á sôga dos bois ou á rabiça do arado, e fazendo zoar o mangoal nas eiras, sob o sol a pino, á malha cyclopica da espiga zaborra.



A' beira da agua ou nas collinas virentes que la deixam o rio, campeiam alguns antigos solares. D'entre os massiços dos castanhaes, aqui e alli, sobre-sae um muro torreado, alguns dentes escancellados de ameia, a cupula byzantina de uma obscura capella; e com os nomes das quintas coincidem os de algumas familias nobres como as dos Bretiandos, dos Almadas, dos Pamplonas, dos Pintos Correias, dos Pereiras da Cunha e dos Limas viscondes da Cerveira e marquezes de Ponte do Lima.

Na Aguieira, uma ruina arabe; e em Cardiellos, a torre de Moure com a sua lenda de D. Sapo filiada na tradição da marketa e no direito feudal do *en-iambage*.

Conta-se que o cavalleiro Florentim Barreto, primeiro senhor de Cardiellos, merecera a alcunha de D. Sapo, que deu nome á torre, pela avida e torpe lascivia com que exigia das noivas dos seus subditos as primicias *primae noctis*. Os de Cardiellos, indignados por este duro monopolio na cobrança nupcial das flôres de lorangeira, usaram em legitima defesa da insidia da metaphora requerendo licença do rei para matar um *sapo* que por suas incontinencias polluia e sevandijava os palmitos das donzellas na noite das bôdas. Ao que o rei annuiu, por não saber que era do seu vassallo Florentim Barreto que tratava a petição. D. Sapo foi morto affrontosamente e empalado como um bicho asqueroso. O rei teve ao saber-o uma consternação profunda. Por onde os povos vieram no conhecimento historico de que tambem não devia ser má peça o tal rei...

Emfim, se não houvesse mal que agoirar de ninguem escusava tambem a gente de trazer comsigo uma figa, de pregar na porta uma ferradura velha de besta muar, e de suspender do tecto um chave-lho de carneiro!



Em Ponte do Lima a ponte que deu o nome á villa é um dos mais antigos monumentos do seu genero em Portugal. Assenta em vinte e quatro arcos, dos quaes dezeseis em ogiva.

Foi reconstruida primeiramente por D. Pedro I, talvez sobre a ponte romana da época da via militar de Braga e Astorga, e depois por D. Manuel. Era entestada por duas bellas torres, uma do lado de Arcozello, outra do lado da villa, a que dava entrada por uma porta ogival. As guardas da ponte assim como as duas torres eram guarnecidas d'ameias.

Com essa forma se conservou este curioso monumento até 1834. Depois, com o regimen liberal, veio uma vereação que mandou arrasar as duas torres; e outra vereação, não querendo ficar atraz da primeira, mandou serrar as ameias que coroavam as guardas! o cinto de muralhas, com as suas cinco portas, as suas torres e as suas barbacans, com que D. Pedro I fortificou a villa reedificada no seculo xiv, não cahiu tambem inteiramente de per si, foram ainda as vereações municipaes que successivamente se encarregaram de o fazer desaparecer,

O poder central em sua alta e suprema indiffe-

rença pelos mais estúpidos attentados de que são objecto os monumentos mais veneráveis da arte e da historia nacional, approvou a uma por uma todas as marradas de preto capoeira com que á municipalidade de Ponte do Lima approuve derribar e destruir os mais bellos vestigios architectonicos da gloriosa historia da antiga villa e o proprio sentido heraldico das suas armas, nas quaes em escudo de prata figura uma ponte entre duas torres.

Um dos raros edificios historicos que ainda aqui se conservam de pé é o palacio dos antigos alcaides môres, viscondes de Villa Nova da Cerveira desde Affonso V, mais tarde marqueses de Ponte do Lima, e primeira das familias portuguezas cujo morgado teve o titulo de visconde.

Este palacio edificado junto de uma das portas roqueiras da villa, que d'ahi se chamou *porta do paço dos viscondes*, é uma linda construcção do seculo xvi. A fachada, de uma leve e elegante curva reentrante, ladeada de duas torres quadradas, rendilhadas de ameias, consta de uma soberba porta e de duas amplas janellas de labores manuelinos. Depois da morte do ultimo marquez de Ponte do Lima, — caracteristico typo de velho fidalgo portuguez, que os amigos do conde de Castello Melhor se lembrarão como eu de ter visto presidir aos seus jantares mais cerimoniaes invariavelmente embru-

lhado n'um gabão de briche — vendeu-se o paço dos viscondes a um alfaiate da localidade. Este artifice, impellido por um arrojado impulso profissional, começou a usufruir a legitima posse do monumento deitando-lhe uns fundilhos. Assim foi que o actual senhor do historico palacio dos alcaides môres de Ponte do Lima me proporcionou a phantastica surpresa de vêr aberta ao meio de cada uma das suas duas torres de estrategia feudal, inteiriças, fendidas de setteiras e coroadas de ameias gothicas, uma grande janella de sacada, no mais chato e mais barato estylo de mestre d'obras contemporaneo, com a sua caixilharia feita á machina e a sua competente varanda de ferro fundido, pintada de verde!

Estou certo de que este alfaiate é de ha muito vereador na sua terra, mas parece-me coerente que o façam tambem deputado. E' bom apropinquar-o o mais possivel dos sete que taes que lá estão no governo a acabar de matar a aranha symbolica da nossa tradição artistica.

Janeiro 1885.

No Porto, *grève* dos carreiros, e tentativa de revolta contra a medida municipal que eleva de 120 a 200 réis o imposto da entrada de cada carro dentro das barreiras da cidade.

No Porto não ha, como em Lisboa, uma corporação de carroceiros. Os transportes de mercadorias são feitos em carros de lavoura, puxados por bois, que os pequenos cultivadores dos arredores trazem á cidade, em busca de um lucro suplementar á mesquinha industria da terra. Este motim collocamos em presença de uma classe que desde a Maria da Fonte até hoje não tornou a fazer falar de si, e que todavia me parece merecer a attenção, não direi da politica, a qual se não importa com essas cousas, mas da chronica.



Nada menos estudado e mais digno de estudo do que uma aldeia minhota depois das reformas administrativas e judiciaes com que os governos liberaes têm successivamente brindado este povo, para o fim de o tornar cada vez mais rico, mais prospero e mais jucundo.

Tão sabias medidas deram em resultado que, no anno do nascimento de Christo a que somos chegados, na aldeia do Minho cessou inteiramente de haver administração e de haver justiça.

Policia rural não existe. O chamado *cabo de policia* é um pequeno agricultor como qualquer outro, que passa a vida a cavar, e não lhe chega o tempo para guardar o que é seu, quanto mais para vigiar o que é dos extranhos.

O régedor, nomeado unica e exclusivamente para fazer as eleições de modo que a auctoridade triumphese seja por que meio for, é, segundo as exigencias do seu cargo, o homem mais enredador, o mais valentão e o mais bulhento do sitio.

O juiz ordinario habita na cabeça do julgado, assim como o juiz de direito na cabeça da comarca, e nenhum d'esses altos funcionarios se desaloja facil-

mente para vir por montes e valles apanhar um typho com as soalheiras do verão ou um pleuriz com as chuvas e as lamas do inverno, para fazer justiça em logares inhospitos, habitados por gente humilde, e invariavelmente designados entre os magistrados das villas e das cidades pelo nome de povoações de selvagens.

Foi irreparavel para o exercicio da justiça nas aldeias a falta do velho e amigavel *juiz eleito*, tão cruelmente maltratado nas farças e nos entremezes do tempo do Romantismo, e supprimido da lei ha doze annos por um governo que provavelmente o não conhecia senão do theatro do Gymnasio, onde o referido cargo era em geral da attribuição comica do actor Taborda.

Quando além do regedor se cria na aldeia um homem que indinheira e que tem pulso, esse homem converte-se em um mandão, e exerce uma auctoridade tão arbitraria e tão absoluta como a dos antigos capitães móres.

N'um logar perto do Porto, um d'esses figurões, de profissão moleiro, apanhou uma pobre mulher em furto flagrante de uma pequena porção de farinha: estendeu-a em cima da mó, e applicou-lhe com um fueiro uma tão desalmada sova que a mulher cahiu examine no caminho de casa, precisamente á porta do regedor, que a recolheu por caridade.

Estava moribunda e foi sacramentada no dia seguinte. Um amigo meu mandou tratá-la pelo seu medico durante quinze dias, ao cabo dos quaes foi transportada ao hospital do Porto, sobre um colção, n'um carro de bois, e lá esteve em curativo dois mezes. Esta mulher nunca disse quem lhe bateu, para não ir para a Costa d'Africa por ladra. O regedor não procedeu contra o moleiro, porque lhe devia moeda e meia, e além d'isso precisava d'elle para as eleições, porque o moleiro tinha metade dos votos da freguezia fechados na mão. Do barbaro espancamento d'essa desgraçada, que ficou arrasada de saude e impossibilitada de continuar a trabalhar durante o resto de sua vida, não resultou mais nada senão este caso benefico para as instituições: que o moleiro levou a sua gente a votar com o regedor, e o governo triumphou por unanimidade n'esta freguezia pelas eleições immediatas.

Ao pé de Guimarães ha um taberneiro que fabrica em cada anno duas pipas de vinho. Com essas duas pipas taberneia, baldroca e aquartilha seis, e com isso mantem o seu giro de commercio e alimenta a sua familia durante o anno todo. Este taberneiro não possui uma unica cêpa e nunca de memoria de homens comprou um cacho de uvas. Tem um gigo vindimo para si, tem mais tantos gigos vindimos quantas são as pessoas de sua familia; e quando

Deus Nosso Senhor amadurece as uvas, elle, providente e exacto como uma força supranumeraria da sabia natureza, furta-as com a mesma regularidade perfeita e inilludivel com que a videira as dá.

Um proprietario meu conhecido, de uma aldeia do districto de Braga, fez ha oito annos uma grande plantação de damasqueiros, que têm produzido largamente, mas dos quaes elle ainda não conseguiu provar um unico fructo. Tambem em compensação nunca teve tão pouco o trabalho de os colher. São os vizinhos que invariavelmente se encarregam de toda essa massada.

Nas aldeias, onde, em vez de um unico mandão, ha dois, o que é frequente, a população divide-se em dois bandos: o bando A e o bando B. Quando alguem do bando A faz uma morte, A livra-o. Quando a morte é feita por alguem do outro bando, quem livra é B.

*
* * *

Que faz o Estado com relação á segurança e aos interesses das aldeias, cuja população cobre a maior parte do territorio continental portuguez?

A grande verdade é que o Estado não faz cousa alguma.

O governo central abandonou totalmente a aldeia, confiando-a á junta de parochia, á camara municipal e á junta geral do districto. Essas tres bombas aspirantes da substancia pecuniaria do contribuinte não deixam coalhar-lhe dois vintens no bolso.

Diz-se e repete-se todos os dias que o proprietario do norte do paiz paga pouco. A isto respondia o meu amigo conde de Margaride, em uma reunião de deputados em Lisboa, que, se quizessem dar-lhe pelos seus bens uma somma equivalente ao juro de dez vezes o que elle paga de imposto, immediatamente elle cederia por venda ao auctor d'essa proposta todos os avultados bens que possui no districto de Braga. Ora os pequenos proprietarios estão collectados em muito mais altas proporções do que os grandes.

A propriedade minhota não está sómente muito dividida por numerosos possuidores, está ainda — e é esse um dos seus caracteres mais especiaes — miudamente retalhada com relação á casa de cada um. Os bens de cada proprietario constam de uma porção mais ou menos numerosa de glebas dispersas: uma leira separada das leiras circumvizinhas pelos pequenos carvalhos encavallados pelas uveiras, ou por meio de um simples rêgo em quadrado no meio da agra collectiva com um caminho commum; mais longe outra leira; aqui a terra sêcca;

além o lameiro; acolá a bouça, o chão de pinhal ou o souto de castanheiros. A rega nas agras faz-se pelo tradicional costume de *torna-em-torna*. A agua vae correndo successivamente de campinho em campinho. Uma busina dá o signal para que cada consorte venha tomar o rêgo. Quem não está á busina perde a vez, e o rêgo d'agua passa adeante á leira do vizinho. D'ahí, frequentes conflicts que ou se resolvem ao varapau e á choupa, ou se submettem ao *lettrado* e ficam sendo objecto judicial de litigio em infindaveis demandas.

Esta circumstancia peculiar e caracteristica de toda a lavoura do Minho, além de encarecer e difficultar consideravelmente o amanho das terras, submete o proprietario aos mais complicados tramites nas suas relações com o fisco. Ha lavrador de pequena casa, cujos bens se acham todavia dispersos sob a jurisdicção de seis ou oito freguezias. São outras tantas juntas de parochia, constantes de cinco membros electivos cada uma, são outros tantos regedores, outros tantos escrivães e outros tantos parochos. macerando com as congruas, com as contribuições directas, com as derramas supplementares, um pobre homem, que pela dispersão da sua propriedade pertence a oito freguezias, podendo por esse facto enterrar-se em todas ellas, mas não podendo votar se não em uma!



Em nenhuma outra região é o cultivador tão rotineiro, e em nenhuma outra talvez é a rotina da cultura mais empirica e mais ruinosa.

A pequena dosagem dos principios calcareos, não só na constituição do solo como na da atmospheria, em uma grande parte do Minho, influe na alimentação das plantas e na ossatura dos animaes. Exceptuando o boi barroirão, todo o animal minhoto ainda que gordo, é pequeno, — pequena a vacca, pequeno o cavallo, o carneiro, o porco, o cão. Basta comparar o podengo do Minho com o do Alemtejo para ter a medida d'esta differença.

No desenvolvimento das plantas, a insufficiencia de calcareo é compensada pela abundancia das aguas peculiar de todos os paizes graniticos.

A agua, que é pois a grande, a suprema riqueza minhota, determinando o alastramento da população rural, o fraccionamento da propriedade e as formas ruraes da pequena cultura, é, por inaptidão do habitante, perdida em grande parte e desgovernada sempre. As torrentes pluviaes são absolutamente despresadas, e não só não são devidamente captadas, quer para augmentar pela infiltração o debito das fontes, quer para a rega directa no tempo

das estiagens, mas produzem ainda enormes prejuizos na economia da região pauperizando o sólo pelo facto de levarem para os rios a camada mais pingue dos terrenos de encosta.

Outro elemento de primeira importancia para a fertilidade das terras amanhadas é o matto dos chãos de bravio constituindo a *bouça* complementar de toda a propriedade rustica.

Essas glebas cobertas de sarças montezinas, cujas manchas de um tom verde bronze tão particularmente caracterizam o pittoresco da campina minhota, constituem uma variedade de pastios que em certas épochas do anno podem substituir os prados, dão combustivel aos lares, fornecem cama para os curraes e são parte preponderante das montureiras contribuindo como adubo da terra para a nutrição das plantas com o acido phosphorico e com o calcareo.

O lavrador tem, não obstante, com relação ao aproveitamento do matto, a mesma falta de noções que o distinguem no aproveitamento da agua.

A prestimosa boucinha é por elle desalmadamente roçada á enxada, em qualquer época do anno, segundo as necessidades da limpeza do estabulo, do chão do quinteiro ou da pilha do estrume, quando os mais rudimentares preceitos da cultura intelligente aconselhariam a não prejudicar as raizes e os re-

bentos roçando o matto por maceração, á sachola, mas sim segando o systematicamente e no tempo proprio com a fouce roçadoira. Depois, no monturo desabrigado, o matto exposto ao sol e á chuva para o fim de ser esmagado sob as pégadas da gente e do gado antes de se empilhar com o que se retira fermentado das córtes, perde pela decomposição muito dos principios nutritivos de que nativamente dispunha. Desperdicio enorme!

Além do commercio do boi creado para a exportação, o agricultor cultiva milho e fabrica o vinho verde.

Acêrca do estado d'estas diversas industrias, escreve um distincto agronomo, o senhor J. Motta Prego, as seguintes linhas, impressas na *Revista de Guimarães*, valiosa publicação da benemerita sociedade *Martins Sarmento*:

«A' falta de uma exportação que uniformise o valor dos productos junta-se uma pessima agricultura, sem sciencia, sem arte, sem economia. Faz dó percorrer as campinas do Minho quando os trabalhos agricolas são mais intensos: vê se uma agricultura barbara, em que só um terreno generoso pôde pagar a ingratidão de um mau fabrico. Não se dão ás terras as lavras prescriptas pela sciencia; os adubos são maus, porque as montureiras perderam ao tempo os principios azotados que lhes davam a fertili-

dade, e são empregados em menor quantidade do que requer uma cultura intensiva; o afolhamento é ao acaso, ignorando-se que é da conveniente ordem das culturas que em grande parte depende a sua boa producção; os adubos mineraes, applicados como correctivos, são desconhecidos; as forragens gastam-se segundo a maior ou menor abundancia, não se regularisando a sua administração, quer por meio da ensilagem, querendo-as dar em verde, quer regando-as nos tempos convenientes; e quantas vezes ao erro de uma ceifa intempestiva se somma o da lixivia pela chuva, que lhes rouba uma grande parte dos principios nutritivos! as palhas resentem-se da sua má conservação; descura-se a hygiene dos gados, que vivem n'uma atmosphaera onde o oxygeneo falta e abundam os principios toxicos das fermentações; alimenta-se um animal para trabalho como para a engorda ou para a lactação: uma serie de praticas insustentaveis, um geral esbanjamento agricola, que arrasta os rendeiros á miseria! Cruel ignorancia, que consome vidas e vidas a mourejar e a cavar a terra ingrata, e que deixa os cultivadores a mendigar no fim da vida o pão de cada dia.»

Sendo o vinho verde o mais importante dos productos agricolas da provincia, sendo perfeitamente adequado aos interesses da terra o systema tradicional da vinha alta ou vinha de enforcado, o agricul-

*Quantos prejuizos com o curro
pau.*

tor minhoto não pôde deixar amadurecer os cachos nas uveiras, e vindima em verde para que lhe não comam as uvas antes do tempo de as deitar ao lagar. Além d'esta imperfeição, inevitavel pela falta de policia, ha — como fez notar o professor Lapa — consideraveis erros em curso nos methodos de podar a cêpa e de tratar o mosto e o vinho, quer no lagar, quer na pipa.

A producção está naturalmente longe de attingir o que se deveria esperar. O minhoto tira, em maximo, de cada hectare de terreno 14 hectolitros de milho e 11 de trigo, enquanto em Inglaterra, por exemplo, se colhem sobre igual superficie de terreno 40 hectolitros, ou seja o *tresdobro* da producção portugueza. Este *deficit* procede principalmente da pobreza das adubações. Para que a cultura cerealifera attingisse no Minho condições remuneradoras, independentemente da protecção do Estado pelo imposto de importação sobre os cereaes estrangeiros, seria preciso que houvesse prados onde se creassem gados que produzissem estrume.

A creação da vacca leiteira e a industria dos laticinios seria a riqueza, a prosperidade e a abundancia de toda a região de entre Douro e Minho, cujos habitantes emigram hoje aos centenaes por anno expulsos da terra pela miseria e pela fome. Em um solo privilegiado com as melhores condições pa-

ra a producção forraginosa, com proveito da tradicional cultura cerealifera, e em paiz que importa em cada anno seiscentos contos de queijo e de manteiga, não ha um unico rendeiro minhoto que saiba cultivar um prado e alimentar uma vacca de leite!



Existe na Prussia desde 1821, e tem-se consecutivamente dilatado por toda a Allemanha, uma lei chamada da *reunião das parcellas territoriaes*. Em virtude d'esta lei, desde que um certo numero de proprietarios o solicitem, uma commissão competente procede por via de trocas combinadas á reunião em tórno da habitação de cada um dos diversos retalhos de terreno que elle possuia dispersos e encravados na propriedade dos outros. Os primeiros ensaios para a realisação d'esta medida fizeram-se lentamente, atravez de enormes difficuldades. O governo prussiano persistiu com paciencia e tenacidade. A pratica removeu a pouco e pouco todos os estorvos que difficultavam a execução da lei, a ponto de que chega a exceder um milhão de hectares por anno a quantidade dos terrenos sobre que ella se applicou. D'este remanuseamento da propriedade ru-

ral, feito quasi sem despesa alguma, sem augmento de imposto ou de qualquer outro novo encargo para o proprietario, além de uma consideravel vantagem geral proveniente do facil saneamento dos tractos do solo insalubre, da abertura de novos caminhos, de uma consideravel utilização de espaço occupado por muros e por vallados, de um mais logico, mais equitativo e mais perfeito regimen das aguas de rêga e de lima, etc., resultou, pela economia de trabalho e pelas facilidades de attenção e de vigilancia no amanho da terra, um progresso de cultura e um augmento de rendimento, que, segundo as mais exactas estatisticas, se avalia em 30 a 40 por cento.

Ha, como esta, toda uma serie de pequenas leis, de ha muito sanccionadas pela experiencia e referendadas pela practica de paizes agricolas como a Alemanha, a Suissa, a Inglaterra, a França e os Estados Unidos, e tendo por objecto e remodelação da propriedade rural, a simplificação dos contractos que lhe são relativos, a organização do trabalho agricola, a maxima riqueza da terra e o maior bem estar do lavrador.

Com o estabelecimento de algumas escholas agricolas, quatro ou cinco d'estas leis, humildemente estudadas, honradamente discutidas pelos homens technicos e por aquelles a cujos interesses ellas se di-

rigem, não no parlatorio de S. Bento mas no proprio âmago do conflicto local da região a que houvessem de ser applicadas, dariam, sendo exacta e rigorosamente postas em practica pelos poderes publicos, os resultados mais decisivos para a regeneração economica e social da povoação minhota, a qual no estado presente morreria de fome se lhe faltassem os suppressmentos orçamentaes dos seus emigrados no Brazil.

Ignoram os legisladores portuguezes que existem semelhantes leis lá fóra e taes miserias no seu paiz, ou entendem simplesmente que não foi para se occuparem de uma tal ordem de estudos que o governo os mandou propôr pelos seus regedores aos eleitores que os votaram?

Não sei.

*
* *

A instrucção publica da aldeia é uma ficção verdadeiramente irrisoria. O censo de 1878 demonstrou pela estatistica da instrucção elementar que no districto de Braga, de mil individuos, são inteiramente analphabetos oitocentos e onze! No districto de Vianna o numero dos analphabetos é de setecentos e noventa e nove por mil. Deduza-se da escaça porção dos que sabem ler e escrever, ou apenas sabem

at } ler, os habitantes das capitaes dos districtos e dos concelhos, das cidades e das villas, e não será difficil concluir *à priori* que em regra geral nas aldeias minhotas ninguem sabe ler. E essa é a verdade.

Em toda esta região eminentemente cultivadora não ha uma só eschola agricola, nem um unico posto agronomico!

O ensino technico ambulante por meio de missões agricolas seria, juntamente com os comicios ruraes, o meio mais proprio para vulgarisar n'estes logares a sciencia da cultura. Creio porém que desde a excursão do illustre professor João Ignacio Ferreira Lapa, e do comício agricola que por essa occasião se instituiu em Braga, ninguem mais se occupou d'esta forma de semear conhecimentos.

Alguns escriptores da maior auctoridade e da mais provada competencia, á frente dos quaes eu citarei pelos seus bellos estudos de economia rural na região do Minho o senhor Alberto Sampaio, têm esclarecido nos ultimos tempos muitas questões importantissimas para o interesse dos cultivadores. Mas estamos aqui muito longe das aldeias suissas, onde não ha familia que não assigne e que não leia uma, pelo menos, das revistas agricolas do seu cantão.

As juntas de parochia, que exercem um poder quasi inteiramente discrecionario e absoluto, são el-

las mesmas constituídas por individuos que em geral não sabem ler nem escrever, pois, segundo a lei, não fazem parte da junta parochial nem o parochio, nem o mestre-eschola, nem o regedor, os quaes por via de regra são as unicas pessoas da freguezia mais ou menos superficialmente relacionadas com as primeiras lettras.

*
* *

As leis feitas em Lisboa são, como toda a gente sabe, uma coisa tão subalterna para a attenção dos legisladores que na grande maioria dos casos dentro do proprio santuario das côrtes ninguem as entende senão o relator da commissão que as fez. Mais tarde veem as portarias interpretativas. Como cada ministro interpreta a seu modo, a portaria mais recente revoga por propria conta e risco a interpretação da portaria anterior. Se nos tribunaes de Lisboa e do Porto é enorme a confusão proveniente d'esta insondavel trapalhada, imagine-se o que succederá n'um longinquo julgado sertanejo!

Os attentados commettidos em nome da lei são tão monstruosos como aquelles que a desdizem ou a violam. N'uma comarca do Minho abre-se um testamento rubricado em todas as folhas excepto na ultima,

onde o testador entendera, com razão, que a assignatura tornava ociosa a rubrica. Como porém a lei dispõe que sejam rubricadas todas as paginas, o testamento de que se trata foi annullado!

O typo historico da propriedade está cada vez mais obliterado e ella cada vez mais dispersa pela legislação moderna, principalmente pela abolição dos prazos e pela contribuição do registo.

*
* * *

Algumas importantes industrias locais, industrias auxiliares da lavoura, e industrias caseiras, como a dos ferreiros, como a dos ourives, morreram pela transformação economica ou mechanica do trabalho, ou pela concorrência estrangeira; e não ha industrias novas que substituam as antigas.

O numero dos ourives de tradição arabe que nos concelhos ruraes do Minho accumulam esta pequena industria com a da lavoura era ha cêrca de dez annos do triplo do que hoje é. Desde a introdução do ouro francez em 1870 oitocentas pessoas têm sido expulsas pela concorrência do trabalho da ourivesaria tradicional.

As antigas ferrarias do districto de Braga, con-

celho da Maia, e de Penafiel, fecharam todas no decurso dos ultimos quinze annos. O vasto fabrico das candeias de ferro, usadas em todos os casaes e exportadas para a Africa e para o Brazil, cessou pela introducção do petroleo. O prego batido desapareceu perante a invasão do prego de arame fabricado á machina nas grandes officinas a vapor de Lisboa e do Porto.

Nada mais melancolico ao longo das antigas estradas carroajadas pela mala-posta e pelas diligencias de Braga, do que o aspecto d'esses successivos pardieiros abandonados e ennegrecidos que ha tão poucos annos ainda eram as sympathicas officinas dos ferreiros, onde logo ao romper do dia os caçadores e os viajantes ouviam repicar os malhos na bigorna, enquanto o folle de ferreiro ateava arquejante ao fundo das cabanas o rubro e alegre clarão das forjas!

Ha nas cidades e nas grandes villas a fundição e a serralheria moderna, mas o antigo ferreiro, o modesto ferreirinho da tradição popular, desapareceu de todo, e já não ha pelos caminhos a quem applicar o inutilisado apódo :

Ferreiro da maldição,
Quando tem ferro
Não tem carvão!

A industria de tradição pastoral da chamada *louça de pau*, a fabricação das gamellas, das concas e das colheres, declina tambem pela introdução de analogos utensilios feitos de ferro estrangeiro; n'esse vasto cemiterio que outr'ora foi a área das nossas industrias ruraes, o tamanqueiro é dos poucos sobreviventes, para pouco tempo decerto, porque os seus dias estão contados, como os do carpinteiro de carros, de rodas massiças eguaes ás das carretas celtas, e os do entalhador de jugos de bois, tão admiravelmente esculpidos.

A industria da construcção naval acha-se extincta em toda a costa; e com a decadencia da navegação definhou a industria das rendas e a das cordas,

Das terras de Traz-os-Montes acabou de desaparecer há dez annos a cultura do bicho de seda e a fabricação das sedas admiraveis e dos velludos já famosos no seculo xvi.

A olaria, de todas as nossas industrias tradicionaes a de evolução mais completa depois da ourivesaria, e portanto das de mais valor ethnologico, tendê a transformar-se em industria de concorrencia, e está ameaçada de perder em pouco tempo o caracter local que lhe imprime a espontanea inspiração do povo.

Persiste tambem, felizmente indisputado, o fabricante de cestos; mas esta industria não occupa em

geral o operario senão por um curto espaço do anno. Na Maia, em um dos primeiros domingos depois do córte dos vimeiros, as raparigas vão em festa ao som da chula e da *Canninha Verde* tangida pelas rabecas e pelos clarinetes da freguezia, depôr em casa do açafateiro, que as espera com apparatus, os mólhos de vimes representando a encomenda do anno. Quando o açafateiro tem tantos canastreis quantas as mólhadas que lhe levaram, annuncia o successo de logar em logar, por meio do bando do *Zépreira*, composto de um bombo e de uma caixa de rufo; e as raparigas voltam, com a chula á frente, a receber a obra que o açafateiro distribue ás danças.

É do deperecimento de tantas antigas industrias ruraes ou caseiras que provém o emprego dos agricultores no trafego das mercadorias e no transporte de cargas,—nova industria boçal, prejudicialissima aos interesses agricolas, porque distrae da terra, da casa e da familia a presença do cultivador, dá maus costumes vagabundos, de arrieiro e d'almocreve, empobrece as forças nervosas do homem, emmagrece os bois, e cerceia ao adubo dos campos o estrume desbaratado pelo macadam das estradas e pelas ruas do Porto.

Da industria do carreiro deriva directamente a do homem que vae á bosta, e é esta a derradeira ex-

pressão do trabalho a que o governo da nação destina a actividade do cultivador minhoto.

A bosta! — é a ultima palavra da sabedoria do governo applicada á sorte das aldeias do Minho, e é bôa palavra, porque resume tudo. Por isso, com o devido respeito aos poderes publicos, eu a encaixilho n'esta pagina.

*
*
*

No meio de uma população tão densa como a população do Minho, onde para cada cem hectares de terra ha cento e vinte habitantes emquanto no Alemtejo não ha senão trese, vêem-se quebradas de serra onde a habitação de cada familia consta de uma só peça, onde dormem promiscuamente á roda do lar o marido, a mulher, os filhos e muitas vezes o porco. N'um raio de duas leguas em redondo ha cabanas identicas, mas não ha uma eschola, não ha uma botica, não ha um medico.

at. } A unica auctoridade moral, o unico poder de espirito é o do abbade. E fala-se ainda algumas vezes entre os philosophos de Lisboa na separação da Igreja e do Estado, e na liberdade dos cultos! Supprimam o culto official no Minho, e a população rural fica inteiramente acephala.

Sendo geralmente a ração media de um portuguez, em carne e em pão, de um quarto da ração de um francez, nos casaes a que me refiro nenhum habitante chega a ter metade da alimentação indispensavel a um trabalhador robusto e laborioso.



E esta lamentavel gente, completamente esquecida da civilisação, inteiramente separada por todos os vinculos, excepto pelo do imposto, da administração central, da administração districtal, da administração municipal, da administração parochial; esta gente, a quem faltam os meios de occorrer ás primeiras necessidades da casa, do vestuario, da alimentação, paga pontualmente, inilludivelmente, para todas as necessidades da parochia, da municipalidade, do districto e do Estado: paga para o exercito, paga para a policia, paga para as ruas, paga para os jardins, paga para os lyceus, paga para as escolas! E como nenhum beneficio recolhe do dinheiro com que contribue, a aldeia é pura e simplesmente roubada pela parochia, pela municipalidade, pelo districto e pelo governo, do modo mais despotico e iniquo.



Quando a camara municipal do Porto deliberou que o pequeno cultivador das redondezas da cidade tinha lucros sobejos, hauridos da sua industria de carreteiro, e podia muito bem pagar á barreira dois tostões em vez de seis vintens pela entrada da sua junta de boisinhos magros, louros e anemicos, e pela sua tósca e esguia carreta gauleza, do tempo de Constantino, o minhoto, fazendo uma excepção aos seus habitos de velho servo humilde, fez parede com alguns companheiros, e dispoz-se a castigar a chuço e a cajado aquelles que se avençassem com os portageiros portuenses para o pagamento da nova taxa.

Um pequeno troço de cavallaria ás ordens da vereação espadeirou os recalcitrantes; o novo tributo satisfez-se, e os carros das pequenas lavouras voltaram a andar ao fanico dentro da cidade, ás terças feiras, quintas e sabbados, como de costume.

Os jornaes affectos á vereação do Porto provaram por meio dos mais engenhosos calculos que um carreiro, pagando apenas 200 réis, vinha em rigor a pagar muito menos do que pagava desembolçando 120. E toda a gente, principalmente aquella que nada percebera do modo como se fazia esta

conta, se deu por convencida e por edificada sobre o assumpto.

* * *

A camara do Porto passou a receber e a applicar aos melhoramentos do baluarte da liberdade e da febre typhoide, mais 40 réis por cabeça de boi de fanico; e enquanto estas coisas se passavam, as côrtes, em sua imperturbavel sabedoria, continuaram a dar-lhe para a frente com a cegarrega da resposta ao discurso da corôa.

Quando acabam de responder a esse discurso, os deputados enviam para a provincia, sobrescriptados aos quarenta maiores contribuintes dos seus respectivos circulos, os *Diarios da Camara* em que se acha archivado o nariz de cera que cada um meteu na discussão.

E' talvez a estas dadas periodicas de eloquencia cada vez mais gasta e mais safada—unico signal de que existe um governo parlamentar—que nas aldeias se refere a expressiva cantiga:

De Lisboa me mandaram
Em presente com seu môlho:
As costellas d'uma pulga,
O coração de um piôlho!

E' dia de Natal.

A cidade amanheceu alegre no céu fresco e azul. Os carrilhões das egrejas repicam festivamente. As salchicharias, os restaurantes, as pastellarias, ostentam em exposição os seus productos mais appetitosos: os grandes porcos, de couro nitidamente barbeado, suspensos do tecto com a cabeça para baixo; as salchichas e os chouriços de sangue pendentes em bambolim; as cabeças de vitella, de uma palidez lymphatica, rodeadas de agriões; os perús gordos como ventres de conegos, com o papo recheado pela respectiva cabidela; as *galantines* marmoreadas; as louras perdizes postas em pyramide; as costelletas; as geléas de reflexos côr de topazio; as verduras de salsa picada; os grossos mólhos opu-

lentos dos espargos; os bolos do Natal: os fartes, os sonhos, os morgados, as filhós, as queijadas, os *christmas-kacks*, os *puddings*, os *bonbons glacés*.

E a abundancia d'estas exposições dá ás ruas o aspecto culinario da abundancia, da plenitude.

Os ramalhetes de violetas com o seu collarinho feito de duas malvas, extendem-se de todos os lados para as casas dos paletots, e perfumam o ambiente com uma frescura orvalhada. Os cabazes das camelias scintillam como grandes esmaltes. As lojas de bijouterias armaram o grande pinheiro do Natal, cujas hastes desabrocham em cartuchos de amendoas, em cartonagens douradas, em animaes de quasi todas as especies recolhidas na arca, em cabriolets de lata, em cavallos de cartão, em palhaços vermelhos que tocam pratos, e em lindas bonecas vestidas de setim com os seus *pufs*, os seus *chignons* e os seus regalos.

Lisboa inteira passeia na vasta alegria do sol. Os homens trazem os seus embrulhos, as mulheres levam os seus filhos pela mão.

As meninas, vestidas de novo, em grande *toilette*, frescas como lilazes, com os seus narizinhos rosados pelo Nordeste, dirigem-se ao baile infantil, organizado no salão de um theatro por uma associação de senhoras, em favôr de um estabelecimento de beneficencia.

O piano em alegres esfuziadas chama á quadrilha as jovens damas de quatro annos e os pequenos cavalheiros seus pares. A arvore do Natal braceja as dadivas encantadoras sobre o grande baile em miniatura...

Ide, queridos amiguinhos, ide divertir-vos! Aquelle que vos fala já foi em tempo—ha bom tempo!—aquillo que vós hoje sois, e teve tambem a sua festa inteiramente desanuviada, absolutamente feliz como a vossa. A unica differença é que, n'essa remota idade e no obscuro canto da provincia em que elle nasceu, a *Arvore do Natal* era ainda uma instituição desconhecida. Era uma terra barbara aquella em que este pae-avô veiu á luz e que tantas vezes elle percorreu, já periclitante na imperial de tremulas e arrastadas diligencias, já a cavallo debaixo de um amplo capote de cabeções, já a pé, só, com um bordão!

Elle conhecia n'esse tempo como o seu proprio quarto, a essa terra; tinha de cór o numero das covas no macadam das estradas, os buracos dos velhos muros por onde rompiam os musgos e as madresilvas, os brancos campanarios das egrejas situadas no fundo dos valles, entre as nogueiras e os carvalhos, ao cabo dos longos tapetes formados pela superficie variegada dos campos de trevo. Sabia em que casaes se bebia o melhor leite nas manhãs de

verão, e em que rios se pescavam á linha os salmões mais saborosos e as mais volumosas trutas. Consta-valhe cada manhã em que oiteiros cobertos de urze, de cardos, de asperas moitas de tojo e de espessos fetos tinha ficado de vespera a revoada das perdzes. Conhecia os differentes vinhos selvagens, que se vendiam na sombria frescura interior das tabernas recolhidas nos cotovellos das brancas estradas cobertas de sol, nos recostos das empinadas ladeiras tortuosas, e nas desembocaduras das longas pontes de madeira de pinho. Sabia os nomes dos abba-des. E ainda agora, depois de uma ausencia de bastantes annos, pensando n'isso e fechando os olhos, torna em espirito a ver as viçosas varzeas, as frescas mattas das terras fundas, sonoras dos murmurios da agua correndo na rega ou cahindo nas levadas e nas azenhas; a forte vegetação dos millos e dos castanheiros; e, acompanhados de um pequeno pastor immundo, a cavallo n'uma velha egua lanzuda, alguns poucos bois magros de trabalho e de fadiga atravessando lentamente o ribeiro, mugindo com saudosa melancholia, ou abeberando-se inclinados e humildes na frescura da corrente. Depois, nos terrenos altos, os pinhaes, as encruzilhadas das estradas com os seus cruzeiros de granito, as caixas das esmolas para as almas, o nicho tosco na forma de um armario de cozinha, talhado em arco,

tendo defronte a sua lanterna enfumada, encanestrada em uma rede de ferro e chumbada ao alto do nicho por um gancho; e, disseminados pelos caminhos recurvos e accidentados, os pequenos eirados seguros em esteios de pedra com os parapeitos pintados de vermelhão; os alpendres dos ferradores, onde os pardaes debicam nos beirões do telhado; as choças cobertas de colmo, eternamente envôltas em fumo, ao pé das eiras em que se erguem as medidas como altas cabanas ponteagudas.

O objecto do culto, da admiração, do enthusiasmo, do enlevo dos pequenos do meu tempo era o velho *presepio*, tão ingenuo, tão profundamente infantil, tão cheio de coisas risonhas, pittorescas, festivas, inesperadas.

Era uma grande montanha de musgo, salpicada de fontes, de cascatas, de pequenos lagos, serpenteada de estradas em zig-zag e de ribeiros atravessados de pontes rusticas.

Em baixo, n'um pequeno tabernaculo, cercado de luzes, estava o divino bambino, louro, papudinho, rosado como um morango, sorrindo nas palhas do seu rustico berço, ao bafo quente da benigna natureza representada pela vacca trabalhadora e pacifica e pela mulinha de olhar suave e terno. A Santa Familia contemplava em extasi de amor o delicioso recém-nascido, enquanto os pastores, de joelhos, lhe

offereciam os seus presentes, as fructas, os frangãos, o mel, os queijos frescos.

A grande estrella de papel dourado, suspensa do tecto por um retroz invisivel, guiava os tres reis magos, que vinham a cavallo descendo a encosta com as suas purpuras nos hombros e as suas corôas na cabeça. Melchior trazia o ouro, Balthazar a myrrha, e Gaspar vinha muito bom com o seu incenso dentro de um grande perfumador de familia, dos de queimar pelas casas a alfazema com assucar ou as cascas sêccas das maçãs camoezas.

Atraz d'elles seguia a christandade em peso, que se figurava descendo do mais alto do monte em direcção ao tabernaculo. N'essa immensa romagem do mais encantador anachronismo, que variedade de effeitos e de contrastes! que contentamento! que alegria! que paz d'alma! que innocencia! que bondade!

Tudo bailava em chulas populares, em velhas dansas moiriscas, em bailados á la moda ou á meia volta, em ingenuas gavotas, em finos menuetos d'anquinhas e de bico de pé afiambrado.

Tudo ria, tudo cantava n'esses deliciosos magotes de festivaes romeiros de todas as edades, de todas as profissões, de todos os paizes, de todos os tempos! Os cegos tocando as suas sanfonas; os pretos pulando uma sarabanda; os gallegos com a sua gaita de

folle dansando a muñera; a saloia de carapuça de bico e de saio encarnado, trazendo o cesto com ovos; o saloio com o perú, com o vitello ou com o baco-rinho ás costas; o aguadeiro com o seu barril novo; o ceifeiro com a sua fouce e o seu feixe de trigo; o lenheiro carreando o cêpo sagrado para a fogueira da missa do Gallo; o pequeno saboyano com a sua marmota; o tocador de realejo dando á manivela do seu instrumento; o pastor com um borrego ou um chibo debaixo do braço; o passarinhoiro com as suas esparrelas e o seu alçapão com um melro dentro; a manola com o seu leque e a sua mantilha sevillhana traçada na cinta; o maioral tocando a guitarra sentado no garrido albardão da sua mula; os gitanos entoando a seguidilha; numerosos rebanhos, de perús, de patos, d'anhos, de porcos e de cabritos; e muitas personagens, de variegados trajos exóticos tangendo pandeiros, adufes e castanhetas, como nos autos pastoris, nos colloquios e nos villancicos, antigamente representados deante das lapinhas nas cathedraes da Edade Média.

— Alguns — os mais ricos presepios — tinham corda interior fazendo piar passarinhos que voavam de um lado para o outro, mexiam as azas e davam bica-das nas fontes de vidro, em que cahia uma agua tambem de vidro, fingida com um cylindro que andava á roda por effeito de mysterioso machinismo.

Todas essas figuras do antigo presepio da minha infancia tinham uma ingenua alegria primitiva, patriarchal, como devia ser a de David dansando na presença de Saul. D'essas boas caras de paschoas, algumas modeladas por inspirados artistas obscuros, cuja tradição se perdeu, exhalava-se um jubilo communicativo como de uma grande alleluia.

Um outro menino — não o do tabernaculo, que esse estava seguro ao berço com um parafuso — um menino maior, sobre uma toalha bordada, era trazido em roda e recebia sobre os seus diminutos pés polpudos, saudaveis, rubenescos, a enfiada de beijos de todas as pequenas bôccas innocentes, vermelhas, afiladas em bico, gulosas dos refeguinhos d'aquelle pequenino Deus tão louro, tão manso, tão lindo!

Depois celebrava-se a ceia, o mais solemne banquete da familia minhota. Tinham vindo os filhos, as noras, os genros, os netos. Accrescentava-se a mesa. Punha-se a toalha grande, os talheres de cerimonia, os copos de pé, as velhas garrafas douradas. Accendiam-se mais luzes nos castiçoes de prata. As creadas, de roupinhas novas, iam e vinham activamente com as rimas de pratos, contando os talheres, partindo o pão, collocando a fructa, desrolhando as garrafas.

Os que tinham chegado de longe n'essa mesma noite davam abraços, recebiam beijos, pediam novi-

dades, contavam histórias, accidentes da viagem: os caminhos estavam uns barrocaes medonhos; e falavam da saraivada, da neve, do frio da noite, esfregando as mãos de satisfação por se acharem enxutos, agasalhados, confortados, quentes, na expectativa de uma boa ceia, sentados no velho canapé da familia.

E o nordeste assobiava pelas fisgas das janellas; ouvia-se ao longe bramir o mar ou zoar a carvalheira, enquanto da cozinha, onde ardia no lar a grande fogueira, chegava n'um respiro tepido o aroma do vinho quente fervido com mel, com passas de Alicante e com cannela.

Finalmente o bacalhau guisado, como a *brandade* da Provença, dava a ultima fervura, as frituras de abobora menina, as rabanadas, as *orellhas de abba-de* tinham sahido da frigideira e acabavam de ser empilhadas em pyramide nas travessas grandes. Uma voz dizia: — *Para a mesa! para a mesa!*

Havia o arrastar das cadeiras, o tinir dos copos e dos talheres, o desdobrar dos guardanapos, o fumar da terrina. Tomava-se o caldo, bebia-se o primeiro copo de vinho, estava-se hombro com hombro, os pés dos de um lado tocavam nos pés dos que estavam defronte. Bom aconchego! bello agasalho! As physionomias tomavam uma expressão de contentamento, de plenitude. Que diabo! Exigir

mais, seria pedir muito. Tudo o que ha de mais profundo no coração do homem, o amor, a religião, a patria, a familia, estava tudo ahi reunido n'uma doce paz, não opulenta, mas risonhamente remediada e satisfeita. Não é tudo?

Não é. O primeiro dos convivas que tinha o sentimento d'essa imperfeição, era a velhinha sentada ao centro da mesa. Ella, que para nós representava apenas a avó, tinha sido tambem a filha, tinha sido a irmã, tinha sido a esposa, tinha sido a mãe... No seu pobre coração quantos luctos sobrepostos, quantas saudades accumuladas! Por isso emquanto os outros riam e conversavam alegremente, a mão d'ella emmagrecida e enrugada tremia de commoção ao tocar no copo, e dos seus olhos cançados despegavam-se silenciosamente duas lagrimas, que ella embebia no guardanapo emquanto a sua bôcca procurava sorrir e titubear palavras de resignação, de conforto, de felicidade,

Essas lagrimas eram como a evocação do espirito dos ausentes e do espirito dos mortos para aquelle banquete. A festa era então interrompida por silencios graves, pensativos, durante os quaes cada um se recolhia em si mesmo e olhava um pouco ao passado e um pouco ao futuro.

Dos que se haviam sentado áquella mesa, em idêntica noite, quantos tinham partido para não volta-

rem mais! Quantas lacunas dentro dos ultimos annos! Dentro de alguns annos mais, quantas outras!

Se havia, como quasi sempre succede, um filho, um neto, um irmão ausente, era em volta da recordação d'elle que se grupavam e fixavam esses vagos cuidados dispersos. A magua do passado, a incerteza do futuro, acabava por apparecer a cada um sob a figura aventureosa do viajante intrepido ou do trabalhador vigoroso que celebrava aquella noite n'um paiz longinquo ou nas aguas do mar.

E esse amado ausente era o conviva que cada um sentia mais perto, a essa mesa, junto do seu coração.

Só nós, as creanças, é que gosavamos n'esta festa uma alegria imperturbavel e perfeita, porque não tinhamos a comprehensão amarga da saudade nem as preocupações incertas do futuro. Para nós tudo na vida tinha o character immutavel e eterno. O destino apparecia-nos ridentemente fixado, como em o musgo as alegres figuras do presepio. Suppunhamos que seriam eternamente lisas as faces de nossa mãe, eternamente negro o bigode de nosso pae, eternamente resignada e compadecida a decrepita figura de nossa avó, toucada nas suas rendas pretas, no fundo da grande poltrona.

Não tinhamos comprehendido ainda todo o sentido do natal. Não nós haviam explicado sufficiente-

mente que o louro menino Jesus que nos sorria no seu bercinho, tão descuidado, tão alegre, no meio do esplendor dos cirios e do perfume das violetas, era o mesmo Deus descarnado e livido, coroadado de espinhos, alanceado no coração, pregado na cruz e exposto no altar. Repugnar-nos-ia acreditar, se então nol-o dissessem, que o tenro e suave bambino do presepio, cercado de amores, de canticos, de festas, de dadivas, de bonitos, cheio de caricias e de beijos, teria um dia de ser um martyr, um heroe, um Deus, mas que para isso haveriam de o perseguir como um rebelde, de o torturar como um criminoso, de o justicar como um bandido; que elle teria de ser esbofeteado, azorragado, trahido, que receberia o beijo de Judas, que seria preso entre os seus discipulos no jardim das Oliveiras, que mandaria embainhar a espada de Pedro para beber o calix de amargura, que seria levado de Caiphás para Pilatos, que seria condemnado, que lhe poriam a corôa de espinhos, que o fariam subir o Calvario sob o peso da sua cruz, que finalmente o crucificariam entre dois ladrões aos olhos da sua propria mãe.

Não, a vida não é uma festa permanente e immovel, é uma evolução constante e rude. O Natal é a festa das lagrimas para todos aquelles para quem elle não é a festa da inexperiencia. E todavia pensavam alguns que era util não deixar de a celebrar.

Que importa que o numero ou que o nome dos convivas varie em cada anno? Que importa que alguns amados velhos faltem ao banquete? Que importa que nós mesmos faltemos para o anno que vem na festa dos mais novos?

Esta noite de alegria para as creanças será sempre de alguma saudade para os adultos. Assim teremos a esperança terna de sobreviver, por algum tempo, na lembrança dos que amamos — uma boa vez ao menos — de anno a anno.

Novembro 1882.

A policia, tomada de um d'essés accessos de zelo intermittente que ás vezes accommettem esta veneranda instituição, acaba de assaltar varias casas de batota no Porto, na Povia de Varzim e em Vizeu.

Todas essas diligencias se fizeram com grande exito.

A policia foi pé ante pé, como o côro dos carbineiros nos *Bandidos* de Offenbach, e deu em cheio nas maroscas, capturando os jogadores e apprehendendo os baralhos, as roletas, a mobilia da casa, o dinheiro da banca e o dos parceiros.

O *Diario do Governo* de hontem traz a este respeito uma portaria de louvor, na qual o ministro do reino, em nome de sua magestade el-rei, elogia a policia pelo bem que andou, não só capturando os jogadores, mas—como muito bem accrescenta a por-

taria — apprehendendo outrosim *algum dinheiro e mobilia.*

*
* * *

Como bons subditos fieis e amantes, folgamos deveras com a satisfação intima e cordial que sua magestade el-rei houve por bem experimentar e redigir em prosa official, ao vêr os réditos do Estado felizmente accrescentados com algumas cadeiras e alguns cobres, agilmente surripiados pelos representantes da lei a viciosos cidadãos, improvidos e desapercebidos.

No Porto o zêlo policial n'esta diligencia chegou a ponto de emboscar nas ruas os esbirros para prender os jogadores no acto de entrarem para as jogatinas.

Não pretendemos julgar o ponto de vista das auctoridades constituidas sobre o assumpto *batotas*, porque estamos convencidos de que essas auctoridades, morigeradas e pudibundas, não foram nunca ás casas de jogo, o que as desarma de toda a habilitação precisa para se poder discutir com ellas sobre esta questão.



O que escreve estas linhas esteve pela derradeira vez n'uma batota, em S. João da Foz, ha coisa de vinte annos.

A espelunca achava-se estabelecida no lindo *cottage* do Mallen, na Praia dos Inglezes, com um terraço sobre o mar e a entrada pela rua da Senhora da Luz.

No meio do grande salão de baile estava armado o jogo sobre uma vasta mesa de panno verde illuminada do tecto por um candieiro. Em torno da mesa achava-se reunida a parte masculina da melhor sociedade do Porto e da provincia do Douro e do Minho a banhos na Foz, uns junto da mesa, sentados, outros em pé por traz d'esses, formando trez ou quatro circulos concentricos.

A um topo da mesa um cavalheiro esquelético, de faces macilentas, adornado de uma longa pera grisalha, puxava para junto de si por meio de uma pequena rapadeira de mogno polido, em forma de ensininho, o dinheiro das paradas espalhado no panno verde, e pagava a importancia das apostas.

Defronte d'este prestavel individuo, no outro topo da mesa, um cavalheiro mais gordo, ainda que

não mais solícito, e de aspecto igualmente veneravel, punha as cartas na mesa com mãos finas, particularmente bem tratadas e realçadas por dois bellos cachuchos em que scintillava um olho de gato e um rubi.

Informei-me da regra do jogo com as pessoas respeitaveis e fidedignas que tinha mais proximo de mim.

Eis a regra: Tiravam-se do baralho duas cartas, que o homem das mãos finas collocava na mesa ao lado uma da outra. Lá estava, por signal, o tres de espadas a um lado, e o rei de copas ao outro. A gente escolhia, para apostar por ella, a carta que queria, e collocava-lhe ao lado o preço da posta. Depois do que, ganhava o rei ou ganhava o terno, segundo era um rei ou um terno d'outro naipe a primeira d'essas duas cartas que em seguida sahia do baralho.

Devo dizer, á face de Deus e dos homens, que nunca em minha vida me expuzeram negocio que se me figurasse mais intellegivel, mais recto e mais claro! Algumas vezes tenho tido que pedir aos diversos poderes do Estado alguns esclarecimentos ácerca do jogo do machinismo administrativo, e cumpre-me dizer, sem com isto pretender desgostar ninguem, que jamais das regiões officiaes recebi informações tão lucidas e tão leaes como aquellas que

sobre as leis do Monte me foram bizarramente ministradas na apreciavel batota a que me refiro.

De um só relance e em meio minuto comprehendí o problema todo com uma profundidade maravilhosa, e, sem perda de mais um instante, tirei 100,000 réis que tinha n'uma algibeira e colloquei-os pressuroso sobre o tres de espadas que se achava na mesa.

Tilintaram libras de parte a parte, postas pelos circumstantes para a direita ou para a esquerda das cartas.

O homem da pá de mogno polido, erguendo para o meu lado o bico da sua pera grisalha, perguntou-me, indicando o meu dinheiro.

— Mata o rei?

Ao que eu respondi denodadamente e com voz firme:

— Mato-o, sim senhor!

Esta phrase pareceu fazer uma certa impressão no auditorio. Houve um silencio. No ar morno passou um cheiro de roupa suja e de botas novas. Um desembargador da relação do Porto, ancião de oculos d'ouro e de grande calva sacerdotal, retirou com gesto adunco de cima das cartas 3,000 réis que tinha posto.

O cavalheiro das lindas mãos tossiu ligeiramente, voltou o baralho, e principiou a extrahir com lenti-

dão as cartãs, a uma por uma, do masso que comprimia com delicadeza nos dedos.

A quarta ou quinta figura era o rei de espadas.

Eu tinha perdido os meus 100.000 réis. Ganhava-os precisamente um illustre professor da Eschola Polytechnica, que fizera contra o terno uma parada igual á minha.

Esta decisão da sorte — eu o confesso — não me regosijou senão de um modo bem caracteristicamente mediocre.

Resolvi porém interrogar mais algumas vezes o acaso, e perdi consecutivamente quanto dinheiro tinha no bolso, ou fôsse a importancia de perto de meio anno de collaboração n'um jornal americano, — somma recebida n'esse mesmo dia.

Fiquei na batota até pela manhã.

Por uma janella aberta sobre o terraço a luz cõr de perola da madrugada entrava humedecida e salgada pela viração maritima. As banheiras, filhas e moças da Maria da Luz, armavam as barracas na praia, cantando ao longe em terceiras, n'um cõro argentino de sopranos, uma barcarola local. Os primeiros pregões matutinos dos vendilhões ambulantes penetravam do lado da rua pelas fendas horizontaes das gelosias, que o clarão da manhã pautava luminosamente d'azul.

Na sala esvasiada de gente oscillava ainda, esfarapado, o ar quente da noitada, impregnado do fumo do tabaco e dos cheiros acres do suor e da cerveja azedada no fundo dos copos dispersos no balcão-do bufete.

O chão estava alastrado de lama sêcca, de pontas de cigarros que a saliva ennodoara de amarelo, e de charutos mordidos e mástigados raivosamente pelos pontos.

O homem das bellas mãos tinha as unhas orladas de preto e o collarinho esverdinhado de transpiração.

O cavalheiro da pera tivera com o romper do dia um accesso de tosse, e depois de haver durante a noite cuspinhado tudo em tórno da alta cadeira de braços em que estivera sentado, procurava ainda, ao que parecia, escarrar mais, com os olhos injectados de sangue, as faces escaveiradas, as mãos febris, o dorso curvo, o peito concavo, sacudido pelas convulsões da bronchite.

A um canto da casa, sentado n'uma cadeira e cahido de bruços para cima de uma pequena mesa a que tres batoteiros, associados nos lucros da banca, tinham passado a noite jogando o honesto e execravel voltarete, ficara esquecido um janota de calças côr de flôr de alecrim, botinas de polimento, luvas azues e fraque côr de pinhão feito no Pereira

Baquet. Julguei-o adormecido, e chamei-o, tocando-lhe no hombro, para me não ir d'alli sósinho.

Era uma rapaz que eu conhecia da praia e da Cantareira. Chamavam-lhe o Chico . . . não me lembra já de quê. Tinha dezeseite ou dezoito annos, era filho de um lavrador rico da Regoa, e estava a banhos na Foz, hospedado no hotel do Romão, intitulado da Bôavista.

Quando elle se ergueu da mesa e se poz em pé deante de mim, vi que o misero não tinha estado a dormir, mas sim a chorar.

A sua physionomia loura, estúpida—linda!—ornada de um pequeno buço, de um signal cabelludo na face e de dois bandós côr de ouro anediados pelo melhor cabelleireiro da rua de Santo Antonio, exprimia uma consternação tão profunda, tão ôcca, tão francamente imbecil, que desde logo me attraheu para elle com uma compaixão verdadeira. Agarrou-se ás primeiras palavras que lhe disse, como um afogado se agarra á primeira coisa fluctuante que passa por elle, e momentos depois o bem parecido e elegante moço vertia no meu peito as suas doloridas confidencias.

Seu pae, homem austero e de pulso, cheio de severidade no character e de cabellos crespos no interior das orelhas, tinha-o incumbido de cobrar de um negociante de vinhos de Villa Nova de Gaya a

importancia de uma lettra no valor de 1:000.000 réis. Era d'esta quantia, recebida tres dias antes, que elle acabava de perder a ultima libra, além de mais trinta moedas, destinadas a custear o resto dos banhos de mar prescriptos pelo doutor da Regoa para um tumor frio que lhe começara a inchar n'um so-vaco.

—Meu pae, para coisas d'estas, é uma fera!— explicou-me elle com voz estrangulada.

E, tendo descalçado uma das luvas azues, comprimia com mão nervosa o alto da sua pequena cabeça de gallo, apagando da testa n'um repellão o bem feito A formado pelas duas curvas divergentes dos bandós.

—Como assim!—lhe respondi eu. Pois o meu amigo tem a fortuna inapreciavel de possuir um pae fera, e ainda hesita um momento sobre o que lhe cumpre fazer nas funestas condições em que se acha?... Saíamos lá para fóra! Saíamos com pé expedito e rapido d'esta caverna, que até me está a affligir o ter de profanar o nome sagrado do seu veneravel progenitor, proferindo-o perante a pera cavilosa e obscena d'aquelle tísico, malandro em terceiro grau, que além diviso envesgando para nós os olhos torvos!

—Cão!—disse o Chico n'um bramido cavo, abrindo para essa palavra um parenthese no assum-

pto principal da nossa conferencia, e extendendo da porta da rua o punho cerrado e terrivel para o cerro em corcova do cavalheiro da pera, que continuava a tossir arrimado a uma hobreira da janella.

E, uma vez ambos na rua, eu prosegui, reatando o fio do discurso :

— Depois da camelice tremenda que fez, desviando dos interesses agricolas das nossas regiões vinhateiras a quantia de réis 1:600.7000, para os entregar á nefanda tavolagem; que mais pôde appetecer o meu bom e desregrado amigo do que uma d'essas monumentaes sovas, com que os rispídos anciãos, de ouvidos cerrados á misericordia pelo mau genio e pelo muito cabello, costumam assignalar para o respeito dos vindouros os diversos membros da sua prole! Qual coisa mais saudavelmente efficaç para o restabelecimento normal do seu equilibrio nervoso, no momento presente, do que a applicação lombar da bengala de um antepassado, ou a juxtaposição da abençoada sola e vira de uns bons sapatos paternos ás partes carnudas do seu organismo apostemado pelo estúpido remorso da mais colossal e irremediavel asneira?! Aqui estou eu, que matei esta noite o rei... Não sei se o senhor m'o viu matar?... Matei-o como quem mata um porco... Craque! pois bem, sabe por quanto me ficou esse regicidio? Ficou-me por 176.7000 réis. A recor-

dação amarga d'este luctuoso successo converte todo o meu ser n'uma insondavel cloaca de semsaboria, e só uma felicidade invejo: a que se antolha ao meu amigo na dôce perspectiva de poder encontrar quem lhe ponha os ossos n'um feixe.

— Pois olhe — exclamou o Chico arregalando para mim os olhos illuminados de um repentino jubilo — dou-lhe a minha palavra de honra que tambem a modo que me está a appetecer isso, a mim!

E trocadas entre nós estas profundas e memoraveis palavras, remergulhamos em intimas e silenciosas cogitações, eu e o Chico.

Ao longe o duro bronze, a que os espiritos despreoccupados e felizes dão vulgarmente o nome galhofeiro de sino, tangia seis horas. Damas encapuchadas em rendas de lã desciam de suas mansões á praia para se entregarem aos exercios balnearios, emquanto outras, mais mädrugadoras ainda, volviam da praia a suas mansões, de narizes arrebitados e vermelhos, avidas de pão quente com manteiga e de café com leite.

Duas horas depois o meu amigo partia para a Regoa, onde seu extremoso pae, prevenido pelo telegrapho, o esperava, no alto dos Padrões da Teixeira, de braços abertos e um marmeleiro em cada braço. Eu voltava taciturno a refazer com tardigrados e arrastados folhetins a somma que o vil e mer-

cenario ensinho do Pera Tisica n'essa noite desviára de seu natural destino para fins que a meus olhos tinham de ficar para todo o sempre velados pelo mysterio.

*
* *

Tal é, em sua natureza e em seus effeitos, a simples coisa chamada a b a t o t a.

Temos visto do jogo muitas e mui variadas definições. A unica porém que inteiramente nos satisfaz é a seguinte:

O jogo é uma asneira.

Reduzida assim a questão aos seus verdadeiros termos, não podêmos deixar de perguntar ao governo com que direito elle intervem para o fim de castigar as asneiras em que cada um incorre? Procurar evital-as ainda se lhe poderia permittir, mas punil-as!? Se tivessem de ser presos todos aquelles que fazem asneiras, o proprio governo seria uma coisa impossível, porque ha muito não haveria ministro nenhum que andasse solto.

E, por cima de tudo, procuram impingir-nos a explicação sophistica de que é para o fim de salvar o povo da ruína, que a policia maternal assalta e sequestra as batotas!

Ora sempre quero que me digam, no caso pessoal que anteriormente narrei, se eu teria perdido menos do que perdi, dado o facto accidental de terem ido para o rei de Portugal e dos Algarves os 1762000 réis que eu dei para o rei de copas? E outrosim quereia saber, no caso que o rei de copas, por meio da sua policia, fizesse ao principe reinante a bonita partida que o principe lhe fez abotoando-se com o que elle ganha, se sua majestade gostaria da chalaça!

Setembro 1882.

A *great attraction* da presente estação calmosa tem sido as romagens bracarenses a Nossa Senhora do Monte Sameiro.

Os jornaes clericas têm recentemente publicado extensas narrações dos milagres feitos pela imagem de Nossa Senhora do Sameiro. Os alludidos milagres versam principalmente sobre casos pathologicos accusados pelos fieis. A senhora do Sameiro tem a especialidade therapeutica. As maravilhas que se lhe attribuem, são as mesmas que têm feito a reputação da homopathia. O consultorio do Sameiro, em Braga, e o do medico Rebello da Silva, em Lisboa, são presentemente os dois mais celebres e mais acreditados focos da medicina espiritualista, applicada ás enfermidades chronicas e provadamente incuraveis pelos systemas scientificos.

Os devotos da imagem do Sameiro, em vez de se dirigirem áquelle santuario incorporados por enfermidades, têm preferido fazel-o em grupos divididos pelas profissões.

Ha pouco tempo celebrou-se com grande pompa a romagem dos carnicheiros. Fecharam-se para esse effeito os talhos e o matadouro publico. Braga ficou sem carne para comer durante vinte e quatro horas, e, enquanto os magarefes caminhavam para o altar da virgem na mesma attitude recolhida e grave com que para elles—magarefes—caminham as rezes nos dias ordinarios, os bois em sueto tripudiavam nos pastos, felizes pela moratoria concedida pelas barrigas dos conegos á cobrança dos bifés.

Ultimamente, annunciou-se a romagem dos estudantes de Coimbra; e Braga, posto que de muito tempo habituada aos grandes apparatus da devoção, teve um sobresalto de surpresa e de jubilo.

É evidente que o milagre, desde que representa em si uma contravenção manifesta das leis da natureza, operada excepcionalmente pela divindade para o fim de nos dar uma amostra do seu poder supremo, arbitrario e absoluto, sobre todos os phenomenos do universo, tanto é milagre manifestando-se no tratamento feliz de um carnicheiro hydropico, como na cura radical de um bacharel com lombrigas. Desde que a burra de Balaão falou, o milagre existe,

quer a burra o diga em classico latim de Cicero, quer o diga trocando o *b* pelo *v* em portuguez do Minho.

Comquanto se não conheça bem a razão d'isto, a verdade porém é que o milagre augmenta de effeito, segundo a categoria social d'aquelles em quem se exerce. Braga tem um perfeito sentimento d'essas distincções, e foi por isso que a annunciada romagem de alguns filhos-familias habilitados com o curso dos lyceus a commoveu muito mais do que as romagens anteriores dos caixeiros e dos marchantes, mais desprovidos de luzes litterarias.



Estavam promettidos de Coimbra setenta estudantes á Senhora do Sameiro. O comboio que conduzia os romeiros foi esperado na estação de Braga por grande numero de fieis, acompanhados dos respectivos foguetes e de uma philarmonica.

Chegado o trem á *gare*, e abertas as portinholas dos wagons de segunda classe, reconheceu-se que todos os estudantes pertenciam á classe ecclesiastica e desfructavam tonsuras de uma antiguidade superior a quarenta annos de exercicio epilatorio.

Desvanecida a surpresa do primeiro encontro, descidos das carruagens e postos no chão, mais ou menos pelo seu pé, os setenta velhos representantes da briosa mocidade de Coimbra, os conegos de Braga lhes fizeram venia na sala de espera da estação e lhes offereceram um ligeiro refresco de rapé.

Em seguida, como todos se preparassem para formar cortejo e sahir em procissão da *gare* para o palacio episcopal, os jovens quinquagenarios declararam que traziam consigo uma surpresa para obsequiar a população bracarense, e pediram para ir buscar as bagagens.

Retirada e armada a surpresa, que vinha por partes nos bahús dos romeiros, viu-se com geral regosijo que ella constava de um andor.

Com espanto o leio nos periodicos bracarenses, de cujo depoimento unanime e conteste me não é licito duvidar.

Os representantes da mocidade das eschololas, em romagem da universidade de Coímbra ao Monte Sameiro, entraram effectivamente na cidade de Braga com um andor aos hombros.

Agora me proponho offertar um cartucho com setenta velhos de assucar em ponto de rebuçado a quem fôr capaz de adivinhar qual a coisa que aquelles jovens escolares levaram ás costas no andor, desde a estação até ás estalagens...

Antes de o saber, como hoje o sei, de sciencia certa, eu mesmo me perdi sobre este ponto n'um dedalo das mais falsas conjecturas. Julguei ao principio, que os venerandos ecclesiasticos transportassem simplesmente os objectos de seu uso domestico ou cultural, taes como as batinas de dormir, as sobrepelizes de trazer por casa, os solidéos de agasalho para as somnecas do côro, e o competente far-nel das hostias para as missas do caminho.

Nada d'isso! O que elles levavam no andor — e digo-o já, porque tenho a certeza de que ninguem o adivinha — o que elles levavam no andor era — a *estatua da castidade*.



Estamos, pois, pelo que se vê, em Braga, em plena mythologia. A estatua da castidade, posta triumphantemente sobre um andor pelos romeiros do Monte Sameiro, é uma allegoria gentilica de caracter encantadoramente pagão.

Os espirituosos gregos que, sob formas artisticas immortaes, divinisavam as virtudes e os vícios da humanidade, representando a vida moral da nossa especie, com as suas fecundas energias e com as suas dôces fraquezas, por meio das figuras nuas da

força majestosa e da belleza allucinadora, não fizeram mais do que crear o exemplo e a norma do novo culto, que hoje vemos tão auspiciosamente inaugurado em Braga pelos velhos padres catholicos, representantes da mocidade academica em romagem a Nossa Senhora do Sameiro.

Toda a christandade saudará decerto com entusiasmo este renascimento classico da liturgia. A estatua da castidade, por mais padresca que os padres a tivessem mandado fazer, não poderá nunca deixar de ser uma estatua de mulher viva, adolescente e bella, divinizada pela arte e não pelo martyrio, santificada pela candura e não pela egreja.

É inquestionavel que para nós outros, mundanos, mais ou menos eivados de naturalismo, é incomparavelmente mais agradavel descobrimo'-nos e curvarmo'-nos deante d'este andor, do que deante do andor do ultimo santo canonisado de Roma, S. Labre, por exemplo, o qual foi na vida um monte de virtudes e de tinha, cultivando com equal maravilha a porcaria e o milagre, já amamentando piolhos, já resuscitando Rocamboles. E a cada nova agua mineral que hoje se descobre ferruginosa ou carbonetada, aperitiva, tonica, anti-escorbutica ou laxante, corresponde invariavelmente um santo ou santa d'esse mesmo genero, encarregado de laxar, de purificar e de desobstruir, em reforço ao liquido des-

coberto e explorado nas praças commerciaes pela pharmacologia e pela fé.

Para nós pobres diabos pervertidos, e para todo sempre contaminados pelo vicio funesto do pediluvio e do sabão de Marselha, a estatua da castidade, não obstante todos os inconvenientes adstrictos á pratica da virtude que ella representa, figura-se-nos infinitamente mais agradavel que a do bemaventurado Labre.

Será porém precisamente da nossa opinião sua eminencia o cardeal patriarcha, ou sua excellencia o arcebispo de Braga? Temo bem que não. Porque, no fim de contas, a verdade é que a Igreja não pôde auctorisar, em honra da Senhora do Sameiro, uma verdadeira procissão de vestaes, como a que os sacerdotes fizeram em Braga. Theocrito gostaria d'isso; Larraga, não.



Felizmente, para honra dos dogmas e dos canones, o andor não chegou ao seu destino. A pequena distancia da estação do caminho de ferro, segundo consta dos jornaes que tenho presentes, os padres portadores da imagem gentilica tropeçaram e deram em terra com o symbolo dissidente da verdadeira

doutrina theologica. A estatua quebrou-se; e o andor desconjuntado teve de ir para as hospedarias em pedaços, reunidos com os chapéus de sol, de baixo dos braços dos ecclesiasticos.

O Dedo de Deus, ao qual os homens em sua sabedoria adjudicam o trabalho de pôr a direito tudo quanto os mesmos homens entortam na distribuição social da justiça, tem ás vezes distracções censuraveis no exercicio do seu cargo; mas portou-se bem d'esta vez.

Ultimamente esse dedo deixou afundir nas costas da Bretanha um navio carregado de escapulários, de bentinhos, de rosarios e de aguas milagrosas, enquanto por outro lado permittia chegar, são e salvo, a Dieppe, um navio impio, o yacht do nosso confrade no jornalismo o sr. Gordon Bennet, que o pagou por quinhentos contos de réis, e no qual elle viaja por seu prazer infrene, á custa dos rendimentos do *New-York Herald*, com cincoenta homens de tripulação, no meio de um luxo que excede tudo quanto se nos conta das despesas de Hellogabalo, para o fim de nos inspirar o desprezo dos bens terrenos.

Atravessando-se nos membros locomotores do clero e permittindo o trambulhão dos padres, o Dedo a que me refiro, mostrou aos incredulos que não dorme. E assim foi que o andor da castidade não

chegou a penetrar inteiro na rua das Conegas, em cujas habitantes, postas á janella com os conegui-nhos e com as coneguinhas da sua prole, se não sabe bem o effeito que faria a extranha imagem que os padres lhes levavam em triumpho.

Regoa — Outubro 1885.

Seis horas da manhã. Levanto-me accordado pela mais alegre alvorada que melros têm jámais asso-biado na fresca ramaria das veigas.

Abro a janella do meu quarto de hospede na casa de Mourão, onde cheguei hontem ás dez horas da noite.

Um deslumbramento!

Debaixo da varanda, voltada ao norte, estende-se em doce declive um largo talhão de vinha baixa, cerrada, espessa, em todos os tons do verde, desde o mais vivo ao mais escuro, rajado das tintas maduras do outono em manchas côr de ambar e côr de fôro, louras vermelhas, calcinadas. Em baixo o rio Douro, espriado, descreve um enorme S em toda a extensão do valle, reluzindo entre rasgões de

olivedos e de pomares, por traz das ramas viçosas dos choupos e dos amieiros. Uma cortina de montanhas fecha o horizonte de todos os lados. No plano mais alto, em frente, ao fundo, alteia-se a cordilheira do Marão, cujos cabeços calvos, de uma côr terrea banhada em sol, parecem pintar sobre a transparencia do céu o dorso immenso de um phantastico boi. Por todas as encostas do primeiro plano descem os vinhedos em largos degraus de verdura, desde o alto dos montes salpicados de pinhaes até á beira do rio. Em todas as quebradas alvejam as casas caiadas de branco, scintillantes ao sol nascente. Na chã, por baixo da minha janella, um grupo de mulheres e rapazes vendimam ; e os seus chapéos de palha, os seus lenços azues e vermelhos vistos de longe entre a verdura da vinha, trepidam na polvilhação luminosa como enormes borboletas. Na agua do rio, reflectindo-se n'ella como n'um espelho, passa de vagar, levado na corrente, um grande barco esguio, da côr da madeira por pintar, um pouco dourado pela luz ; á pôpa, immovel, em pé sobre a apêgada em forma de kiosque quadrado e de tecto chato, o timoneiro empunha a longa espadela que serve de leme á embarcação, emquanto á prôa, junto do abrigo da chilreira ponteaguda, quatro remadores, as pás recolhidas, os braços cruzados, se deixam ir ao som da agua. No lagar, sob o soalho do meu quarto,

ouço correr o vinho como n'uma fonte de jardim; um picante cheiro de mosto, subindo no ar, parece encher todo o valle; e, ao longe, entre as vindimadeiras, uma voz de soprano, rija, metálica, entôa uma das dolentes e arrastadas cantigas, ao mesmo tempo tristes e zombeteiras, de *cima do Douro*.

E' a bacia da Regoa, — a mais rica, a mais fértil, a mais abundante região agrícola de Portugal, de que o pingue e risonho Valle de Jugueiros é a expressão superlativa e culminante.

Nos gordos nateiros da beira da agua, terras de alluvião tão férteis como as do Nilo, as vegetações tomam proporções phantasticas e lembram uma decoração theatral de magica.

As couves gallegas parecem arvores, debaixo das quaes se poderia merendar á sombra, e as aboboras têm o volume enorme de grandes mulheres gordas vestidas de amarello e acoradas na terra preta.

Por cima das cepas derrubadas com o peso das uvas vicejam as arvores de pomar carregadas de fructo: as laranjeiras, os pecegueiros, os damasqueiros, as figueiras, as pereiras, as cerejeiras e as gingeiras.

Contra os muros esverdeados de musgo bracejam os limoeiros doces e azedos.

As sebes dos campos são feitas de marmeleiros entrelaçados.

Nos debruns das leiras e no sopé dos muros, por entre as hastes de hera e as moitas de fetos, de violetas e dedaleiras em flor, rebentam os morangos e as groselhas.

Todas as plantas de jardim têm um viço portentoso e um desenvolvimento incomparavel. Em dois annos um só pé de roseira cobre toda a fachada de um *cottage*; as begonias e os cladiuns parece estalarem do seiva, e uma palmeira ao pé de Molledo dá fructo ao ar livre.

As uvas de mesa, artigo de luxo sonogado ao lagar e destinado pelo cultivador ao regalo dos seus amigos, offerecem innumeradas variedades, de que sobresaem o *Moscatel de Jesus*, o *Moscatel de Hamburgo*, o *Barrete de clerigo*, o *Dedo de dama*, o *Malvaçia*, o *Ferral côr de rosa*. Camillo de Macedo, um dos proprietarios mais celebres na cultura d'esta especialidade, obteve recentemente as mais lindas uvas bipartidas em duas côres sobre cada bago, preto e branco, branco e côr de rosa, côr de rosa e preto.

Do alto de Covaes, propriedade do meu amigo Bernardo da Silveira, abrange-se todo o panorama d'esta admiravel bacía: a longa serra do *Marão*, que lhe serve de panno de fundo; a garganta uberrima do Valle de *Jugueiros*; a *Regoa* e o *Peso da Regoa*, duas rectas parallelas, ligadas por uma perpendicular.

lar e descrevendo pela disposição da casaria a forma de um grandissimo H pintado a branco na encosta; finalmente os tres rios, o Douro, o Corgo e o Varosa, que se vêem serpentear conjuntamente por entre os vinhedos, de agua glauca, barrenta, ou azul, já profundos e angustiados nas ravinas, já espraia-dos na areia, já reluzentes ao sol, borbulhando arripiados pelas rochas ou espumando nas cachoei-ras.



A região celebre dos vinhos finos não é a da Re-goia mas sim a região adjacente para léste, no Alto Douro, Cima-Corgo, de Bagauste a Tua, tomando para escala a linha ferrea.

Percorri este caminho.

De uma e outra margem do rio, ao longo do qual se prolonga a estrada, a vinha em socalcos precipi-ta-se do alto das montanhas até á borda da agua como a tribuna de um amphitheatro immenso. A terra segura em taboleiros progressivos calçados em largas lages da pedra schistosa da região, côr de ferro queimado, lembra a dos vinhedos das margens do Rheno.

O meu cicerone indica-me algumas quintas cele-

bres, de que me vae citando os nomes: a da Val-leira, a Quinta Nova do Cachão, a Alegria de Baixo e a Alegria de Cima, o Vesuvio, etc.

Entre Ferrão e Pinhão apontam-me a Boavista, antiga propriedade do barão de Forrester, hoje de seus filhos, residentes em Inglaterra. É de uma installação perfeita, tão regular como a de Johannis-berg. A presença d'esta propriedade modelo junto da agua turva do rio, onde o barão morreu descon-juntando-se o barco em que descia o rio no ponto do Cachão, evoca á minha lembrança a jovial, a in-teressante e captivadora figura d'esse homem, que eu em pequeno conheci. Extremamente robusto, com a carne saudavel e alegre, a barba em volta da cara, á moda de 1830, o cabello crespo e grisalho n'uma trunfa a um lado, o olho bem aberto, claro e luminoso, a bôcca grossa, espirituosissima, a *toi-lette* elegante, tudo lhe dava a expressão radiante da força e do triumpho! Ninguém certamente amou jámais como elle esta provincia de um encanto tão especial e tão vivo! Namorado d'esta terra ligou-se a ella por todos os laços que prendem o homem ao solo: construiu a casa plantou a terra, mediu a região, triangulou-a, retratou-a, armou n'ella a plancheta de agrimensor e o cavallete de paiza-gista, pôl-a em quadros encantadores e em mappas magnificos, — unicos que existem do paiz vinhateiro

do Douro —, percorreu-a incessantemente em todas as direcções, em jornadas de prazer e em jornadas de estudo, como agronomo, como touriste, como pintor, como engenheiro, como naturalista.

Ninguem mais do que elle contribuiu para tornar conhecido, para tornar sympathico o seu sitio.

Creio que o Douro seria feliz, se, em vez de eleger de quatro em quatro annos um deputado ás côrtes, elle pudesse de vinte em vinte annos nomear para a sua região um simples proprietario como este.

*
* *

Faltaria aos mais rudimentares deveres da civilidade se, achando-me no Alto Douro, deixasse de lhes apresentar o phylloxera, porque ella tem aqui hoje verdadeiramente a supremacia de dono da casa.

O Phylloxera-Vastatrix é um insecto microscopico, perceptivel apenas ao olho nú como um ponto diminutissimo, ao pé do qual um grão de areia é um colosso. Apresenta duas formas principaes: a forma aerea e a fórma subterranea. Na fórma aerea assemelha-se a um mosquitinho esguiu e amarellado com quatro azas transparentes as duas da frente maio-

res que as de traz e todas mais longas que o abdomen. Este volátil é transportado no vento e considera-se o principal agente da propagação do mal em grandes áreas vinícolas. Pousa, assim que pode parar, na superficie inferior das parras e n'ellas pare de tres a seis filhos insexuaes, uns maiores e outros mais pequenos, dos quaes nascem netos com sexo: as femeas nascem dos filhos maiores, os machos dos filhos mais pequenos dos alados. Estes insectos não têm azas, são apteros. Uns d'elles fixam-se nos ramos e nas folhas da videira; outros estabelecem-se-lhe nas raizes. Uns e outros são mães de profissão e de nascença e reproduzem-se em duas gerações, das quaes a segunda, depois de um certo periodo de hibernação, torna a ser alada e a pôr ovos fecundados, de que resultam novos apteros, já para os galhos, já para as raizes da cepa, como os seus avós.

Reduzem-se a seis os meios geralmente empregados para combater ou para contrabalançar a destruição da vinha pelo phylloxera:

- 1.º O sulphureto de carbone applicado por injeção.
- 2.º O sulphocarbonato de potassium applicado em lavagem.
- 3.º A inundação prolongada da cepa.
- 4.º A transplantação da vinha para a areia.

5.º A substituição das cepas velhas pelos novos bacelos americanos.

6.º A renovação da vinha e da terra pela sementeira, pela enxertia e pela reconstituição chimica do solo.

O sulphureto de carbone em injeção na terra exige applicação annual e não passa de um palliativo cuja efficacia todavia se acha sufficientemente constatada.

O sulphocarbonato de potassium em solução tem o inconveniente de exigir quantidades de agua que em geral não existe adequadamente distribuida para este fim nos terrenos, difficuldade aggravada ainda pela circumstancia de que o sulphocarbonato damifica a agua, inutilizando-a para outros usos.

A inundação em terrenos tão precipitosos como os do Alto Douro tem difficuldades analogas ás do emprego do sulphocarbonato.

A transplantação para a areia, remedio fundado na difficuldade que o terreno arenoso offerece á locomoção dos apteros microscopicos, tem sido tentada com exito, segundo me dizem, pelo viticultor francez Bartissol nas suas propriedades em Setubal, mas não é applicavel no Douro, onde escasseiam as grandes superficies de areia.

A restauração da terra pela lavra profunda e pela addição de todos os adubos reconstituintes, mi-

neraes, vegetaes e animaes, e a restauração da videira pela procreação em sementeira, pelos cruzamentos das especies, etc., não apresenta senão uma difficuldade: demanda trabalho, demanda dinheiro, demanda sobretudo conhecimentos technicos, estudo practico, applicação continua, desvelo tenaz.

A boa tactica na campanha suprema da agricultura do Alto Douro contra a invasão do phylloxera, a tactica empregada pelos agricultores mais instruidos e mais intelligentes, consiste no emprego principal dos dois ultimos meios que acima indiquei, combinados com o emprego de todos os demais palliativos exequiveis, tendo em vista crear plantas novas com o minimo sacrificio possivel, com a maxima utilisção provisoria das plantas velhas.

Qual é a origem do mal das vinhas?

Conversei n'este assumpto com alguns dos mais esclarecidos lavradores, e eis as conclusões a que cheguei:

A vinha do Douro cahiu em cachexia, minada pela anemia das velhas familias exhaustas, e morre, á semelhança de todos os organismos senis, profundamente empobrecidos e viciados, ao contacto da mais leve causa de perturbação e de desequilibrio, como morrem os velhos, sob qualquer pretexto, de um simples resfriamento, de um golpe de sol ou de um tropeção.

Não ha memoria de que nos vinhedos portuguezes se houvesse jámais semeado uma uva. A vinha do Alto Douro é talvez ainda a mesma com que Nôe se emborrachou na Asia, segundo o Genesis, a *res luxuriosa*, de que fala o livro dos Preverbios, ou a mesma cepa que Baccho encontrou na ilha de Naxos, ao atravessar a Grecia, e que depois se transplantou para os valles de Sorec e de Eschol, na Palestina. Desde tempos immemoriaes que a vinha do Douro, cujas origens se perdem na escuridão dos seculos, se reproduz consecutivamente e invariavelmente pela mergulhia e pela transplantação. Isto seria a perpetuidade de uma especie privilegiada na creação. Esse privilegio é contra as leis da natureza. A vinha não pôde constituir excepção ás regras fundamentaes da evolução biologica. A velha cepa do Douro succumbe atacada pelo phylloxera, não porque o phylloxera seja necessariamente fatal á videira, mas porque a videira d'esta região esfalfada não tem seiva bastante poderosa para resistir á mordedura d'esse pequeno insecto.

Está demonstrado que os jovens bacellos americanos, virginaes de podas e de enxertias, tenros mas saudaveis, sem lesões, sem molestias herdadas, são invulneraveis, são pelo menos resistentes ao phylloxera.

Que ha pois que fazer para renovar a viticultura do Douro?

Substituir as videiras velhas, fracas, predispostas por natureza para todos os achaques da senelidade, por videiras novas, robustas e saudáveis.

Algumas objecções occorrem.

A videira americana ou qualquer outra videira em estado primitivo, selvagem ou quasi selvagem, produzirá uvas eguaes e vinhos analogos ás antigas uvas e aos antigos vinhos?

Bastarão as simples influencias mesologicas para dar a plantas diversas uma individualidade commum?

Transplantada para o Douro a cepa americana dará vinho fino, assim como a cepa do Douro transplantada para o campo de Braga dá vinho verde?

Em vez de um mero producto do ar e do solo, actuando na evolução da videira, não será antes o vinho fino do Porto, como certos generos litterarios, o fructo requintado das proprias doenças de uma raça valetudinaria, corrompida e condemnada?

Não será a cepa de Cima Corgo o que são algumas finas organizações artisticas, doentias e frageis, cuja força está na propria debilidade febril, e nas quaes o talento diminue na mesma proporção em que n'ellas augmenta a força do sangue e o poder do musculo?

Não será uma das condições essenciaes d'esse licor precioso a seiva adelgada da planta macrobia

e a pulverisação calcinada de um terreno cadaverico, sobre cuja constituição chimica ninguem ainda estudou scientificamente o resultado que se pôde tirar dos differentes adubos systematicos da agronomia moderna — o adubo intensivo, o adubo de funcções especificas?

Creada e robustecida a haste da vinha americana, eleita a casta que n'ella dará para a enxertia o cavallo mais possante para augumentar o cavalleiro, reconstituido pela materia azotada, pela potassa, pela cal e pelo phosphoro o vigor do solo em que ella ha de viçar e resistir ao phylloxera, fructificada assim a nova planta em novo terreno, colhida a uva, pisado o bago, fermentado o môsto, envasilhada a novidade, não sahirá por ventura da torneira da pipa, em vez do antigo vinho aromatico, unctuoso, avelludado e quente, um pobre liquido plebeu, escanifrado e crú?

A estas objecções só será licito responder motivadamente depois de experiencias feitas.

Tudo quanto sobre este assumpto se pôde por emquanto dizer, em these, é que o remedio definitivo para o phylloxera é a americanisação das cepas com escolha das melhores castas, sem com isto se affirmar que não morra da cura o que escapou da doença.

No emtanto, durante o grave periodo de transi-

ção que o paiz do Douro está n'este momento atravessando, uma revolução enorme se annuncia e se prepara.



Todo o commercio dos vinhos do Alto Douro é feito por inglezes, residentes na cidade do Porto ou nos seus suburbios.

N'esta época do anno, durante as vindimas, elles vem, pessoalmente, comprar.

Antigamente, quando os meios de transportes eram longos e difficeis; quando se gastavam quatro, seis ou oito dias, para vir embarcado do Porto á Regoa, trazendo-se toda uma estalagem fluctuante no barco rabelo, com colchões na chilreira e debaixo da apégada, e com munições de bôcca, carneiros cabritos, leitões e gallinhas, para ir matando e comendo pelo caminho, — o inglez ficava em casa, e as compras eram feitas pelos commissarios residentes na Regoa.

Hoje, o commissario acabou. O correspondente da Regoa acha-se reduzido a uma especie de factotum, encarregado quasi exclusivamente de ir esperar o inglez á estação do caminho de ferro, de lhe proporcionar carruagens ou cavallo de aluguer, ou

de o seguir a pé de quinta em quinta como pagem da lança ou como escudeiro, levando ao tiracollo o sacco de viagem, ou sobraçada a maleta cylindrica de afivelar á sella, dentro da qual o inglez transporta de vinha para vinha um par de piugas, as suas chinelas, a sua camisa de dormir, uma navalha de barba, um sabão Windsor, o ultimo numero do *Punch*, e um saca-rolhas.

Vestido de *gentleman-farmer* ou de *county gentleman*, de grossos sapatos com esporas, *knickerbocker* ou calças de equitação forradas de camurça e abotoadas justas á perna do joelho para baixo, jaquetão escocoz, luvas de governar, cabo de chicote de baixo do braço, camisa de flanela ou de foulard, facces rubicundas, chapéo molle ou panamá sobre o ôlho, cercado das attenções e dos respeitos de todo o mundo, o inglez tem o aspecto pittoresco e feliz de ser propriamente elle o dono de tudo isto.

Dirieis um conde da mais nobre e velha linhagem da Inglaterra ou da Escocia passeando em correição pelas casas dos seus vassallos. O mesmo principe de Galles, em digressão de recreio pelos *cottages* dos seus rendeiros, não tem um ar mais nobre, nem mais dominador, nem mais senhoril, que o de qualquer d'estes calças de couro emigrados do trato mercantil das docas de Liverpool ou de Southampton.

Seguem, precedem ou acompanham estes viajantes, de pouso em pouso, de estação em estação, grandes e appetitosos cestos merendeiros, pesados de viveres e de drogas: latas e terrinas de conservas de perdiz, de gallinhola, de lebre, de figados de pato, de salmão; massos de chá preto; frascos de soda e de sulfato de quinino, capsulas de oleo de ricino; e numerosas garrafas de vinho velho do Porto, de *soda-water*, de *potass-water*, de *Forbach-water*, e de cognac.

Os magros proprietarios de pequenas colheitas, de oito a dez pipas apenas, de vinhos pobres e frios, improprios para a lotação e para a baldroca do armazem, apenas potaveis, — individuos para quem o inglez nem se digna de olhar, para não azedar a vista e a digestão, — vêem-o passar nas ruas da Regoa, onde elles vagueiam envergonhados ao farisco de um comprador, e seguem com os olhos avidos e famelicos esses cabazes de pingues munições, symbolos ambulantes de fartura como cornucopias de viagem.

Chegado ás grandes quintas conhecidas, o inglez manda o commissario, a correr, chamar o proprietario, e espera-o no vinha. Ahi prova a uva, ouve o calculo feito sobre o computo da lagarada, e ajusta o preço do vinho segundo a cotação do anno.

Depois de fixada a importancia da compra, por

cada pipa em mosto, o inglez penetra na casa do agricultor. Antes d'isso nunca!

O negocio trata-se na vinha, em pé, de chapéo na cabeça. O proprietario, de olho investigativo, as mãos nos bolsos, torcendo nervosamente o fundo das algibeiras, affectando serenidade e indifferença. O inglez, cuspiendo para o ar a casca dos bagos mastigados, passeando dandinado entre as cêpas, chicoteando as parras, falando com pronuncia saxonica um portuguez d'alfandega, em estylo composito de tanoeiro, de arraes, de moço de armazem, de troquilha e de mariola, dando invariavelmente o tratamento de *vocemecé*, a qualquer que seja a pessoa com quem fale.

Metade dos ares de importancia e das figuras de rhetorica usadas pelo viajante britannico em o discurso d'essas transacções bastariam para que o proprietario, se fôsse assim tratado por um portuguez, o corresse a pontapés pelo parreiral, ou o mandasse pôr, suspenso das orelhas, ao fundo da quinta, por um guarda das uveiras. X

O inglez á respeitosamente convidado a repousar e a tomar um refresco na habitação do viticultor.

Na casa de jantar, sentado á mesa, tendo sido apresentado á senhora que a prisione, o negociante recolhe se, e faz o que póde para pôr em evidencia o gentleman. É grave, é ameno, é discreto, e di-

gna-se até por vezes de falar em amizade a nobre lingua dos dramas de Shakspeare e das notas do banco de Inglaterra.

É depois d'esta refeição sacramental, no momento de sahir um pouco mais rubro do que entrara, que o inglez fecha a compra do genero.

De que modo?

Tomando um apontamento em cifra na sua carteira de viagem, e dando ao dono da mercadoria... um *shake-hands*.

Por meio d'esta simples formalidade, tão com-movente quanto destituida de toda a especie de garantia, se acha fechada a transacção.

Quando muito bem lhe apraz, no regresso da sua excursão, o inglez reaparece, deixa um signal em dinheiro, e almoça. Chegado ao Porto, envia a aguardente com que deseja temperado o vinho no casco, e no mez de março manda recolher a compra ao armazem em Villa Nova de Gaya. O pagamento é feito do seguinte modo: um terço á carregação em março, abatendo-se então a importancia do signal recebido; um terço pelo S. João; o terço restante pelo S. Miguel, isto é, onze mezes depois de effectuada a compra, quando o genero tem tido tempo e retempo de estar revendido e pago ao praso de tres mezes em Inglaterra. Com um capital de cem ou duzentas libras para o pagamento do signal uni-

camente, ou do signal e da primeira prestação, — capital facil de levantar sobre a garantia da transacção feita, — o negociante de vinhos entra de chapa em pequenos negocios de varios contos de réis por anno.

É um dos mais lindos modos de vida que eu conheço.

E, não obstante, não ha portuguez nenhum que o exerça.

No seu paiz o portuguez ou não quer ou não sabe negociar. O mais superficial exame á evolução do trabalho e da riqueza, atravez das nossas provincias, demonstra claramente que o que mais feita faz ao nosso desenvolvimento economico é o mercador.

É o estrangeiro que nos exporta os vinhos, não só do Douro, mas da Extremadura e da Bairrada.

É o estrangeiro que nos exporta a cortiça, que nos exporta a laranja, que nos exporta a cebola, que nos exporta o gado.

É ainda o estrangeiro que nos exporta os bellos moveis artisticos dos seculos XVI e XVII, que o luxo manuelino espalhou por todo o paiz, e que ainda ha pouco tempo enchiam os conventos, os mosteiros e os solares de provincia.

É ainda o estrangeiro que em cada anno põe á venda no hotel Drouot, em Paris, os restos de faincas, de pannos de Raso, de tapetes persas, de porcellanas da China e do Japão, de couros polychro-

mos, de colchas da India, de ferragens e de joias, de que as antigas casas arruinadas se desapossaram nas suas ultimas vendas.

Temos ainda lojistas que vendem no reino os artigos que em cada anno lhes remettem de Paris, de Londres, de Vianna e de Berlim; mas o verdadeiro mercador desapareceu. O commercio de exportação em mãos portuguezas acabou, como acabou o commercio maritimo.

Lembram se ainda os que passaram pelo Porto ha vinte ou trinta annos, o que era o rio Douro, visto de Cima do Muro? Lembram-se da grande floresta de navios portuguezes á carga e á descarga, em Massarellos e Miragaya? das complicadas e longas dynastias, numeradas, das barcas e dos brigues, construidos no estaleiro do Ouro? das *Amelias*, das *Castros*, das *Carolinas*!?

Pois bem; eu não vi, ultimamente, um só navio portuguez de longo curso, nas aguas do Douro. E o estaleiro do Ouro — com que magua o digo! — acabou. Desappareceu esse longo estendal de madeiras, geometricamente trabalhadas no chão pelos carpinteiros de machado; essa floresta de enxarcias, de gaveas, de mastareos, de cavernames descarnados como esqueletos de enormes peixes a sêcco entre os alamos, — pittoresco arsenal maritimo, situado n'uma das mais lindas curvas da margem do rio, onde, ao es-

trepito das enxós dos carpinteiros e dos maços dos calafates, no bom cheiro da estopa alcatroada, todos os portuenses da minha idade viram por tantas vezes o baptismo solemne, a champagne, e a queda na agua do navio esbelto, virginal, de uma alegria de cysne, despedido rapido como um tiro pela calha encebada, a um golpe de machado, n'um relampago de extase, n'um trovão de foguetes e de palmas.

Bello estaleiro do Ouro! Nem um só vestigio resta hoje do que elle foi na solitaria e entristecida alameda, além das antigas arvores sobreviventes ao terrivel golpe que, matando o estaleiro, poz no lugar um véo de lucto pela viuvez da terra, pela orfandade do rio!



Engana-se muito quem cuida que o vinho do Porto é um simples producto chimico. Não. O vinho do Porto é principalmente uma obra de arte, um problema do gôsto.

A materia prima empregada na confecção d'este licor é a uva, a geropiga, a aguardente e a baga de louro. Com a mesma baga, com a mesma aguardente, com a mesma geropiga e com a mesma uva fazem-se cem, fazem-se duzentos, fazem-se innume-

raveis typos de vinhos, todos diversos uns dos outros.

A grande operação vinaria divide-se em tres periodos distinctos: *antes do lagar, no lagar, depois do lagar.*

No primeiro periodo comprehende-se a *vindima* propriamente dicta, isto é, o córte da uva pela ranchada, composta de mulheres e rapazes munidos de um gigo vindimo e de uma navalha podôa, e dispostos á cabeceira da linha se a vinha está armada em parallelas, ou a uma das testadas se é em quinconcio que está armada a vinha. Alinhados uns pelos outros, os vindimadores caminham em linha recta, de uma testada ou cabeceira até á cabeceira ou testada opposta. Ao córte da uva e ao transporte d'ella á casa do lagar segue-se a escolha e a limpeza dos cachos, a separação das castas, a das uvas verdes, das uvas maduras e das uvas passadas.

No segundo periodo comprehende-se a *lagaragem*, isto é — a *pisa*, a operação de despegar o bago do seu pediculo, a que se chama o *desengace*, a separação do sumo, do cango, do folhelho e do bagulho; a espremedura; a curtimenta do môsto.

No terceiro periodo comprehende-se a *envasilhagem*, o transporte da lagarada para os dornachos e para os toneis, ou por bomba em mangueiras ou em calhas, ou a braço, em vasos de aduela, baldes

de lagareiro ou almudes; a tempera; a trasfega; a collagem; etc.

A cada uma d'essas diferentes operações correspondem processos extremamente complexos, de um estudo delicado e finissimo.

Abandonado a si mesmo, tal como o deu a uva pisada e esprimida, o vinho do Porto seria uma bebida extremamente inferior a qualquer bom vinho do Dão ou da Bairrada. *O que faz o vinho* — dizem os vinhateiros — *é a educação*. Assim, na confecção do mais puro champagne entram dezeseis ou dezoito ingredientes diversos.

A falsificação é outra coisa, que não consiste na tempera do vinho, mas sim na fabricação total do licor, operada por meio de complicadas misturas sobre uma base de vinho abafado ou de geropiga e de alcool. Os vinhos mais faceis de imitar artificialmente são os vinhos mais alcoolicos, como o Porto, o Madeira, o Malaga, o Tokay, o Lacryma-Christi. Os antigos centros da fabricação d'estes vinhos ficticios eram Cette, Meze, Béziers, Lunel e Montpellier, no sul da França. Esta industria localizou-se tambem ultimamente em algumas cidades de Hispanha e no Porto, onde se faz vinho do Alto Douro com vinhos de toda a parte, excepto talvez com os do Algarve, os quaes todavia são os mais semelhantes ao typo que se pretende imitar.

Na vinificação do Douro pouco ou quasi nada haverá que reformar.

Os processos tradicionaes e empiricos, cotejados com as mais recentes theorias scientificas, dão em ultimo resultado a perfeição. O vinicultor nem sempre saberá talvez a razão scientifica d'aquillo que faz, mas faz sempre, por habito contrahido e por costume herdado, aquillo que deve fazer. A meia sciencia, que ordinariamente procede sem provas definitivas e completas, fará bem no interesse do vinho em não se metter a altercar com a rotina vinhateira do Douro.

É uso, por exemplo, depois da pisa, em vez de deixar immobilisar o môsto na fermentação, fazer passear na lagarada, durante uma noite ou um dia, um numero de lagareiros calculado em um homem por cada pipa. A razão d'este uso attribue-se á vantagem de calcar o folhelho no fundo do lagar, para o fim de augmentar a coloração do vinho. Esta theorica era falsa, porque a tinta da uva não está na epiderme, mas sim na camada esponjosa que ella cobre e que reveste a massa cellulosa do bago. A practica, porém, é excellente, como o vieram demonstrar as recentes experiencias de Gay-Lussac e de Pasteur, provando que o oxygeno é indispensavel á fermentação do môsto, e que quanto mais se areja o môsto, tanto mais se lhe activa a fermentação,

concluindo Pasteur, que pelo arejamento se desdobra totalmente o assucar, e que quanto mais o môtto se oxyda mais sêcco fica o vinho, mais retinto e mais perfumado.

Ora o passeio dos lagareiros no môtto é o melhor meio do o arejar, já agitando e desfazendo no ar os vapores que a fermentação produz e que abafam a lagarada, já remexendo docemente o liquido e oxygenando o methodicamente, gradualmente, do cimo ao fundo, em toda a espessura da massa.

Mas se não ha que innovar na fabricação dos vinhos finos do Douro, quanto não ha que aprender, que reflectir, que ponderar, que saber, no complicado decurso d'esse verdadeiro drama que é a vida do vinho do Porto, desde que se extrae da cêpa para ser pisado, até que escorre no copo para ser bebido! Quantos cuidados na vinha! quantos no lagar! quantos na adega!

Ha bibliothecas enormes de viticultura e de vinificação. Toda a questão da vinha ou do vinho prende a um problema de sciencias naturaes ou de sciencias chemicas, e procura a sua solução na geologia, na mineralogia, na botanica, na climatologia, na physica, na chimica agricola, na entomologia, na micrographia, etc.

A mais leve differença no tratamento do môtto, mais ou menos algumas horas ou alguns homens na

operação do arejamento, a minima alteração na curtimento, na trasfega ou na tempera, na dosagem ou na qualidade da baga, da geropiga e da aguardente, transformam inteiramente o typo, a natureza, o valor do vinho. Não ha producto mais delicado nem mais susceptivel.

Um provador meu conhecido, passando de uma vez em revista os vinhos de um armazem em Villa Nova de Gaya, mandou marcar certa pipa com uma cruz a giz, e, depois de ter provado cem pipas do mesmo vinho, mandou trasfegar o da pipa marcada:

— Esse ahi está-lhe a vir não sei o quê. Mudem-o já de vasilha.

E, feita a operação indicada, reconheceu-se que no fundo da pipa assignalada pelo provador havia uma pequena moeda de cobre.

Ainda agora n'um armazem da Regoa, eu ouvi um perito dizer:

— Ponham fóra quanto antes essa pipa de aguardente: o vinho de todos os toneis está a começar a saber ao gôsto que ella tem!

*
* *

A necessidade impreterível de combater a devastação do phylloxera por meio de cuidados desveladíssimos de cada dia, quasi de cada hora, veio tornar a cultura da vinha ainda mais difficil que a vinificação. O trabalho que a cêpa requer renova-se constantemente e não fica nunca.

Já Virgilio nas *Georgicas* o dizia:

Est etiam ille labor curandis vitibus alter,
Cui nunquam exhausti satis est.

Todo o proprietario do Alto Douro que continuar a confiar de caseiros e de marcenarios o amanho das suas terras, comendo tranquillamente em Lisboa ou no Porto o rendimento das suas quintas, como era vulgar antigamente, não terá em pouco tempo nem um só bago de uva que colher. Varias quintas, outr'ora fertilissimas e produzindo centenas de pipas de vinho, acham-se hoje completamente destruidas e quasi abandonadas. Compram-se algumas pela decima parte do valor que tinham ha apenas dez ou doze annos.

O antigo *cavalheiro do Douro*, ocioso abastado,

idolo dos batoteiros da Foz, de Cintra e da Povia de Varzim, bem como das familias com filhas casadoras que despachar, hospede vitalicio e generoso das hospedarias da *Aguia d'Ouro*, no Porto, da *Boa Vista*, na Foz, e dos *Irmãos Unidos*, em Lisboa, desapareceu da convivencia social!

Fulano? arruinado! Cicrano? arruinado! Beltrano? arruinado!

Estão arruinados todos os que não estão mortos. Uns fizeram se correctores em negocios de cavallos; outros são banqueiros de officio nas jogatinas das praias; outros conseguiram chegar a empregados da alfandega, dos correios ou dos caminhos de ferro.

O antigo Douro acabou enfim tambem, como tantas outras fundações desaparecidas radicalmente ou transformadas na sociedade portugueza, no decurso dos ultimos tempos.

Póde-se dizer que mais coisas findaram em Portugal durante os ultimos trinta annos, do que durante os dois seculos precedentes.

Quaes as causas d'essa lenta transformação em que successivamente vamos vendo desaparecer tudo o que foi, sem se discriminar ainda bem, n'este estado transitorio, aquillo que ha de ser e que ha de ficar duradouro e definitivo? As causas são a abolição dos vinculos, os caminhos de ferro, a intriga e a corrupção eleitoral, as inscrições, a dissolu-

ção dos velhos costumes burguezes, o triumpho facil das ambições réles, o banquismo, o brazileirismo, a ignorancia geral subsequente á abolição das ordens religiosas, que eram as cabeças pensantes do paiz.

As consequencias são: o abandono da propriedade agricola, o desdem da vida rural, a falta de núcleos provinciaes, a cambalhota das fortunas, a dissolução das familias preponderantes; e, no meio d'esta confusão tumultuaria de coisas e de gentes, uma concorrencia de trabalho que principia, um regimen de competencia e de valor pessoal que começa a affirmar-se nas zonas da actividade abandonadas ao acaso pela incuria official, pelo desleixo governativo, pela estupidez do Estado.

O agricultor moderno, o proprietario do futuro, intelligente, instruido, amando a lavoura como a obra viva de seu espirito, e não simplesmente como a antiga gleba a que estavam adstrictos os servos do senhor feudal, começa a apparecer no Douro.

Varios homens novos, perfeitos homens do mundo, mais ou menos bachareis, tendo viajado, tendo apprendido, assignando no interior do Douro um jornal de Paris e uma revista ingleza, protestam corajosamente pela sua applicação e pelo seu trabalho no renovamento agricola contra o desleixo excelso dos seus antepassados. Estes *rapazes*, se assim me

é licito denominar chronologicamente individuos da geração a que eu pertença, estudam e resolvem com perfeita competencia todas as questões technicas relativas ao vinho e á vinha; têm laboratorios de chimica agricola e principalmente de chimica vinar, sufficientemente apetrechados para as principaes analyses do môsto, do vinho, do alcool, do solo, dos adubos; possuem bibliothecas especiaes muito bem providas; mantêm correspondencia e permutam informações e noticias com os grandes viticultores da França, da Hespanha e da Italia; procedem activamente e intelligentemente á renovação do solo e dos vinhedos por meio da reconstituição da terra e da cêpa, pelos adubos, pelos enxertos, pelos cruzamentos das castas, pela formação de sementeiras e de alfobres de videiras virginaes, pela preparação de um pessoal technico para a enxertia nas varas finas e tenras dos novos cavallos, pela tentativa de novas culturas, etc. É d'esses lavradores que está dependente o futuro do paiz vinhateiro do Douro.

A antiga riqueza territorial acabou aqui, como tende a acabar em toda a Europa, com os novos meios de communicação rapida e com a concorrência aos nossos mercados dos productos das terras vastas e virgens da America e da Australia, em competencia com os productos dos retalhados e empobrecidos terrenos europeus.

Será unicamente pela escolhida delicadeza ou pela fragilidade da producção, que o agricultor europeu poderá medir-se com os seus rivaes longinquos do novo mundo.

Será unicamente a agricultura sabia, diligente, incessantemente applicada ao estudo e ao trabalho local, a que por fim triumphará, sobrevivendo á vasta ruina que — pelas novas relações do globo, pela revolução trazida ao commercio, pela construcção das grandes linhas ferreas, pela perfuração dos montes, pelo córte dos isthmos, pela abertura dos canaes, pelo estabelecimento dos telegraphos e dos cabos submarinos — paira presentemente sobre a Europa toda como um enorme *krach* rural.

Porto — Julho 1883.

A companhia de zarzuela, que estava no theatro dos Recreios, veiu para cá no mesmo comboio em que eu vim. Na estação do caminho de ferro, em Santa Apolonia, a sala de espera cheia. Eram as cantoras, os cantores, os coristas de um e de outro sexo, e o corpo de baile.

Ellas, envoltas nas mantilhas, sobraçando saccos, trouxas de roupa e chapeleiras de papelão. Elles, de jaleco, com o chapéo carregado sobre o ôlho, sem gravata, barba por fazer, e cigaro no beijo.

Jovens lusitanos, em trajo de esperar touros, estão no bota-fóra, e prestam serviços ás bellas, segurando os saccos, os rôlos dos agasalhos e as bocetas de cartão.

Conspicuos governadores civis e graves candidatos a deputados, que tinham vindo á côrte conferenciar com o governo, circulam com ar austero, chapéo alto, guarda-pó de linho e frasco ao tiracollo, por entre o reboiço da multidão.

As vozes agudas das mulheres hispanholas soltam no ar girandolas de perguntas e de respostas, cruzadas em dialogo atravez da atmospherá da sala impregnada de um possante cheiro castelhano de gordura e de alho.

— Os srs. passageiros queiram subir para as carruagens; o comboio vae partir!

A estas palavras a multidão encapella-se na direcção do comboio, como um movimento de vaga. Trocam-se abraços e beijos, entre risadas estridulas e nasaes repicando como castanholas:

— *Adios Lola! Adios Pepa! Adios Dolores!*

Dentro de algumas carruagens ouvem-se harpejos beliscados nas guitarras, que principiam a afinar. Por baixo dos vestidos arregaçados, pés curtos e ligeiros saltam aos estribos, e formas curvas, de uma elegancia adunca, embebem-se para dentro do trem. Batem, cahindo successivamente, os fechos das portinholas. A sineta da estação dá o signal da partida.

Abalámos finalmente, ao som das *seguidillas* entoadas nas carruagens de segunda classe e dos adeu-

ses repetidos na *gare* entre acenos de chapéus e de lenços brancos.

Desde Santa Apolonia, á sahida de Lisboa, até Campanhã, á entrada do Porto, a zarzuela não deixou nunca de exercer os seus effeitos. Ella declamou, cantou, toçou guitarra, tocou pandeiro, comeu chouriço, e rogou pragas! Ás tres horas da madrugada, quando o comboio adormecido parou para receber agua no meio de um pinhal, acordei aos gritos agudos de uma voz de mulher que bradava de uma das extremidades do longo trem:

— *Polo! Polo!! Polo!!!*

Uma voz de homem, grossa, grave, arrastada, pachorrenta, contestou da extremidade opposta:

— *Que se offerece?*

A voz de soprano, que primeiramente chamara por Pollo, perguntou:

— *Como 'tá Julia?*

E a voz do baixo profundo respondeu:

— *Dormindo!*

Até para Julia dormir era preciso que um duetto nos accordasse. Imaginem a bulla proporcional a Julia desperta! a Julia chupando laranjas! a Julia comendo melão! a Julia tomando chocolate e embrulhando bifés n'um jornal no bufete do Entroncamento! a Julia mordendo com voracidade em Coimbra as pencas de manjar branco!

De manhã ao chegarmos a Aveiro, um lavrador do Ribatejo, que vinha defronte de mim no mesmo compartimento, esfregou os olhos, bocejou magnanimamente, espreguiçou-se erguendo os punhos cerrados para o tecto da carruagem, e exclamou:

— Já me cheira ao Minho. D'aqui a nada estamos na região do paiz em que o dinheiro se não conta senão por mil cruzados e em que o maximo de uma colheita é um moio!

E, tendo accendido um cigarro, o do Ribatejo arrojou o phosphoro queimado á estrada com um gesto cheio de desprezo pela região minhota em que iamos entrar.

— Do Vouga para cima, continuou o ribatejano com azedume, a unidade d'elles para o dinheiro que foram ganhar ao Brazil é o conto de réis; para o trigo que elles mesmos cultivam é o salamim. Parlapatões!... Olhem para aquella eira! Aquillo aqui assim é a eira de um ricaço. Tem duas braças quadradas. É do tamanho de um lar nas cozinhas da minha terra.

Um passageiro, que tinha bilhete para Braga e que ia na bancada do meu lado, interveiu em defesa do Minho.

— Diga lá o senhor o que quizer da colheita dos trigos e do tamanho das eiras. Paizagem como esta é que o senhor não é capaz de me dar lá para bai-

xo. Regale-se de estender os olhos pela frescura d'esses milhos e d'esses pinhaes! E tudo salpicado de habitações graciosas, que denotam prosperidade e bem estar. Faça-me o favor de olhar aqui por este postigo por ahí fóra até o mar. Veja lá se ha nada mais pittoresco!

— É com o que lhe dão: com o pittoresco! retorquiu o outro. Um pittoresco de casinholas umas em cima das outras, que não póde um boi (com licença) escornar no campo sem deitar abaixo uma parede. O senhor já viu nas Lezirias, no campo de Almeirim, ao fim da tarde, no verão, um campino parado no meio da planice, com o seu pampilho em punho e com o seu cavallo á rédea?... Isso é que eu chamo pittoresco, isso é que é bello, isso é que dá ao homem a sensação da liberdade e do valor.

— A liberdade dos campinos é boa! pelo uso que elles fazem d'ella é fresca a tal liberdade!... De quem o senhor me vem falar?! Dos campinos! uma corja de mandriões, que não são capazes de deitar a mão a trabalho nenhum, que não prestam para nada senão para andarem a cavallo ao pé do gado, para dormirem de barriga para o ar nas eiras, para beberem vinho com os toureiros, e para roubarem os meloaes e as vinhas... Uma raça de malandros!

— No Minho então não se rouba? Lá não vão aos melões, e ás uvas, e ás castanhas, e ás pinhas?...

— Não senhor ; não vão.

— Então para que é que os proprietarios levantam em redor das quintas os muros da altura de dois homens, com fundos de garrafas em cima, com ratoeiras dentro, e com os cães, que ninguem passa nas estradas que elles não venham rosar e ladrar aos valados com os focinhos negros arreganhados e os grandes rabos amarellos alçados como baculos?

— Cães de caça, senhor, cães de caça!

— Cães de caça de barrigas de pernas dos viandantes e dos mendigos ; que tambem não ha terra em que se mendigue mais do que no Minho! Todo o habitante pobre é de profissão pedinte. As creanças são educadas a pedir esmola, trotando ao lado das carruagens que passam nas estradas, choramingando e lamuriando em côro, de barriga ao léo e pernas encardidas de lama, com as cabeças tinhas, sujas como bacorinhos, e descabeçando padrenossos como beatas velhas. É uma infancia vergonhosa e indecente, de que não podem sahir senão homens pusilanimos, estupidos, sem brio, ligados á terra passivamente como bezerros, incapazes de amar e por consequencia de a honrar e de a defender. Vá lá para o Alemtejo a vêr se alguem pede esmola pelas estradas, ou se alguem se anda a desbarretar pelos caminhos deante de todo o bicho careta que passa, unicamente porque o bicho careta

traz fechos de prata na jaleca e grilhão de ouro no relógio! Os proprios rendeiros e os maioraes do conde de Sobral, do Ramalho d'Evora, do Estevão d'Alcochete, falam-lhes de chapéo na cabeça, de igual para igual, como na Andaluzia e na Extremadura Hispanhola. Por nenhum dinheiro do mundo um alemtejano, um extremenho ou um algarvio entraria nú em uma latrina como fazem os minhotos para o negocio do estrume. Basta comparar as habitações alemtejanas, esmeradamente asseadas, com os chiqueiros das familias pobres do Minho.

— É porque no Minho não ha cal.

— Mandem-a vir!

— É o que elles fazem; mas como a cal não está no solo, o asseio não está nos costumes. Olhe Afife como é uma povoação asseada! Porquê? Porque os de Afife são todos estucadores: é a especialidade da profissão que os familiarisa com a cal. Onde a casa é negra o homem é sujo.

— O senhor cuida então que o que falta no Minho é cal? Pois eu entendo que o que lá falta é gente. A população do Minho é uma população de refugio. A emigração é um agente selectivo exercendo-se no sentido de operar a decadência. O minhoto mais forte, o mais robusto e mais intelligente vae para o Brazil...

— Enriquecer!

— Sim ; enriquecer o Brazil com a sua intelligencia e com o seu trabalho, e empobrecer a sua terra pela ausencia da sua capacidade e da sua força no conflicto da civilisação local.

— Mas, graças aos capitaes que regressam do Brazil, a provincia do Minho floresce e prospéra.

— Prospéra em casas novas forradas de azulejo, em grades de ferro pintadas de verde e de côr de ouro, em hortas ajardinadas, em capoeiras bem sortidas, e em caramanchões nos angulos das quintas. Mas não prospéra em trabalho nem em producção. O dinheiro augmenta nas mãos de alguns, mas o trabalho não augmenta na actividade geral. Em virtude das capacidades subtrahidas pela emigração, todas as industrias minhotas desfallecem por falta de direcção intelligente e esclarecida.

— Então a creação do gado não é uma industria prospéra ?

— Ora adeus ! Então o senhor imagina que o minhoto cria gado ? O minhoto engorda bois, o que é diferente. Engordar o boi não é propriamente uma industria, é uma operação de fundos, uma collocação de capital, uma fórmula de pôr dinheiro a juro.

Todas as industrias que merecem verdadeiramente esse nome estão estacionarias ou decadentes. Veja em Guimarães a industria dos pannos de linho, a industria da cutelaria, a industria do couro ; veja em

Braga a industria dos chapéos; veja em Villa do Conde a das rendas; veja em Vianna, em Caminha, em Fão, em Esposende, a industria das construcções navaes.

— O numero das construcções navaes nos departamentos maritimos do Norte augmenta.

— Mas o numero total de toneladas que as embarcações construidas comportam diminue, porque se não fazem já senão pequenas embarcações de cabotagem. Não ha escholas profissionaes, não ha concursos ruraes, não ha museus de industria, não ha ensino, não ha finalmente organisação industrial.

— Mas tambem a não ha no resto do paiz. Nas Caldas, por exemplo, a louça fabricada hoje é muito peor do que era ha oitenta annos. Com uma tradição de modelos lindissimos da eschola de Bernardo Palissy, com um esmalte incomparavel, a ceramica das Caldas não sae do periodo infantil da arte. Ainda ultimamente lá estive. O fabrico da louça faz-se pelos processos mais primitivos; não sabem amassar o barro, não o sabem cozer, não sabem fornear. Desconhecem completamente o uso do thermometro. Agora, em quanto á emigração do Minho, tenho a dizer-lhe que nem todo o minhoto emigra para o Brazil. O senhor vê em Lisboa um grande numero de artistas, de homens de letras e de homens de estado que são do norte do paiz.

— Isso mostra que o absentismo se dá por varias formas, mas os effeitos são os mesmos: no Minho falta gente. Ha algum dinheiro, não digo que não, dinheiro de algibeira principalmente, dinheiro para despezas miudas, em maior quantidade do que na Extremadura, no Alemtejo, ou no Algarve. Mas que importancia tem o dinheiro? para que diabo serve o dinheiro?

— Eu lhe digo, meu rico senhor, o dinheiro serve principalmente para tudo, e remedeia para o resto.

Os oito viajantes que enchiam os oito logares do nosso wagon, apoiaram todos unanimemente essa affirmativa, arregalando os olhos, dizendo em exclamações *oh! oh!* e bambeando approvativamente as cabeças somnolentas e cheias de pó.

No entanto a frescura do mar, coada atravez dos pinhaes, inundava-nos n'um banho de ar puro e balsamico. As bouças de matto cobertas de flôres côr de ouro, os fetos e as urzes scintillantes do orvalho da noite, reluziam nos vallados e nos taludés ao sol da manhã.

Em Aveiro as mulheres offerecem-nos os seus barrilinhos tradicionaes de mexilhão e de ovos molles.

Em Espinho os banheiros, vestidos de baêta, sahidos do mar escorrendo agua, entregam-nos os seus bilhetes de visita, enquanto os banhistas, pas-

seando gravemente na estação, de chapéos de palha e sapatos brancos, com os seus bordões de canna da India com argolas de prata, abrem o correio de Lisboa e percorrem com zêlo os jornaes da manhã.

Na Granja abrem-se as vidraças e os stores dos lindos *cottages* e dos frescos *chalets* situados á beira da estrada. Creados de avental branco sacodem os tapetes ou collocam ás janelas as gaiolas dos canarios e as faianças com begonias. Grandes moutas de hortensias abraçam as escadas exteriores dos pequenos predios, e creanças de bibes de linho com os seus chapéos derrubados, de palhoça, descem pela mão para a praia.

O panorama extraordinariamente bello, que se descobre da grande ponte sobre o Douro, principia a desenrolar aos nossos olhos os seus differentes aspectos tão variados, tão imprevistos. O rio, liso e espelhado como uma chapa de vidro azul e verde. Uma extensa cordilheira de collinas, cobertas de pinheiraes e desenhando no espaço vaporoso e humido as curvas mais suaves e as perspectivas mais graciosas e mais risonhas. Á beira da agua, sulcada de barcos, de côr escura, esguios, da formas de gondolas venezianas, remados de pé com largas pás que bracejam silenciosas e lentas, arredondam-se em grandes massas de um verde escuro e espesso os

velhos arvoredos das quintas do Freixo, da Oliveira, de Quebrantões e d'Avintes.

Apeámo-nos finalmente na estação de Campanhã.

Uma fila de carruagens sobre a linha do tramway. Um rumor diligente e alegre de tamancos novos sobre os largos passeios lageados. Mulheres bem feitas, caminhando direitas, de cabeça alta, cintura fina solidamente torneada sobre os rins, e alegres lenços amarelllos, de ramagens vermelhas, encruzados sobre a curva robusta do peito. Canastras bem tecidas, grandes como berços, cobertas de panno de algodão em listras azues e encarnadas.

As carruagens americanas recebem tudo, gente, cestos de fructa, canastras, trouxas de roupa branca, caixotes, ceirões com ferramentas. Dos vinte passageiros de Campanhã que tomaram logar connosco no carro americano dois tem escrofulas, e um tem uma grossa corrente de ouro no relógio e um grande brilhante pregado no peito da camisa. Um pequeno, ruivo, sardento, de olhos azues, apregoa o *Jornal da Minhaum*. As mulinhas trotam bem. E todas as casas, de um e de outro lado da rua, tem á porta a cancellinha baixa, de páu, pintada de verde. Estamos no Porto.



Os melhoramentos materiaes na cidade que acabo de entrever, são na verdade consideraveis. As novas ruas, a prolongação da Boavista, a do Mousinho da Silveira, pararella á rua das Flôres, a de Passos Manuel, desde Santa Catharina á rua de Sá da Bandeira, a rua que liga a estação do Pinheiro com a cidade, e outras, acham-se quasi inteiramente guarnecidas de predios e todos os predios habitados.

Outro tanto succede nos bairros novos do Palacio de Cristal e da Duqueza de Bragança.

O bairro Herculano, entre o jardim de S. Lazaro e as Fontainhas, é um recinto murado, fechado por uma grade de ferro, comprehendendo 200 ou 300 casas, de rez do chão, ou de um andar, commodamente alinhadas, com um pequeno jardim commum, um mercado, lavadouros, enxugadouros, etc.

Está já delineado, com as ruas em esboço, o projectado bairro do campo do Cirne, em frente do cemiterio do Repouso, ao lado da rua do Heroismo. E a nova ponte, que vem da serra do Pilar ás proximidades do poço do Bispo, demolirá e transformará em novas avenidas os bairros antigos do Barredo e da Sé.

Aquelles que ha vinte annos partiram d'aqui como eu, arriscam-se, regressando depois de mim, a não atinar com o seu caminho, a não encontrar a sua casa, nem a sua rua, nem os seus sitios.

Deixou de existir a antiga rua do Souto, a das Congostas, a dos Mercadores, a da Banharia, e a tão pittoresca e tortuosa rua da Reboleira, com o seu arco da Porta Nobre, as suas janellas em resalto como a das velhas casas flamengas, e as suas tanoarias, por entre cuja frescura era tão bom no verão passar á sombra, no picante cheiro da aduela e dos vimes do vasilhame, ao vir da Foz em *char-à-bancs* sob o sol a pino!

Dir-se-hia que os nossos paes morreram para nós muito mais completamente do que morreram para elles os seus avôs e os seus bisavós, levando consigo, ao desaparecerem, quasi tudo quanto os rodeava na vida: a casa, o jardim, a rua que habitavam.

As modernas construcções não têm aqui, como não têm no resto do paiz, character artistico. As casas novas do interior da cidade são tão chatas e tão inconfortaveis como aquellas que vieram substituir, e estão longe de dar idéa da encantadora reforma por que têm passado as edificações urbanas nos paizes septentrionaes da Europa, especialmente a Prussia e o Hanover.

A estructura geral dos predios apresenta porém um aspecto consistente, não desagradavel á vista: os telhados de lousa, as fachadas revestidas de azulejos, as padieiras de granito tão nitidamente esquadriadas, dão ao todo um ar riço, saudavel, alegre, harmonizando bem com os tons frescos da paisagem, com a verdura das collinas, com as arvores das praças, com os parreirae dos jardins, com as nebrinas do Douro esbatendo no vapor aquatico, polvilhado de sol, o risonho contorno da casaria e das montanhas.

Têm os progressos do espirito acompanhado a evolução dos melhoramentos exteriores?

Esta questão é mais complexa, e não tenho tempo para estudar em detalhe, nem espaço para a tratar por inteiro.

O que vou fazer é transmittir as minhas primeiras impressões de *touriste* em viagem na minha propria terra, com a superficialidade profissional de um *reporter* ao acabar de chegar a um paiz desconhecido, e propondo-se comparal-o a um paiz que conhece: o Porto de hoje posto ao lado do Porto de ha trinta annos.

Não leio habitualmente os jornaes da provincia. Não frequentando o café, não tendo club, não indo ao Gremio, não vendo senão as folhas que me traz a minha casa o correio, confesso humilhado que até

os titulos desconhecia de alguns dos jornaes portuenses, que leio aqui todos, systematicamente, do principio ao fim, fazendo d'elles ha oito dias a grande peça de resistencia da minha alimentação mental.

N'este ponto devo começar por dizer que o Porto está bastante adeante de Lisboa. A maioria dos periodicos da capital, á parte a controversia politica sustentada na imprensa pelos chefes litterarios dos diversos partidos, não supportam comparação com as folhas portuenses.

Os noticiarios d'aqui encerram um conjuncto muito mais variado de informações uteis sobre o movimento scientifico, sobre o movimento litterario e sobre o movimento industrial da Europa. Todos os grandes jornaes, que são cinco ou seis, contêm um longo artigo doutrinal, grave, versando sobre a questão politica do dia, ao modo antigo. Como interesse social é ás vezes um pouco chôcho, porque, pela sua influencia no patrimonio intellectual dos homens, a cousa que fizeram ou que deixaram de fazer os poderes publicos importa ás vezes muito menos á curiosidade e á direcção social do que a simples redondilha popular que um gaiato vae descantando pela rua na aria á moda.

Mas o tom geral d'estes artigos revela sempre um fundo respeitavel de applicação dada ao estudo

dos problemas em voga, uma attitude de critica serena, uma honestidade apparente, dentro de uma forma commedida e correcta.

As correspondencias de Lisboa em geral e algumas enviadas das principaes cidades da provincia são feitas com habilidade technica e com um grande zêlo de alviçaragem minudente e fiel.

O folhetim propriamente dicto, isto é, a chronica semanal das idéas, dos costumes, da arte e da moda acabou na imprensa portuense, como na imprensa de toda a parte. Sómente nos periodicos do Porto o espirito litterario do folhetim não se infiltrou, como em Paris, nas demais secções da folha. Em França o folhetim deixou de ser o que antigamente era, porque se espraiou e invadiu o jornal todo. Entre nós ao contrario, o folhetim foi absorvido pelo resto, e não desapareceu porque se transformasse, desapareceu porque acabou.

A antiga geração litteraria do Guichard, da porta do Moré e da Aguia de Ouro extinguiu-se ou expatriou-se, sem deixar successores na publicidade portuense. Evaristo Basto, Arnaldo Gama, Antonio Coelho Lousada, Augusto Soromenho, Camillo Castello Branco, Ricardo Guimarães não têm no actual jornalismo portuense quem dê idéa alguma do papel que elles representaram no jornalismo de ha vinte annos.

A geração nova tem uma disciplina, um methodo, uma linha de conducta social, um proposito politico, um destino philosophico. Eu sou de uma idade transitoria, vim obscuramente n'um periodo de transformação, com uma ala de sapadores, e pertenco á pequena companhia antipathica dos *bota-abaixo*. Mas aquelles a cujo lado trabalhei em moço, e que fizeram falar de si, eram personalidades litterarias inteiramente differentes dos jovens escriptores de hoje.

Os antigos chronistas portuenses, cujos nomes recordo com saudosa e maguada estima, não tinham philosophia social, não tinham systema preconcebido, não tinham espirito algum de seita ou de partido. Hoje é-se necessariamente revolucionario ou conservador, ou se é pela republica ou pela monarchia; ha uma arte regeneradora e uma arte progressista, um ideal demagogico feito carne em Magalhães Lima, e um ideal constituinte personificado em José Dias Ferreira, divergente do actual regimen monarchico e bem assim dos systemas propostos pela democracia radical.

N'outro tempo os homens de espirito não eram mais monarchicos liberaes do que eram republicanos ou do que eram legitimistas. No jornalismo contemporaneo toda a penna é uma arma de combate. No jornalismo de outr'ora a penna para um verdadeiro escriptor era apenas um puro instrumento de poe-

sia. Os combates travavam-se unicamente a *casse-tête* com os homens e a olho com as mulheres.

O unico inimigo commum para os ultimos dos romanticos no jornalismo portuense era a estupidez humana, representada pelo honesto burguez da rua das Flores e da rua dos Inglezes, e era o espirito immobilisante de rotina, symbolisado no carroção vehiculo de familia puxado a bois e inventado pelo segeiro Manuel José de Oliveira.

Para resistir a estas duas influencias e para as combater oppunha-se-lhes, arvorado em systema, o amor da aventura e da violencia dos contrastes, a *toilette* espectacular, o movimento, o barulho, a troça, a pancadaria, o escandalo.

Para o fim de irritar o burguez e de o fazer estourar nos seus reductos, de apoplexia ou de raiva, traziam-se casacas de alamares, laços de gravata de palmo e meio de superficie, colletes vermelhos, cabellos até aos hombros. Andava-se de dia pelas ruas e ia-se nos domingos ao jardim de S. Lazaro, levando enrolado no busto um *plaid* de quadradinhos amarellos, encarnados e verdes. Nunca se largavam as esporas, traziam-se as calças á hussard, o *casse-tête* de canna da India com uma aza de couro n'uma extremidade, um galho de veado na outra, e uma baioneta dentro. Cultivavam-se de frente seis namoros a um tempo, mantinham-se paixões funes-

tas por meio de cartas em estylo incendiario. Era-se preso ou admoestado pela policia uma vez por semana. Rebutavam-se cavallos e rebutavam-se batotas. As pateadas memoraveis no theatro de S. João, á Dabedoille e á Bolonni, á Giordano e á Ponti, deixavam em estilhas as bancadas da sala. De uma vez, Antonio Girão, em pé sobre um banco, com um barrote do soalho em punho, ameaçou a auctoridade de que deitaria abaixo o lustre, se á guarda municipal penetrasse na platéa. D'outra vez, n'uma empresa de José Lombardi, os coristas e os comparsas, armados de páus, appareceram no palco com o panno em cima e desafiaram os espectadores pateantes; o publico subiu á scena, e, depois de uma terrivel lucta de homem a homem, foi varrida a companhia toda para a rua, á bordoada. Metade das senhoras que assistiram a esse espectáculo nunca visto sahiram dos camarotes para os seus carroções levadas em braços, desmaidas ou em convulsões de nervos.

O ar fatal era de rigor nas salas. Os poetas usavam no pulso um mysterioso bracelete de mulher, uma pequena caveira de ferro na gravata ou no anel; e todo o mundo litterario, á noite, nos bailes, era magro, pallido, impenetravel como um cofre de tragicos arcanos. O sujeito dado á metrificação via deslisar a valsa, encostado a uma humbreira de por-

ta, terrível, de monoculo no olho e patchouli no lenço.

De que partido politico era o Soromenho, o Louzada, o Soares de Passos, o Arnaldo Gama, o Camillo, o Ricardo? Nunca ninguem o soube, nem lhes perguntou por isso. E todos elles escreveram successivamente em jornaes de todos os matizes do tempo, patulêas, cabralistas, cartistas, legitimistas, etc. A arte constituia para os que a cultivavam um terreno neutral e autonomo, onde cada um armava a sua tenda, arvorava o seu nome como um pavilhão de guerra, e combatia independentemente por sua propria conta e risco.

De uma vez, ha de haver vinte annos, no *Jornal do Porto*, tendo faltado a carta do correspondente de Lisboa, eu mesmo improvisei á ultima hora uma correspondencia da capital, em duas grandes columnas de verrina. Esta correspondencia infeliz esteve para fazer perder as eleições municipaes aos amigos politicos do jornal. Cruz Coutinho, o mais honrado e o mais benevolo dos homens, que tinha feito do *Jornal do Porto* a sua familia, e que tratava os seus redactores como seus filhos, viu correndo espavorido ao escriptorio da redacção, vibrando da mais justa colera, com o jornal ainda fresco de tinta e de injurias, aberto na mão.

— Como diabo tinha o estúpido do correspondente

de Lisboa escripto um artigo d'aquelles, e como, achando me eu no escriptorio á chegada do correio, o deixára passar e apparecer impresso na folha da manhã?!

E, tomando conhecimento do occorrido, em uma recrudescencia de ira:

— Oh! maldicto homem! — me bradou elle — pois você não conhece a attitude politica do jornal na grave conjunctura presente! Você não tem visto os artigos de fundo que andamos a publicar ha mais de um mez?!

A triste verdade é que eu, effectivamente, nunca vira semelhantes artigos, e a minha unica desculpa foi que estava contractado a tanto por mez para escrever no jornal, mas não para o ler. E devo acrescentar agora, que, tendo feito parte durante uns poucos de annos da redacção effectiva d'aquelle periodico, e enchendo n'elle regularmente duas ou tres columnas por dia, eu nunca então soube, nem ainda hoje sei, que politica era a d'elle no tempo em que eu lá estive!

Presentemente pelo que tenho lido durante os ultimos oito dias, os escriptores são incomparavelmente mais politicos do que outr'ora. O sr. Fontes e o sr. Manuel d'Arriaga, o sr. Braamcamp e o sr. José Dias, tornaram-se elementos de prosa, as imaginações renderam-se-lhes, a intriga constitucio-

nal substituiu nos espiritos a velha intriga poetica, e os jornalistas são talvez um pouco mais homens d'estado do que homens de letras.

Para honra d'estes amaveis escriptores cumpre todavia dizer que se lhes falta como poetas uma ponta de desdem indispensavel para não deixar materialisar a arte pela familiaridade do vulgo, não lhes falta decerto como estylistas a technica da profissão.

Não se póde empregar mais zêlo na escolha dos vocabulos. Não se póde pôr mais esmero em ennobrecer a dicção.

É principalmente nos textos dos correspondentes da provincia que mais energicamente se manifesta esse escrupulo na pureza da palavra. Em algumas d'essas correspondencias a preocupação da rhetorica attinge quasi o estado pathologico de uma monomania de sublimidade.

Cousa notavel, demonstrada pela observação: o amor do grandioso é tanto mais profundo e tanto mais voraz quanto mais pequeno é o logar de que se escreve! Nada que se compare em majestade aos rasgos de penna com que de Ovar, de Espinho ou de Estarreja se nos conta, que alli chegou o policia 34 para fiscalisar a decencia da praia, que choveu na vespera, ou que por deliberação camararia se está pintando o candieiro da rua Nova, em frente da caixa do correio!

Decididamente— e é triste ponderal-o! — a litteratura é tanto mais pomposa quanto mais provincial.

De uma pequena praia de banhos escrevem ainda hoje para uma das folhas da manhã :

«Esta tenue fimbria de areia osculada pelo Atlantico está sobrepujando e fazendos rosto em competimentos de garridice ás praias de maior tomo. Grande é o numero de damas e cavalheiros que ora ve-raneiam n'esta estancia balnear.»

E um outro escreve ácêrca da morte de uma jo-ven senhora da sua localidade :

«Dramas crudelissimos da vida real! Reclama a lousa do sepulcro as heras e os goivos que tem de cobrir aquella que a morte arrebatou no vicejar dos annos e em que florescem as singelas virtudes que no lar remansoso dulcificam o travar acerbissimo da existencia!»

No jornalismo da capital dizem-se as cousas terra a terra, muito mais simplesmente. Assim, no dia em que eu parti de Lisboa, um necrologista resumia todo o elogio do seu morto na seguinte phrase verdadeiramente memoravel :

«Nelle concorriam todas as virtudes civicas e domesticas e vice-versa!»

*
* *

São espantosos os progressos do espirito de associação no Porto. Ha ainda mais associações novas do que novas ruas. Perde-se a imaginação no abysmo de tantas designações diversas: Sociedade Alexandre Herculano; Sociedade de beneficencia D. Luiz I; Sociedade de beneficencia D. Pedro V; Associação artistica portuense D. Maria Pia; Associação de beneficencia D. Fercando; Associação humanitaria infante D. Augusto; Associação liberal D. Pedro IV; Associação liberal do principe D. Carlos; Real associação restauradora de D. Maria Pia; Associação villanovense Fé, Esperança e Caridade; Associação Catholica; Associação Firmeza e Alliança; Associação fraternal de beneficencia universal; Associação fraternal do infante D. Affonso; Soccorros mutuos de ambos os sexos do Porto; Luz e Auxilio; Nova Euterpe; Sociedade Camoneana; Tecidos dos operarios do Porto; Amadores villanovenses; Restauração de Portugal; Protectora do Porto; Beneficente funebre familiar; Sociedade Talma; Sociedade parturiente funebre; etc., etc., etc.

Conto muito para cima de cem, e afundo-me na

voragem tenebrosa das mais devoradoras conjecturas, ao querer interpretar o sentido dos titulos da maior parte d'ellas.

A de *Soccorros dos sexos*, por exemplo, faz-me ourar a cabeça.

A *Tecidos de operarios* arripia me os cabellos de horror. A divisa demagogica do *sangue do ultimo dos padres bebido pelo craneo do ultimo dos reis* parece-me aqui invertida para o lado dos conservadores, de um modo não menos cannibalesco. Emquanto uns beneficiam toda a real familia, desde o finado Pedro IV até a tenra vergontea D. Affonso, apoiados na *catholica*, nas *tres virtudes theologaes de Villa Nova de Gaya*, na *luç e auxilio* e, por ventura, na propria *firmeza e alliança*, outros põem taboletas de *tecidos de operarios* e fornecem talvez dobrada de classes trabalhadoras com ervilhas aos *restauradores da sr.^a D. Maria Pia!*

Que fazem no emtanto os *beneficentes funebres familiares*? Allumiam com luctuosos cirios amarellos a agonisante bisca domestica? Cantam aos pianos da rua das Flôres responsos de sepultura? Ensaiam no jardim de S. Lazaro enterramentos simulados, de amadores, por companhias de defunctos curiosos? Organizam merendas de *pingos de tocha* pelo rio acima, em regatas de caixão á cova? Passeiam de corpo á terra, em berlindas de segunda classe, pela

rua de Traz da Sé? Ou cruzam os braços inertes no peito dos balandraus, hirtos, com dois radios em x no laço da gravata, vendo circular os enganos e as illusões da vida pela Calçada dos Clerigos em frente do Antonio das Alminhas?!

Que devo pensar da *Parturiente funebre*, ó meu Deus? Qual pôde ser na terra a missão dos dignos socios d'esta conspícua assembléa, adornada da sua respectiva presidencia, dos seus dois secretarios, thesoureiro, cartorario e cobrador?... Desisto de o investigar.

Do numero das sociedades recreativas desapareceu a velha *Philharmonica*, templo da antiga arte musical na cidade do Porto, santuario celebre onde receberam o primeiro baptismo de semifusas tantos meninos prodigios e tantas donzellas, que o *Methodo Carpentier*, manuseado com ardor, levou aos grandes triumphos da arte em convivio familiar na rua da Fabrica, e onde se coroaram com os seus primeiros louros tantos musicos celebres, como o Francisco Eduardo da Costa, o Francisco de Sá Noronha, e as grandes dynastias artisticas dos Ribas, dos Arroyos, dos Napoleões.

Persistem ainda o *Club portuense* e a *Assembléa portuense*, e ha varios clubs novos, como o *Real club naval*, o *Real club fluvial portuense*, o *Club gymnastico*, o *Club dos caçadores*, e o *Club dos pro-*

gressistas, assembléa de recreio fundada por operários e regularmente frequentada por elles e pelas suas mulheres.

D'entre todas estas associações, symptomas mais ou menos característicos do estado da civilisação portuense, sobresaem como instituição de primeira ordem, sem competencia no paiz, a *Sociedade de instrução do Porto*. Fundada para vulgarisar idéas e espalhar noções, a *Sociedade de instrução* tem cumprido brilhantemente a missão que se propoz, e ella só, em quatro annos de existencia, tem feito mais para o progresso dos conhecimentos do que os institutos officiaes de natureza analoga, todos juntos. No fim do primeiro anno da sua installação, o presidente José Fructuoso Ayres de Gouveia Osorio resumia o movimento dos trabalhos comprehendidos nos seguintes termos:

«O conselho scientifico, fiel interprete da nossa lei, tem procurado com a mais louvavel assiduidade estudar todos os meios de preparar faceis soluções para os problemas da pedagogia, que absorvem a attenção de todos os pensadores. Na sua solicitude organisou o regulamentos interno; — fundou a nossa bibliotheca e o seu gabinete de leitura, que hoje conta 114 gazetas e publicações periodicas e muitas centenas de volumes, alguns valiosos e raros; — creou a *Revista*, de que se publicaram já seis nume-

ros com 210 paginas;—ordenou a aquisição de uma collecção modelo de apparatus para os *jardins de infancia*, segundo o methodo Frœbel;—encetou a formação de uma bibliographia portugueza de livros de ensino;—principiou o estudo e analyse dos compendios geralmente adoptados, recommendando os melhores, o que é certamente um dos maiores serviços que pôde prestar-se á pedagogia nacional;—apreciou minuciosamente e louvou o compendio de geographia, original do nosso muito illustre socio Augusto Luso;—encarregou á provadissima competencia do nosso zeloso secretario geral, o sr. Joaquim de Vasconcellos, um *projecto de organização do ensino technico com applicação ás escholae de instrucção primaria*;—investigou e discutiu detidamente as condições do ensino primario e dos exames de admissão, nomeando uma commissão para formular o programma de um livro de leitura;—considerou a importantissima questão da orthographia nacional;—finalmente uma das suas secções preparou uma exposição de historia natural, que será, como creio, o ponto de partida para a organização de um museu, onde se reunirão objectos e meios de estudo sempre necessarios para os que pensam em alargar os limites da educação.»

Depois d'este discurso (1881) a *Sociedade de instrucção do Porto* levou a effeito, com grande exi-

to, a *exposição de historia natural*, a *exposição de ceramica*, a *exposição de industrias caseiras* e a *exposição de ourivesaria*, factos de um interesse incomparavel para o estudo da natureza em Portugal, para a historia do trabalho industrial, dos costumes domesticos, das tradições artisticas e das aptidões plasticas da familia portugueza.

A magnifica exposição de louças nacionaes e a das principaes industrias tradicionaes do povo reuniram os mais numerosos, os mais desconhecidos, os mais raros, os mais importantes documentos do genio artistico e da filiação esthetica da raça lusitana. E todos ou quasi todos esses documentos foram minuciosamente e zelosamente estudados por alguns membros da corporação e especialmente pelo secretario da sociedade e seu principal *boute-en-train*, o sr. Joaquim de Vasconcellos, o mais competente e o mais erudito dos nossos criticos de archeologia e de arte. *A Revista da Sociedade de instrucção* publicou por occasião de cada uma das exposições organisadas sob a sua valiosa iniciativa, as mais interessantes e preciosas monographias sobre rendas portuguezas, sobre a industria da olaria, da faiança, da porcellana e da louça de barro grôso, sobre os estôfos, sobre os moveis, sobre a joalheria, sobre as alfaias e sobre as vestimentas nacionaes.

Além de trabalhos originaes contendo a analyse

de documentos ineditos e estudos de coisas novas, a *Revista* tornou conhecidas as mais completas bibliographias de todos os trabalhos correlativos esquecidos nas bibliothecas, nos archivos e nos cartorios do paiz.

No tomo vastissimo de informações preciosas prestadas aos estudiosos e ao publico pela *Sociedade de Instrucção do Porto* encontram-se ainda trabalhos especiaes consideravelmente importantes sobre a reforma do ensino, especialmente do ensino artistico e industrial, sobre a organização das escholae, do professorado, das galerias e dos museus, sobre os costumes e as tradições nacionaes, sobre a lingua e sobre as formas populares da arte, sobre a aprendizagem nos officios, e enfim sobre todos os mais importantes problemas da pedagogia moderna.

Nem as duas casas do parlamento na discussão das successivas leis de instrucção primaria e de instrucção secundaria, feitas, desfeitas, refeitas e contrafeitas durante os ultimos vinte annos, nem a junta consultiva ou a direcção geral da instrucção publica, nem os ministros, nem os deputados, nem os chefes de repartição, nem as commissões de estadistas, de professores, de curiosos e de vadios, tantas vezes convocadas, reunidas e louvadas nas dependencias officiaes do ministerio do reino ou das obras publicas, produziram jámais coisa que se compare

aos relevantes serviços despremiadamente prestados á educação publica pela livre e espontanea iniciativa da esclarecida e benemerita *Sociedade de Instrucção do Porto*.

É certo que na ordem intellectual, e na ordem industrial igualmente, o progresso da cidade está em muitos pontos de vista longe de condizer com o seu desenvolvimento material, no decurso dos ultimos annos.

O commercio dos vinhos finos, por exemplo, esse grande veio da riqueza local, decae lamentavelmente de anno para anno, de dia para dia. A prohibidade impeccavel, a honradez proverbial que presidia a esta industria passou a ser materia hypothetica, ponto de contestação. Observa-se este phenomeno contristante: por um lado o phylloxera diminuiu consideravelmente a producção, por outro lado augmentou o consumo; entre estas duas influencias combinadas para diminuir a offerta e para augmentar o valor, deu-se precisamente o facto contrario: o preço *desceu* e a producção *subiu!* Que quer isto dizer? Que ha duas especies de phylloxera, um nos vinhedos do agricultor e outro nos armazens do negociante; o primeiro diminue e encarece a uva, o segundo embaratece e augmenta a droga. O bicho destinado a destruir dentro de poucos annos o famoso commercio dos vinhos do Porto não é o que ata-

ca a videira, é o que ataca o vinho. A ruina não vem da cepa, vem da pipa. O flagello mortal não está nas terras do Douro, está na rua dos Inglezes. Compreende-se o mal enorme d'esta situação, perfeitamente declarada e manifesta, com relação ao commercio de um producto de condições especialissimas, como o vinho, tanto mais difficil de acreditar quanto é mais facil de corromper. O vinho adulterado, como o homem doente de nascença, tem a vida curta. A maior parte da beberagem que hoje se negoceia sob o nome de vinho do Porto não é susceptivel de envelhecer. Como os relógios baratos, tem apenas equilibrio para dois ou tres annos. É preciso bebel-o enquanto elle regula, isto é, immediatamente depois de prompto, como a sôpa. Se o fazem esperar, por pouco que seja, elle embaça e transtorna-se. Mais alguns annos de experiencia, — o tempo preciso para os colleccionadores de garrafeiras começarem a provar como velhos os vinhos presentemente novos — e hão de vêr que ninguem mais quererá vinho da vespera, e que os negociantes terão de o mandar pelas portas, fresco do proprio dia, precisamente como o pão!

Antigamente os negociantes de vinho, no Porto e em Villa Nova de Gaya, constituíam verdadeiras dynastias burguezas, em que a honra do negocio e o respeito da firma passava em brazão de paes a fi-

lhos e de filhos a netos. Esta aristocracia mercante acabou com o advento da nova aristocracia politica. Antigamente contentavam-se em ser nobres pela probidade, e creavam os filhos para mercadores como elles. Agora quasi todos querem ser viscondes pela intriga, e apelintram os filhos pedagogicamente para deputados. Emquanto ao vinho, dizem-me que as novas camadas sociaes ainda sabem, no geral, beber-o; mas já não sabem negocial-o.

Outra industria em decadencia, como a do vinho, é a tão sympathica industria caseira da ourivesaria de Valbom. Os antigos *feitores* habilidosos que faziam ao alicate, em casa, ás noites, depois do trabalho dos campos, as bolsas para dinheiro, os *cordões* de ouro e de prata, ou passaram a trabalhar na joalheria fina, á *franceza*, ou abandonaram o officio, ou emigraram. As bolsas e os *cordões* ficaram apenas para os apprendizes, e são cada vez mais mal feitos, até que deixem de se fazer de todo, por não haver mais quem os queira.

Haverá talvez ainda, se procurarmos bem, um ou outro signal de decadencia nos costumes burguezes, no commercio maritimo, nas industrias navaes, na solidez da riqueza, no culto da arte.

A *Sociedade de Instrucção* é porém um phenomeno significativo e consolador. Não sei até que ponto a sympathia do espirito publico acompanha os

esforços d'esta operosa associação, nem quaes as forças de que ella hoje dispõe, mas creio que lucrariam muito o engrandecimento da cidade e o futuro do seu commercio, se uma liga de negociantes honrados e instruidos emprehendesse na esphera practica uma renovação de movimento semelhante áquelle que tão brilhantemente iniciou na orbita das idéas e nos dominios do ensino a associação a que me refiro.



Cumpre-me emfim consignar que o Porto perdeu esse bom e saudavel cheiro provincial que tão especialmente embebe como d'um aroma antigo a prosa dos seus grandes escriptores, — O *Arco de Sant'Anna*, de Garrett, e alguns dos romances burguezes de Camillo Castello Branco e de Julio Diniz.

Os antigos costumes locaes desapareceram com as liteiras do Lopes e do Carneiro, com as cadeirinhas da rua do Almada, com as tortas do pasteleiro da rua de Santo Antonio, com os carroções do Manuel José de Oliveira, com os Samjoões da Lapa, do Bomfim e de Cedofeita, com as merendas pelo rio acima, com a politica jacobina de José Pas-

sos, na sua casa da Viella da Neta, e com o velho botequim das Hortas, em que á noite se jogava o lotto a vintem o cartão, e que, ao abrir-se uma das suas portas envidraçadas guarnecidas da cortininha de cassa branca, enchia de um picante perfume de calda de capilé e de café torrado a rua toda, sobre cujos lagedos dormiam estiraçados ao sol, entre os fardos de estôpa e as mólhadas de verguinha de ferro, os podengos côr de raposa e os galgos dos lojistas.

Aos domingos de verão, o picheleiro do Souto, o guardasoleiro da Banharia, o ourives ou o mercador de pannos da rua das Flôres ia com o romper do dia á missa das almas a S. Francisco ou aos Congregados; comprava depois o melão, a melancia e as laranjas na F'eira do Anjo, e, ás seis horas da manhã, na frescura aquatica do caes da Ribeira, embarcava com a familia em barco de toldo para a Oliveira, para Avintes ou para Quebrantões.

O patrão, de quinzena de ganga e chapéo de esteira; as filhas á frente em toilette de musselina; a mulher ao lado, de saia de nobreza, luvas de retroz e a mantilha de lapim no braço; a *môça* com as roupinhas novas de camponeza maiata; e o marçano atraz com niza de briche, camisa de linho caseito, chinellas amarellas de grosso bezerro de Penafiel, e á cabeça o açafate dos viveres, discretamente

cobertos com a alva toalha de ôlho de perdiz, e com o chapéu braguez, duro e afunilado, pôsto em cima, de remate ao festivo monumento campestre da gastronomia dominical:— o alguidar novo com a infalível *sapateirada*, as postas de pescada frita, as alfaces, as fructas e a inolvidavel borracha de canada com o vinho maduro da Companhia, que ha de ir a refrescar ao fundo do poço, de borda ornada de craveiros e manjaricos, debaixo dos alamos, emquanto a familia em folga ripar a salada, sentada na herva.

Tamanho era o dia como a romaria. De sorte que só á noite fechada se voltava para casa. E os que tinham ficado na cidade, depois de terem ido ao Senhor Exposto a Santo Antonio das Taipas ou a S. João Novo, viam do paredão das Fontainhas deslizar em baixo, no espelho negro do rio angustiado e tumido, as lentas barcas illuminadas de lanternas. O golpe das remadas, batendo compassadamente nos toletes e arrepiando a corrente, parecia remexer um turbilhão de estrellas no fundo tenebroso da agua; e, de quando em quando, o echo da Serra do Pilar repetia como n'um soluço, da banda d'além, uma plangente arcada de violino ou um saudoso harpejo de banzas, com que o morno vento léste varria docemente a superficie do rio, até se ir perder expirante para os lados do Candal, nas alamedas sombrias de Valle de Amores.

As *soirées* chamavam-se *sucias*, e as melhores eram as da Feitoria e as da Philarmonica. Nas casas particulares convidava-se *para beber uma chicara d'agua morna*. Jogava-se o quino marcado a feijões, obrigado a anexins e a jocosidades apropriadas ao numero de cada bola que se tirava do sacco. Um conviva idoneo incumbia-se da missão de espezitar as velas. Menores de dez annos, innocentes mas circumspectos, serviam o assucar e o leite. E ao centro da grande bandeja da doçaria e das fatias de pão com manteiga um cão d'agua, em prata, sobressahia ouriçado de palitos. Às onze horas um famulo dizia:—Chegou o creado das senhoras Viterbas com o sacco dos chales e os guardachuvas. E a companhia dispersava pelas ruas cavas e silenciosas, em magotes de pessoas atabafadas d'agasalhos, precedidas de um vulto empunhando o classico e monumental lampião, com duas velas, de acompanhar familias.

Fidalgos havia seis, unicamente: o da Bandeirinha, o da rua da Fabrica, o de Traz-da-Sé, o Cirne do Poço das Patas, o Pamplona de Santo Ovidio, e o Terena da Torre da Marca. Quasi todos elles tinham velhas seges bamboleantes em altos suspensorios de couro, e creados de farda, parecidos com os do bispo, e tendo as côres das respectivas casas nas golas, nos canhões e nos vivos da libré archaica, cheirando a môfo e a azebre.

A cidade oppunha ao prestigio bolorento dos seus velhos nobres a gloria constitucional dos seus bravos do Mindello, dos seus voluntarios da Rainha, dos seus soldados do batalhão da Carta, simples negociantes enriquecidos que tinham andado com o imperador, de patrona nos rins e escopeta ao hombro, enfarruscando a cara com o fumo das escorvas, de reducto em reducto, do Pasteleiro para as Antas, das Antas para o Bomfim, do Bomfim para a serra do Pilar, em todo o circuito das trincheiras, no tempo do sitio.

Quando o principe reinante e sua augusta familia iam ás provincias do Norte, o Porto recebia-os de azul e branco, n'um grande rasgo de jubilo sublinhadamente plebeu, que entocava a nobreza de pura humilhação perante as magnificencias da burguezia dinheirosa e bizarra. Os moradores das ruas por onde tinha de passar o cortejo rivalisavam de ardor nas manifestações do publico regosijo: colxas e bandeiras nas janellas, girandolas de foguetes, palanques de musica, luminarias, lôas, e arcos de triumpho em lona pintada, do alto dos quaes choviam petalas de rosas sobre os reaes hospedes.

Ao fundo da rua de S. João, em frente da Ribeira, armava-se um pavilhão ornado de bambolins das côres constitucionaes, e n'esse estrado, a que subia a familia real e os vereadores da municipalidade por-

tuense, de espadim e capa, bacalhaus na camisa, e tricorne guarnecido de arminhos, se procedia á cerimonia da vassalagem prestada ao rei pelos representantes da cidade invicta. O presidente da camara apresentava ao soberano sobre uma almofada de velludo duas enormes chaves de cartão dourado, a que pelo mais arrojado dos tropos sua excellencia chamava no seu discurso *as chaves d'este inexpugnavel baluarte da liberdade!* O monarcha retorquia que as chaves do dicto baluarte se não podiam achar em mais fieis e leaes mãos que as do orador preopinante. E a camara, com as suas chaves de papelão sobre o cochim de velludo, retomava as competentes seges e seguia, atraz da real familia e do seu respectivo sequito, até á egreja da Lapa, a orar em frente do sarcophago em que se acha depositado o coração de Pedro.

Alguns dos arcos triumphaes, representando castellos roqueiros coroados de figuras allegoricas, tinham inscripções epigraphicas em verso. N'um d'esses arcos, na rua das Flôres, lembro-me que se lia, de uma vez, esta conceituosa quadra :

Pela carta e por ti, rainha cara,
O Porto pelejou lucta de morte ;
Pela carta e por ti, com lança em punho,
O Porto velará potente e forte.

Esse era o typo consagrado de todas as manifestações do jubilo portuense: um cumprimento á pessoa real, envolto sempre n'um elogio indirecto ao proprio Porto, e destinado a fazer sentir que a commissão dos festejos, a qual pagou *pro rata* as ripas, a lona, a colla e as luminarias dos arcos, é a mesma que n'outra occasião aparafusou a corôa na testa augusta do principe. E se algum parafuso cahir á testa referida, o mesmo Porto lá continua a estar, *potente e forte, de lança em punho*, para o atarrachar outra vez! E não se ensaia para isso... É zumba, bumba, catatumba! Para rainha e carta, para liberal constituição e throno, aqui mora o Faz-tudo! Solda, gruda, parafusa, martella, arrebita, bota abaixo, reconstitue, engonça, retesa, dá corda, regula, acerta, e garante, — sempre de lança em punho, feito de pedra, velando potente na fachada dos paços do concelho á Praça Nova, por cima da arrecadação das luminarias e das duas chaves do baluarte feitas de pasta pelo Alba dourador da rua de Santo Antonio.

No fundo das suas convicções politicas e sociaes o portuense era verdadeiramente patuléa. Detestava instinctivamente a côrte, a nobreza, a capital do reino. Glorjava-se de ser tripeiro e articulava esta palavra rijamente, fazendo-a vibrar com explosão, á bôcca cheia, como se a pronunciasse com tres p p.

O alfacinha figurava-se-lhe um ser abjecto, esfaimado e pedinchão, ocioso e tísico, e a alfacinha uma delambida, de cuia á banda, cuspinhenta e desolhada, namorando os amanuenses das secretarias e os alferes do exercito, e recitando poesias ao piano, com a barriga a dar horas, e as meias rôtas nos revezinhos dos calcanhares e das biqueiras. Ah! bôa roca á cinta, e bom covado pelas costas! O governo uma corja! E os pelintras dos deputados, tão bons uns como os outros!— Tal era a opinião synthetica, geral na rua das Flôres e na calçada dos Clerigos, ha vinte e cinco annos.

Hoje, transformação completa! Os burguezes mais opiniaticos, mais indomitos e mais cabeçudos, docilizaram-se com uma facilidade memoravel depois de ligados a Lisboa pelo caminho de ferro e pela intimidade correlativa da intriga politica e da chicana partidaria. Os patrões, juntamente com partido politico, botaram bigode, e os marçanos botaram gravata. Desappareceram os venerandos capotes bandados de velludo, de ir á desobriga e ao Senhor, e desappareceram as bellas mantilhas de côca, feitas de lapim ou de sarja de Traz-os-Montes. Vulgarizou-se o jogo de Bolsa e a loteria. O numero dos fidalgos, com mais ou menos exercicio no Paço, elevou-se rapidamente de seis a seis mil. Com a deslocação do antigo eixo do negocio tradicional, ramer-

raneiro, cauto, economisador, estreitamente e lentamente expremido, atraz do balcão á luz da vela de cêbo ou do candieiro de tres bicos, ou de feira em feira atraz da récua dos machos, de Vizeu para Villa Real, de Villa Real para Penafiel, quadruplicaram ou quintuplicaram as fallencias. A cidade encheu-se portentosamente de viscondes e de casas de emprestimos sobre penhores.

Quando o rei vem, já se não procede á cerimonia da entrega das *chaves do baluarte*. O antigo palacio dos Carrancas, á Torre da Marca, pertence agora á corôa, como o palacio da Ajuda. O Porto emfim cessou de ser provincia. É *segunda capital* (segunda por ordem chronologica bem entendido!) e a sua alta burguezia constitue para a côrte uma especie de casa filial, com as mesmas fazendas, sómente com melhor sortido e mais barato. Em vez de levantarem arcos de triumpho com allegorias e versos patrioticos, os proceres do commercio vão dansar a palacio. Com o monarcha dentro dos seus muros o bom e antigo burgo, tão cioso outr'ora dos foros plebeus dos seus mercadores e dos seus mesteiraes, converte-se n'um jardim zoologico de cortezãos, n'um seminario de aulicos, n'um Versailles de improviso.

Os ferrões dos guardasoes de suas mercês, raspan-do pelas lages acima da rua das Carmelitas, adquirem o tilintar aristocratico de finas espadas de côrte. Nas

lustrosas e espalmadas sapatetas dos mesarios da Lapa e dos irmãos terceiros de S. Francisco parece quererem espigar os tacões encarnados dos galantes marquezes contemporaneos da Dubarry ou de Maria Antoinette. E em todas as linguas que se deitam de fóra para lamber dedos pollegares, ajudando a calçar luvas brancas pelo largo dos Loyos, como que se vê palpitar o madrigal subtil dos *roués* perfumado pela pastilha almiscarada dos *mignons*. É o Trianon que temos deante dos nossos olhos, ou é o edificio da Bolsa? . . . É o Lago de Neptuno aquillo, ou é o chafariz de Villaparda? . . . Estamos no Par-aux-cerfs, ou estamos na Ramada Alta? . . . Ninguem o saberia distinguir. — Pelo que dou os meus parabens á invicta cidade. Unicamente receio que quanto mais ella intervenha na cõrte e na politica pela amenidade palaciana e pela domesticação partidaria na sua qualidade de segunda Capital, menos venha a preponderar como Provincia n'essa moralisadora influencia em que o simples trabalho obscuro, persistente e honrado, se contrapõe para a riqueza e para a prosperidade dos Estados á inquietação loquaz e esteril dos burocratas e dos bachareis.

ENTRE O TEJO E O DOURO

Caldas da Rainha—Agosto 1886.

Saio de Lisboa de manhã cedo... Uma d'estas bellas manhãs creadoras, em que as aboboras e os melões abeberados na raiz pela rega da vespera se dilatam regaladamente a um sol de rachar. Sente-se, no modo como de quando em quando redomoinham as folhas sêccas ao bafo morno da viração de léste, que vae cahir um dia de calor real; e do trem dos limonadeiros postados ás esquinas das ruas da baixa, com os seus moringues vermelhos de Extremoz, a sua bateria de limões e de garrafas de cavallinho ornamentada com um vaso de hortencias ou de manjarico, vem para a gente uma sensação appetitosa de refrigerio.

Cá tomo em Santa Apolonia um bilhete para me transportar á Azambuja, ao sol e á poeira de um es-

tupido compartimento de primeira classe, almofadado em lã como um aparelho sudorifero, emquanto a dois passos de distancia reluz aos meus olhos a bella facha aquatica do Tejo, em que deslisam reflectindo-se como n'um espelho as velas enfunadas e vermelhas das falúas.

Ó meu tão pittoresco e vetusto vaporzinho de Villa Nova! com que saudades me lembro da extincta navegação em que tu nos levavas á velha estrada das Caldas! E com que sincero ardôr amaldição os que tão accintosamente te immolaram á pedantesca rhetorica administrativa, á sordida metaphora do *silvo da locomotiva rasgando as entranhas do progresso!*

Ter dias d'estes, ter um verão assim, ter alli aquelle Tejo, e ir por terra para as Caldas, pela beira d'agua, com o sol a pino e com um calor de tisar os ossos, é uma d'aquellas que só a nós succedem! Haver ainda — ao que dizem — quatro ou cinco artistas em Portugal, e não termos, durante o verão pelo menos, um pequeno vapor em que se navegue pelo Tejo acima até ao Carregado, como n'outro tempo, não se admite nem se comprehende.

Viaja-se mais depressa por terra — é com o que lhe dão! Vae a gente vêr para que é todo esse afan de chegar aos logares meia hora mais cedo... Se ainda ao menos fôsse para irem ao ganho... Mas não; é unicamente para irem deitar-se a dormir!

Ora, realmente, para que as pulgas sertanejas e as pulgas provinciaes tenham alguns minutos ou algumas horas mais cedo o pabulo que a villegiatura lisbonense lhes ministra em cada verão pelas estalagens do reino, parece-me que não vale a pena de andarmos ás carreiras pelo caminho.

As pulgas que esperem!

*
* *

Pelo Ribatejo fora começavam as debulhas, e de momento a momento se descobrem na loura planície, entre as medas e as pavêas, as grandes récuas de cavallo á guia, trotando em circulo nas eiras.

Na Azambuja, por traz da pequena estação do caminho de ferro, ha um bello arraial de carroças, de diligencias, de *char-à-bancs* e de caleches, que o sol a prumo envolve em reflexos de ouro, illuminando de uma leve polvilhação diamantina as caixas pulverulentas dos trens, as folhas dos eucalyptos, os pittorescos arreios das mulas, os andrajos dos mendigos e as características pantalonas do camponez extremo, feitas de remendos em todas as nuances do azul da tecelaria de Alcobça.

Dô famigerado pinhal da Azambuja, com o qual

n'outro tempo fizemos aqui um bem ponderado *pendant* ao terror melodramatico das covas de Salamanca, restam apenas alguns pinheirotes tristes, magros, nostalgicos. Quando a nordeste passa, em vez das pragas dos bandidos e dos ais de Camilla manietada, entre os alforges pejados de dobrões, as enormes facas de ponta e os bacamartes de bôcca de sino na caverna dos ladrões, a pobre velha floresta, pellada e rôta, cheia de remendos e de calvas não manda aos echos dos arredores nem ás orelhas do viajor senão um gemido assobiado e roufeinho de bosque moribundo, rachado ás machadadas, despegando de quando em quando alguma pinha sêcca que desaba do alto e rola surdamente pelo solo fôfo de caruma, como a triste lagrima das coisas.

Emigrados d'estas paragens, os antigos habitantes do pinhal da Azambuja foram-se todos acoitar para Lisboa, e, a acreditarmos tudo quanto os diversos partidos politicos successivamente referem das façanhas de cada um que vae ao poder, todos os ex-sicarios d'estes bosques se fizeram ministros da corôa ou agentes officiaes da publica governação.

*
* *

Na antiga e honrada hospedaria do Moreira, no Cercal, a meio caminho das Caldas, servem, por encomenda, ás duas horas da tarde o melhor d'esses simples e succulentos jantares portuguezes cuja tradição tanto se tem obliterado pela importação imprudente de vis e apelintrados *menus* de Paris, compostos dos mais gloriosos nomes da historia de França, tão imprudentemente adaptados á cosinha portugueza por um dos mais lastimaveis effeitos do livre-cambismo applicado á culinaria.

O restaurant do Cercal é talvez o unico em todo o paiz que ainda conserva inviolavel o segredo glorioso da nossa antiga canja de gallinha — creação de arte composita, como podemos chamar ao estylo manuelino, e, como elle, derivada da inspiração asiatica trazida da India pelos nossos descobridores e combinada no velho mundo pelos nossos artifices com a tradição gothica do presunto de fumeiro e do paio de lombo com colorau.

A canja portugueza, ou antes, infelizmente — para que o digamos com mais exacção geographica — a canja do Cercal, é para a nossa cosinha um puro

monumento historico, tão importante no seu genero como a custodia de Gil Vicente, ou como a biblia dos Jeronymos. Não ha remedio para a conhecer se não fazer uma viagem de cinco leguas em caleça por uma esboracada e poeirenta estrada velha, como para vêr a Batalha. Mas vale a pena.

*
* *

Do Cercal ás Caldas, em cinco leguas de extensão, quantos terrenos improductivos e incultos! Apenas em Alcoentre um tenro verdejar de hortas e um fugitivo sorriso de sociabilidade no confôrto modesto da casaria alegrada de cannaviaes.

Quasi que tudo mais é charneca nas collinas ondulantes, onde apenas de longe a longe sobresaem um pequeno casal assignalado por uma d'essas lindas e caracteristicas chaminés extremenhas em cupula pyramidal, cylindrica ou octogona, sobreposta a um cinto de frestas arabes em tijolo vermelho.

E faz pena pensar que tantos braços robustos escaçiam ao arroteamento do solo, que simplesmente pede pequenos proprietarios, emquanto, ha poucos annos ainda, contra uma postura municipal da camara do Rio de Janeiro protestavam como lesa-

dos novecentos emigrados portuguezes, todos de profissão carroceiros!

Aqui vae correndo n'uma sequencia quasi infinda-vel, ao longo da estrada, o alto muro da quinta de Torre Bella, hoje propriedade de Caetano Bragança, descendente dos Vimiosos. Dentro d'uma circumferencia de não menos talvez de 12 kilometros, tudo é matto, tudo é bravio! Nem sequer havia occorrido estabelecer uma simples criação de coelhos, dando espontaneamente uma *garenne* monstro, que só de per si revolucionaria, no sentido da mais consideravel economia, a alimentação de Lisboa. Recentemente apenas o novo proprietario repovoou de lebres, de coelhos e de veados a antiga coutada.

Por toda a parte do paiz é geral a falta de algumas pequenas leis locaes, de modesta politica experimental, importantissimas ao interesse das pequenas e esquecidas populações ruraes.

N'esta região por exemplo, seria de um immediato valor, bem facil de assegurar, a industria da caça, protegida pela formação das pequenas coutadas. Pois bem, aqui, como no resto do paiz, para que um terreno cynegetico se considere reservado, é preciso cingil-o de um muro, o que, n'uma região em que a pedra escaceia e em que um jornaleiro no tempo da monda, no tempo da cava ou no tempo da vindima, ganha de cinco a dez tostões por dia, cor-

responde ao empate de um capital exorbitante! Pois não bastaria, para que uma terra de caça se considerasse reservada, que o proprietario a assignalasse com uma simples declaração, authenticada pela auctoridade, mediante o pagamento de uma patente, e affixada a um poste, como se faz em França ou na Inglaterra?

E é de notar que, emquanto em Portugal a productividade da caça se despreza, se difficulta ou se destroe, o arratel de carne, que importada na America e conservada em gêlo se compra em Londres por 80 réis, se não tem em Lisboa por menos do dobro!

Devo accrescentar que, não obstante o desdem administrativo em que são tidos os seus interesses, a população extremenha tem n'esta região um aspecto feliz. As physionomias são saudaveis e riso-nhas. As raparigas que passam na estrada debaixo de grandes guarda-sóes azues, choitando nos seus alentados e vigorosos burros, tem um ar de festa nos olhos claros e riem com gôsto, mostrando-nos bellos dentes.



A linda villa das Caldas da Rainha é o centro de *villegiatura* que em Portugal mais se parece com as terras de aguas francezas e allemãs. Não tem, certamente, *Trinkhalle* magnifica, nem a esplendida *Conversations-haus* de Baden; não tem o *Corsaal* de Wiesbaden, com o seu portico jonico, a sua arcada rodeada de lojas de luxo, e o seu grande salão, de galerias sustentadas em columnas de marmore, revestido de estatuas de Carrara; não tem theatro, não tem sumptuosas salas de concerto, e de bibliotheca; não tem galeria de pintura, nem galeria de antiguidades, nem grande hotel, nem grande restaurante, nem pavilhões, nem *cottages*, nem *chalets*, nem quintas de recreio. Tem, porém, optimas arvores, o bello parque chamado da Copa, a linda avenida dos alamos, os choupos, as acacias e os pinheiros da matta, — a sombra sufficiente, emfim, para se passar o dia todo na fresca oxygenação do ar livre, primeira condição essencial no tratamento das lisboetas anemicas, emmurchecidas durante o inverno na atmosphaera mordente e definhante das salas e dos theatros.

Além d'isso, nas Caldas da Rainha, as casas mobiladas para alugar, apesar da modestia quasi rudimentar do seu cõnforto interior, são em geral frescas e bem lavadas de luz; a agua potavel da quinta da Boneca, muito bõa; a alimentação, simples e saudavel, abundante em ovos frescos, em gallinhas baratas, em boa fructa e em doce especial, como as cavaças celebres, as trouxas e os queijinhos de ovos, os pasteis de Marvão, etc. As praxes de sociabilidade entre os banhistas e os viajantes têm um character familiar particularmente affectuoso e sympathico. A gente indigena, aqui, como em quasi toda a Extremadura, é risonha e affavel. A população forasteira concorre em massa aos pontos consagrados de reunião geral: pela manhã, ao parque da Copa, onde as mesas de *whist* e de *boston* funccionam debaixo das arvores, como o *croquet* e o *arquinho*; de tarde, na matta, onde se organisam os jogos de jardim; e á noite, no club, onde se contradança, se valsa e se cotilhona desde as oito horas até á meia noite

Ha talvez um quasi nada de valsa a mais do que seria util, e falta um *lawn-tennis*.

O exercicio um tanto insistente da valsa, com a subita transição do calor da sala para um passeio a pé na frescura da noite, quasi sempre nevoenta n'esta região thermal, torna-se uma engenhosa fabricação de rheumatismos, pouco coherente, a meu vêr com

o fim de os curar. Bem sei que a valsa tem, como excitação de movimento e como exhibição de graça, um innocente e picante attractivo, a que difficilmente resistem as jovens senhoras convencidas de que para alguma coisa foi que Nosso Senhor as não fez coxas nem corcundas. Napoleão Bonaparte dizia altivamente: «Eu não nasci para dansar, nasci para fazer dansar os outros.» Toda a gente teria um nobre orgulho em applicar aos seus habitos de salão esta formula do grande homem; persiste, porém, a valsa, pela razão de havermos talvez reflectido que a phrase memoravel de Bonaparte não é, no fim de contas, senão a mesma que sobre o assumpto a que ella se refere, empregaria em nossos dias o pianista Macario.

O *lawn-tennis* offerece, porém, ás meninas um exercicio de agilidade e de graça, que falta completamente ao adunco e corcovado *croquet*, e que triumphantemente rivalisa com o da valsa sem nenhum dos inconvenientes pathologicos d'este aliás apreciavel ramo da choreographia de salão. O *lawn-tennis* determina em primeiro logar uma toilette especial em flanela branca e sapatos chatos, consideravelmente elegante e pittoresca; presta-se aos mais vivos, aos mais variados e aos mais esbeltos movimentos de agilidade; estreita delicadamente a familiaridade das relações entre os jogadores; ennobrece

a educação pelo desenvolvimento da força physica e pelo augmento de coordenação entre os actos mentaes e os movimentos musculares — theoria tão predilecta de Schopenhauer —; e dá além d'isso, pelo risonho apparatus do terreno, da rede que o divide, das camisolas listradas dos jogadores, das pélas e das raquettes, um dos mais bonitos attributos decorativos da paizagem de jardim.

É pena tambem, que se achem ainda accumulados no mesmo edificio o estabelecimento dos banhos e o do hospital, reconstruidos por D. João V, e fundados no fim do seculo xxv pela mais sympathica de todas as rainhas portuguezas, a amavel Leonor de Lencastre, mulher de D. João II, instituidora das caridosas confrarias de Misericordia, e fundadora da Misericordia de Lisboa.

O estabelecimento balnear, em que o débito das nascentes attinge, segundo medidas ultimamente feitas, o volume consideravel de 1.000:500 litros por hora, reclama urgentemente um desdobramento de quartos de banho e de salas de espera e de repouso, indispensaveis para o numero dos banhistas, cuja affluencia augmentará muito em breve tempo, com a ligação da villa das Caldas ao caminho de ferro Lisboa-Cintra. Devidamente modificada, sem grande dispendio, a parte do edificio em que se acha o hospital, daria cabida aos mais completos desenvolvi-

mentos da hydrotherapia moderna, e ao estabelecimento do grande e alegre restaurante obrigatorio para a commodidade dos doentes e dos viajantes. Esta reforma, que faria das Caldas uma estação thermal á altura das primeiras da Europa, depende unicamente da construcção de uma nova casa, destinada exclusivamente a hospital e independente da actual. É bem possivel que sua majestade a sr.^a D. Maria Pia, esperada aqui dentro de alguns dias, estando em preparação para a receber os aposentos do palacio de D. João V, folgue summamente, se esta idéa lhe occorrer, de iniciar ella a fundação do novo hospital. A rainha Leonor, não sómente instituiu o hospital das Caldas e a Misericordia de Lisboa, mas fundou tambem as mercearias de Obidos e de Torres Vedras, o mosteiro da Madre de Deus, o convento da Annunciada, a egreja da Merceana ; não foi extranha á construcção das incomparaveis capellas imperfeitas da Batalha ; e sobrou-lhe ainda tempo para fundar, pela sua decisiva protecção a Gil Vicente, o theatro portuguez, e para fortalecer e animar os primeiros ensaios da typographia em Portugal fazendo imprimir sob os seus auspicios a *Vita Christi*, ainda no seculo xv, e pouco depois o *Boosco deleytoso*, os *Autos dos Apostolos* e o *Espeelho de Christina*, nos primeiros annos do seculo xvi.

Não é de presumir que, uma vez na região das

Caldas e da villa de Obidos, tão cheia ainda das recordações saudosas da submissa e dôce mulher de D. João II, a esposa do senhor D. Luiz I consinta em que o seu consagrado e lindo titulo de *anjo de caridade* mantenha um character mais platonicamente abstracto e honorifico que o de Leonor de Lencastre, sua predecessora de ha quatro seculos.

. Como vestigios da antiga arte nada mais resta nas Caldas do que a abobada e a torre da igreja de D. Leonor, alguns bonitos azulejos do seculo passado, e uma pia baptismal curiosamente esculpida no estylo dos começos da Renascença. O campanario, com os seus contrafortes, a sua linda cupula octogona os seus quatro mostradores de relógio, as suas sineiras rendilhadas, e os caprichosos baldaquinos das suas duas estatuas, é um pequeno mas bello e interessante exemplar da nossa architectura monumental.

A circumstancia porém que dá ás Caldas da Rainha a sua grande superioridade sobre todos os logares de *villegiatura*, ainda os mais afamados em Portugal, como Cintra, como o Bussaco, como o Bom Jesus de Braga, é que esta villa é o centro da mais artistica, da mais historica, da mais pittoresca região de todo o paiz. Em nenhum outro logar se proporcionam aos *touristes* mais rapidas e mais facéis excursões encantadoras de arte e de archeologia.

A estrada a S. Martinho e a Alcobaça é simplesmente maravilhosa de paizagem; e nada vi jámais para lhe antepôr como tranquilla, risonha e pacifica expressão da natureza rustica e da vida rural. Na grande planicie, em tórno dos pingues campos de Alfeizirão, a pequena bahia de S. Martinho do Porto parece embeber-se e penetrar na poetica doçura do solo, com a voluptuosidade de um beijo aquatico dado á campina pelo oceano. Para o lado opposto do caminho até á cordilheira que vem de Cintra, e cujo perfil violaceo se esbate ao longe nas transparencias do céo, é o largo e majestoso valle, salpicado de casaes alvejantes, entre as vastas cearas ondulosas e os densos bosques de pinheiros sobre consecutivos e suaves comoros virentes de vegetação brava, cobertos de fetos, de giestas e d'urze, desabrochando á beira da estrada em flôres que se não vêem ao longe bebidas pela grande massa verde-negra, e são as estrellas douradas do tojo, os turbantes azues das alcachofras, e as pontas prateadas das moitas de trovisco, sobre que caem em regaçadas do vallado os cachos das madresilvas.

Através d'estes campos, quantos preciosos objectos de devoção para as romagens dos *touristes!*

Os monumentos da Batalha e de Alcobaça são unicos e de primeira grandeza como testemunhos da arte e da historia nacional.

As ruínas de Obidos, ainda hoje por assim dizer palpitantes de vida histórica, não ficariam mal sobre as próprias margens do Rheno, entre as ruínas famosas de Schonberg, de Ehrenfels ou de Hautensberg.

À lagoa de Obidos não falta senão uma cintura de jardins e de habitações de luxo para ser tão bella como alguns lagos celebres do norte da Italia.

O Castello de Leiria só poderá talvez ser comparado ao de Pierrefond pela importancia que tem como documento architectonico dos costumes da nobreza e da vida da côrte na Edade Média.

Aljubarrota, Portô de Moz, Gollegã, Leiria e Pombal encerram as curiosidades precisas para occupar o tempo de um mez, e para encher de *croquis* ineditos e de notas ineditas o album de um artista ou o caderno de um estudioso.

Bastam os tumulos, os cruzeiros e os pelourinhos disseminados n'esta região privilegiada, para compensarem largamente a um peregrino, com gôstos e curiosidades de historia e de arte, a fadiga de a percorrer.

Detalhe que seria iniquo omitir: na cadeia das Caldas ha apenas dois presos. Affirmam-me que são sempre os mesmos: dois honestos e assiduos funcionarios, devidamente gratificados para fingir de criminosos e se conservarem ás grades do carcere, com

o fim de fazer vêr aos povos que os ferros de el-rei se não fizeram para as môscas, e que—ainda ha juizes... nas Caldas. Quando algum d'estes cavalleiros pede licença para se ausentar por alguns dias da masmorra, deixa um amigo incumbido de o substituir no seu cargo. Se não se tomassem tão sérias e rigorosas medidas, a cadeia passaria, segundo todas as probabilidades, pelo desgosto de ficar deshabitada, tal é a pertinaz velhacaria com que os scelerados aqui se recusam á obsequiosa perpetração de qualquer especie de crime!

Obidos — 1886.

Restabeleçam sobre os alicerces que ainda existem alguns dos velhos edificios arrasados pelo tempo ou destruidos pelo grande terremoto de 1755; supprimam não mais de uma duzia de construcções d'este seculo; dêem ao que fica a ligeira restauração scenographica de alguns detalhes architectonicos; e, sem tocarem na disposição geral das ruas e no agrupamento das casas, aqui têm em Obidos, fielmente e integralmente resuscitado, um velho burgo portuguez de ha tresentos annos.

As pedras da calçada desconjunctada das suas cinco ruas são ainda porcerto as do tempo de Santa Isabel ou da rainha Leonor.

O seu castello mourisco, reconstruido no tempo da dynastia affonsina e da dynastia de Aviz, tem

ainda em pé todos os muros exteriores, e está quasi intacta a muralha dentada de ameias, cingindo a villa heroica, que por haver resistido ao assedio de Affonso III, então conde de Bolonha, permanecendo fiel a D. Sancho, como a cidade de Coimbra e a villa de Celorico, mereceu o titulo de *sempre leal*, com que ainda hoje se condecora.

Segundo a velha lenda da tomada de Obidos aos sarracenos por D. Affonso Henriques, foi a um estratagemma do lidador Gonçalo Mendes da Maia que se deveu esta conquista. Emquanto Affonso I atacava a fortaleza preparando a escalada por um lado, pelo lado opposto Gonçalo da Maia, acompanhado de alguns homens de armas, encobertos pelos ramos de ginjeiras decepadas para esta aventura, forçava a pequena porta, que d'ahi se ficou chamando *da traição*, e penetrava na praça.

Sem dar á lenda mais valor historico do que ella merece, direi que não foi sem uma certa commoção que, olhando do alto do castello para a esplanada inculta, eu vi n'ella, como unica vegetação, tres ginjeiras bravas.

Para aqui me guiou, através das estreitas, empinadas, torcidas, solitarias ruas da villa, o capellão padre Antonio, meu illustrado *cicerone* e obsequioso amigo. A cada passo temos que parar em frente de uma janella ogival, de uma aldrava de porta ou

de um espelho de fechadura, em arabescos de ferro do seculo xvi encimados pela cruz de Christo.

Arrimado á muralha pelo lado de fóra, junto de uma das portas, está o edificio da antiga gafaria, convertido hoje em habitação particular.

Dentro do torreão que defendia a porta do Valle, vê-se a capella que, em substituição do antigo nicho da Senhora da Graça, mandou edificar no principio do seculo passado o magistrado da India Bernardo da Palma, em cumprimento do voto feito por sua filha, morta aos vinte annos de idade, de paixão por um rapaz de Obidos. Bernardo de Palma oppoz-se ao casamento desigual planeado pela donzella, e esta pede-lhe ao expirar tísica, que levante á Senhora da Graça a capella que ella lhe promettera, se a justiça não perseguisse o seu noivo.

Para chegar ao alto da fortaleza, tivemos em alguns pontos de trepar agatnhados ao muro; mas acho-me bem pago, com o quadro que tenho em frente de mim, do trabalho que me deu subir.

A muralha descreve um triangulo isosceles, de cuja base se levanta o castello em um dos cujos mais altos torreões eu me acho.

No bico do triangulo em frente, voltado ao sul, ergue-se a *torre vedra*, com uma das portas da villa. Da campina de extra-muros destacam-se para esse lado algumas velhas aldeias: a Roliça, memora-

vel pela derrota que ahí teve o exercito francez em 1808; a da Gorda, o Pinhal, a Columbeira, nome evidentemente derivado do latim *Columbarium*, e ao fundo, fechando o horisonte, a Cesareda, onde recentes excavações têm descoberto medalhas e moedas romanas, mosaicos de pavimentos, e o bracelete de centurião, em ouro massiço, pertencente, creio eu, á collecção do rei D. Fernando.

Para o nascente alonga-se, por cima de pomares, a arcada do grande aqueducto da rainha Catharina, mulher de D. João III.

Ao poente estende-se a antiga veiga de Obidos, chamada *Varzea da Rainha* desde que, em troca do aqueducto, a villa cedeu estes terrenos a Catharina d'Austria, que d'elles cobrava fóros e terços. A varzea, em que correm tres rios, que desaguam na Lagôa, foi ha tempos vendida ao proprietario das Caldas Sr. Faustino da Gama, o qual me dizem haver-a pago em papeis publicos pela modesta somma de meia duzia de contos de réis.

No quadrante norte vêem-se S. Martinho do Porto, as Caldas, a freguezia de S. Gregorio, a Fandia, celebre pelo seu pão de ló, e emfim a Lagôa, que eu vi hontem em cheio *à vol d'oiseau*, do alto do moinho do tio Joaquim Real, na Foz de Arêlho, e mal reconheço d'aqui, tão pequena me parece agora essa abençoada lagôa, tão esquecida, tão despre-

miada, tão bella! Explorada por bateiras e por aparelhos de pesca de uma ingenuidade quasi prehistorica, ella continúa a fornecer com uma liberalidade illimitada os melhores camarões do mundo, perseves e berbigões, que ficam falados por muito tempo entre quem os come uma vez, e enguias e linguadões, com que abastece as Caldas todo o inverno, durante as temporadas em que não vão ao mar os pescadores de S. Martinho e da Nazareth. Até D. João V lá iam os reis, de quando em quando, comer caldeiradas e caçar patos. Bem perto, alli nas Gaeiras, morreu de uma colica o infante D. Francisco. E ha lapides commemorativas de jantares que vieram comer a estes sitios D. João IV, D. João V e D. José. Mas de João V para cá as lagôas cahiram de moda. D. Pedro V foi o unico que ainda aqui veiu alguma vez, como ia para a lagôa d'El-Rei, ao pé de Cezimbra, sem estado, n'uma humildade de artista, matar á bala os gansos bravos.

Além das egrejas das freguezias que nomeei, avisto ainda em torno de Obidos, o Senhor da Pedra, as Terceiras, a Senhora do Carmo e S. João de Mocharro.

Dentro dos muros com a torre do Facho e as portas da Villa, do Valle, da Cêrca e da Talhada, é facil reconstituir sobre os vestigios ainda existentes toda a vida historica da villa nos seculos xv e xvi.

Perto do castello acham-se as ruínas do convento das donas de Santarem, transformadas em *merceeiras* pela rainha D. Leonor, fundadora do instituto e do edificio. Está ainda em pé a porta do celeiro chamado *o celleiro da rainha*. Pinho Leal confunde esta porta com a das proprias casas de D. Leonor, que eram na quinta das Flôres, fóra do muro, e do outro lado da moderna estrada real.

Chorando aqui a morte de seu unico filho, morto em Santarem da queda de um cavallo, a rainha viria frequentemente ao convento das merceeiras. Foi indo de Obidos á Nazareth, em cumprimento de um voto, que D. Leonor, vendo uns herpeticos banharem-se n'uma poça de agua sulfurea, resolveu fundar n'esse logar o estabelecimento dos banhos e o hospital das Caldas. A léste do castello está a rua da Mouraria e a da Judiaria, com a casa que substituiu a Sinagoga.

Na praça ha um elegante pelourinho do tempo de D. João II, tendo no escudo a rêde de pesca que D. Leonor deu por armas á villa, em memoria d'aquella em que alguns pescadores do Ribatejo lhe trouxeram o cadaver do principe D. Affonso.

Existe ainda a igreja de Santa Maria, matriz de Obidos, anterior á monarchia, e successivamente goda e mourisca, antes de ser latina. Egualmente existem a antiga collegiada de Sant'Iago, sujeita ao con-

vento de Val-Bemfeito, e a de S. Pedro do xiv século.

Em uma d'essas egrejas — creio que na de S. Pedro — vi o tumulo de D. Fernando de Noronha e de sua mulher, um dos mais bellos especimens de escultura em marmore do estylo da Renascença. Em torno do castello ha, n'um velho muro, uma linda janella manuelina, entre ruinas de casas nobres, provavelmente habitadas pelos alcaides da villa.

Entre os interessantes manuscriptos da collecção de padre Antonio, que este me permite folhear, encontro a relação completa d'estes alcaides, e trasladado á pressa no meu caderno alguns nomes: O que, por fidelidade a D. Sancho, recusou entregar as chaves do castello ao conde de Bolonha D. Affonso III, foi Fernando Ouriques de Aboim, 3.º alcaide de Obidos. O primeiro foi D. Ourigo de Nourega, fundador da casa dos Aboins. O quarto alcaide, Ruy Nunes de Aboim, *muito privado do rei D. Diniç e ouvidor de sua casa*, foi o fundador da capella de S. Lourenço, na igreja de Santa Maria. Aos Aboins seguem-se os Noronhas. Com relação ao anno de 1383, leio no manuscripto, copiado dos registos da camara, a seguinte indicação: «N'este anno foi posto por alcaide de Obidos, por D. João de Castella, Vasco Pires de Camões, terceiro avô de Luiz de Camões.»

112

Sob a dominação hispanhola foi elevada a villa ao titulo de condado por Philippe IV, sendo primeiro conde o alcaide-mór D. Vasco de Mascarenhas. Esta mercê foi confirmada na familia dos Mascarenhas por D. Affonso VI.

Entre as personagens illustres da villa de Obidos contam-se a pintora Josepha Ayala, geralmente conhecida por Josepha de Obidos, e os dois Malhões: o poeta do seculo passado Francisco Manuel Gomes da Silveira Malhão, e seu filho o prégador celebre Francisco Raphael da Silveira Malhão, que José Estevão applaudiu com bravos e com palmas em plena igreja, ao ouvil-o prégar pela primeira vez na festa da Nazareth.

Josepha de Obidos, nascida em Sevilha, mas filha de Balthazar Gomes Figueira, natural de Obidos, para onde ella veiu na idade de seis annos, logo depois de acclamado D. João IV, pintou numerosos quadros, alguns dos quaes se conservam aqui, na igreja de S. Pedro. Vi-os com pouca luz, mas não me pareceram superiores á media na obra mais consideravel em numero que em qualidade d'esta sympathica e infatigavel artista, que até aos cincoenta annos de idade em que falleceu, desenhou, gravou, pintou, em tela e em cobre, flôres, fructos, naturezas mortas, retratos. assumptos historicos, disseminados pelas casas dos seus amigos em Obidos, por muitas

sacristias e egrejas, e pelas galerias publicas e particulares. A melhor das suas obras parece-me ser, como notou Raczynski, o lindo cordeirinho rodeado de uma cercadura de flôres, que existe na bibliotheca de Evora. Josepha está sepultada na egreja de S. Pedro.

Atravessando a villa para me vir embora, e acabando de sahir da alpendrada da praça, onde o padre Malhão costumava vir no inverno meditar ao sol embuçado no que elle chamava as suas *seis varas de briche*, encontrei n'uma d'essas ruas estreitas e pedregosas, de predios fechados de cima abaixo, e tão silenciosos como se estivessem deshabitados, um ébrio em mangas de camisa, cambaleando nas lages e atrancando a rua com os seus largos gestos rompantes, incoherentes e pesados. Esse homem berrava :

— Eu sou o sobrinho do Malhão... sou o sobrinho do Malhão!...

E a sua voz, espessa mas retumbante e convicta enchia os echos do melancholico e solitario burgo, com uma sonoridade cava e austera de catacumba.

Como todo o passado glorioso e cavalheiresco da acastellada villa de Obidos, a seiva intellectual que deu o talento dos Malhões ahi está esterilizada e extincta no cerebro d'esse pobre bebedo! E todavia, n'este grito automatico, lugubrememente repetido

como um *memento homo*—Eu sou o sobrinho do Malhão — ha como um resto de culto, inconsciente mas tocante, á gloria litteraria. O sobrinho de Malhão é uma ruina deshonrada pelo desprezo, como a do castello de Obidos; e no emtanto alguma cousa mysteriosa e prophetica no intimo do espirito devastado d'esse homem lhe diz que, aparentado d'aquelles que pela obra da arte contribuiram algum tanto para ennobrecer a intelligencia da sua especie, elle é ainda *alguem* n'este mundo.

E em nome das velhas lettras portuguezas, ao deixar Obidos pelo mais saudoso fim de uma bella tarde de verão, eu tirei o meu chapéo ao ultimo dos Malhões.

Alcobaça — 1886.

O mosteiro de Alcobaça, tal como o venho encontrar n'este mez de julho é ainda, apesar de todas as deturpações e de todos os estragos que tem soffrido, o mais interessante dos documentos para o estudo da antiga sociedade portugueza. E pode-se dizer que ainda se não fez a historia d'esta casa. As antigas chronicas da ordem e os livros que mais desenvolvidamente se lhe referem—*A monarchia lusitana*, de frei Bernardo de Brito e de frei Antonio Brandão, a *Chronica de Cistér*, *A Alcobaça Illustrada*, do chronista-mór frei Manuel dos Santos, e a *Historia chronologica e critica da Real Abadia de Alcobaça*, por frei Fortunato de S. Boaventura, são, apesar do seu grande tomo, estudos muito incompletos, cheios de invenções fradescas

destinadas a servir os interesses da congregação, e quasi inteiramente desprovidos não só de critica mas de curiosidade sobre as questões de arte. O sr. M. Vieira Natividade, pharmaceutico em Alcobaça, principiou a preencher esta lacuna, publicando o anno passado um interessante volume intitulado o *Mosteiro de Alcobaça*, e promettendo-nos para breve uma historia geral dos coutos.

Alcobaça merece bem esse trabalho de um escriptor moderno. Todos os outros grandes edificios historicos caracterizam cada um a sua época, como a Batalha, a Sé de Evora, a Sé Velha de Coimbra, os Jeronymos, Santa Cruz, o convento de Thomar, o convento de Mafra, etc. Alcobaça abrange, pelos seus successivos depoimentos, toda a historia nacional desde a fundação da monarchia até a revolução liberal.

Basta olhar para a fachada da igreja, para ter uma idéa do que é todo o monumento. Essa fachada começa de baixo por uma porta ogival do seculo XII, e amoderna-se successivamente até cima, acabando n'um entablamento jesuitico com duas torres do principio do seculo XVIII.

Para um e outro lado da igreja abrem-se duas grandes azas do convento, onde antigamente se achavam as *hospedarias*, a sala das conclusões da ordem, e os aposentos dos velhos frades que tinham

servido altos cargos na communitade. N'esta parte do edificio alojam-se hoje todas as differentes repartições da comarca e a cadeia da villa. Com esta fachada faz angulo a fachada do norte, que era a principal do convento, e tem dimensões eguaes ás da fachada principal. Mais dois corpos semelhantes a esses completam o enorme rectangulo que forma o todo da edificação, comprehendendo tres grandes claustros e dois pateos.

Os dormitorios do convento tinham cellas para 999 religiosos, e a casa dispunha, além d'isso, de vastos aposentos para os hospedes, quartos para creados, livraria, gabinetes de estudo, cavallariças, adegas enormes, celleiros, boticas, lojas de barbeiro, e numerosas officinas de impressores, de encadernadores, de marceneiros, de carpinteiros, de ferreiros, de esculptores, de *barristas*, *de imaginadores*, etc., etc.

A cozinha, verdadeiramente monumental, é de uma altura cathedralesca, em abobada, forrada de tijolos brancos esmaltados, e medindo perto de trinta metros de comprimento. A chaminé, collocada ao centro da casa sobre columnas de ferro, é de taes dimensões, que permittiria assar no espêto a um tempo, sobre o lar que ella cobre, seis ou oito bois. Em roda estão os fornos e oito tanques de marmore, servidos de agua por grossas torneiras de bronze. A um tõe

po vê-se a abertura em que deveria ter girado a grande roda destinada a passar as comidas para o refeitório. Do lado opposto, n'uma vasta bacia de marmore, cavada no solo como uma grande piscina, corre um braço do Alcôa.

A livraria é uma sala de cêrca de cincoenta metros de comprimento, de proporções elegantes, alumiada por 34 janellas.

*

* *

D'este primeiro aspecto geral resulta em mim um sentimento de vago mas sincero respeito. Não penso sem commoção no confronto de uma obra d'esta grandeza com as obras que nós temos de legar aos nossos descendentes.

Os que emprehendiam construcções d'este vulto, a que os fundadores nunca viam o termo; acreditavam em alguma cousa. A estabilidade das instituições que serviam era para elles segura, e tinham certeza inteira no futuro. O nosso pobre seculo não tem convicção social que vá para além de amanhã. Não edificamos senão provisoriamente, para nosso proprio uso, e o mais rapidamente possivel. Se um edificio levasse mais de dez annos a fazer, arriscar-nos-hiamos a não precisar d'elle quando o tivesse-

mos acabado, porque em dez annos estaria velha ou morta a idéa que lhe déra origem.

O aqueducto de Elvas levou cem annos a fazer. Durante um seculo seis gerações contribuíram, real a real, para custear a obra, até que, em certo dia, quando a herva crescêra muitas vezes sobre as osadas dos que tinham iniciado a construcção, a agua começou enfim a correr na cidade para os netos dos netos d'aquelles que a tinham ido buscar. O que fariamos hoje em circumstancias analogas? Não havendo agua contrahiriamos um emprestimo, subsidiariamos uma companhia que construísse a canalisação no mais breve tempo, e, depois de matarmos a sêde, deixariamos aos nossos netos... os encargos da nossa divida.

O mosteiro de Alcobaca lembra-me o aqueducto de Elvas.

Durante sete seculos póde-se dizer que não houve geração que não collocasse alli uma pedra.

A primitiva fundação de Affonso Henriques, envôlta nas mais curiosas lendas pela phantasia do chronista frei Bernardo de Brito, é derribada no fim do seculo XII pela invasão do mouro Miramolim, e recommçada consecutivamente por D. Sancho I e por D. Affonso II.

Passam em seguida, deixando vestigios mais ou menos apreciaveis, Affonso III, D. Diniz, D. Pedro I,

D. João I, D. Affonso V, D. João II, D. Manuel, D. João III, D. Sebastião, D. Henrique, Philippe III, D. João IV, D. Affonso VI, D. João V, a invasão franceza do conde de Erlon em 1811, a revolução liberal em 1833, e finalmente o systema constitucio-
nal desde 33 até hoje.

Do tempo de Diniz existe o bello claustro ogival, chamado Do Silencio, edificado no lugar em que esteve a *galilé* de Affonso II, destinada a Pantheon, e onde se encontram ainda numerosas campas, entre as quaes as dos soldados que morreram na batalha de Aljubarrota.

Do tempo de Pedro I temos os dois bellos sarcophagos d'esse principe e de Ignez de Castro, na mesma sala dos tumulos construida no seculo xvi, e na qual se encontram, além dos dois referidos, os sepulcros de Affonso II, de Affonso III, de D. Uraca, de D. Brites, e dos filhos de Ignez de Castro.

Do reinado de D. Manuel ha o dormitorio chamado Do Cardeal, construido pelo infante cardeal D. Affonso, D. Abbade de Alcobaça e filho de D. Manuel, o refeitorio de estylo manuelino, a bella porta da sacristia, e a que lhe fica fronteira debaixo da mesma abobada.

Os dois clustros mais pequenos são do tempo de Affonso VI, um d'elles construido por esse rei por occasião da instituição do *lausperenne* na egreja do

mosteiro, e o outro edificado pela communitade.

Varias reparações da egreja, no côro, nas capellas e na sacristia, são ainda da época manuelina.

Até o seculo xvi, as obras do mosteiro representam todos os estylos e todas as ordens architectonicas. Ha columnas de capiteis jonicos, corinthios e toscanos, arcos lombardos e arcos gothicos, abobadadas, nervuras e laçarias ogivaeas, lisas e rendilhadas.

Do seculo xvii e xviii vêem-se documentos raros, alguns unicos para a historia d'esse periodo da nossa arte.

Os azulejos da sala dos reis e da capella de Nossa Senhora do Desterro, estes ultimos da mais genuina tradição hollandeza posto que fabricados em Portugal, são muito dignos de estudo.

As esculpturas dos *barristas* do convento são curiosissimas, e representam tres phases diversas: a da sala dos reis, em que as estatuas dos soberanos me pareceram abaixo do mediocre, a da capella da morte de S. Bernardo, e a do santuario da sacristia.

A morte de S. Bernardo, em figuras de monges e de anjos, em tamanho natural, fazendo fundo uma estatua da Virgem, circumdada de anjos, tendo aos pés dois meninos ajoelhados, desagrada á primeira vista, pelo colorido duro e sem harmonia de con-

juncto, e pela expressão extravagante das physionomias dos anjos que no primeiro plano rodeiam os monges e o leito mortuario do Santo. Em seguida porém a um mais detido exame, a primeira impressão esvae-se a pouco e pouco, e o sentimento do quadro acaba por se nos inculcar com uma certa profundidade. O menino ajoelhado aos pés da virgem, do nosso lado direito, é encantador, tirado do vivo com a mais delicada expressão do mimo infantil, da tenra fragilidade de uma creança, sobre cujas formas as roupas caem com a mais pura e a mais ingenua graça. Ha alguns outros detalhes egualmente felizes, e do todo sobressae uma accentuação especial, bem característica, e, a meu ver, bem genuinamente portugueza.

Entre os bustos que figuram como relicarios no santuario da sacristia, ha alguns em que se revela a poderosa originalidade de um artista de primeira ordem. A collecção em geral carece de importancia, mas destacam-se d'ella seis ou oito cabeças (seguramente retratos e alguns repetidos), modeladas de improviso, a grandes golpes, com o mais raro, o mais intrepido e o mais intelligente vigor. A cabeça degollada de S. João Baptista, que vi no centro do santuario, cujas reliquias desappareceram, figura-se-me digna de concorrer entre as mais bellas obras da esculptura nacional.

Quem eram os *barristas* do convento de Alcobaça? Ninguém hoje o sabe. As chronicas deixaram envôltos n'um silencio sepulcral os nomes d'esses modestos artistas, de cuja alma guardou uma palpação immortal o barro de Alcobaça.

Os tumulos de Ignez e de Pedro I são joias incomparaveis. As grandes arcas em que repousam as cinzas dos dois amantes são inteiramente cobertas de baixos relevos, enquadrados na mais fina filigrana de marmore. A luz baça das estreitas janellas ogivaes, a côr denegrida e esverdeada da abobada e do pavimento, dão aos dois monumentos a tonalidade triste e saudosa que melhor lhes cabe. É impossivel ter contemplado uma vez estes marmores, e esquecel-os jámais. As duas figuras em vulto, que os cobrem, com os pés de uma para os da outra, são rudimentares como retratos, mas da mais tocante belleza como attitude. A *linda* Ignez traja um vestido franzido, de mangas curtas, cuja longa fimbria lhe envolve castamente os pés juntos, deixando perceber através do estofa os bicos agudos dos sapatos. Tem uma luva calçada na mão esquerda, em que segura a luva da outra mão, e entre os dedos da mão direita suspende a extremidade do seu grande collar. O vestido é apertado com alamares, e a cabeça repousa n'uma almofada segura por dois anjos, que a contemplam ajoelhados, de azas abertas.

D. Pedro, armado de cavalleiro, de esporas calçadas, segura a espada nas mãos ambas, tendo uma na bainha e a outra nos copos, como se fôsse arrancar o ferro. Aos pés um bello cão de lobo, de cabeça alta, escuta.

Os relevos que cobrem inteiramente os quatro lados de cada sarcophago, representam o supplicio de varios martyres, algumas scenas biblicas, toda a paixão de Christo, o inferno, o purgatorio e o paraíso.

O tumulo de Ignez, em cujo friso as armas reaes de Portugal se alternam com as dos Castros, é seguro por seis esphinges, e o de D. Pedro por seis leões.

Nunca vi em monumento sepulcral composição mais grandiosa, mais commovente.

O meu companheiro n'esta excursão, o sr. Albrecht Haupt, architecto allemão, professor da Real eschola technica superior do Hannover, do qual falarei mais tarde, faz-me notar que nada resta n'estes dois tumulos do cinzelamento do esculptor primitivo. A demonstração do meu amigo é de um character, mui especialmente technico, que impede a minha ignorancia de attingir o valor dos argumentos. Sabe-se que na obra de arte de cada seculo e de cada eschola ha além do estylo, da idéa, do sentimento da composição, uma feição distinctiva, puramente material, affirmada pelo *processo technico*, pela *mão*

de obra. O mesmo objecto artistico primitivamente concebido e executado no seculo xvi e fielmente reproduzido no seculo xvii, no seculo xviii e no seculo xix, offerece quatro typos apparentemente eguaes entre si, mas que o tecnico instruido na historia do seu officio, o architecto, o esculptor, o entalhador, o ourives, distingue perfeitamente, classificando o original e as successivas copias não pela *forma* que lhes é commum, mas pela *execução* que é diversa e especial a cada um dos periodos que esses objectos representam. Tomando por base este principio, o sr. Haupt affirma que a mão de obra das esculpturas que revestem os sarcophagos de D. Pedro e de D. Ignez de Castro não é do seculo xiv, mas sim de um periodo subsequente, do tempo talvez em que se construiu a casa em que elles se acham.

Nenhum paiz da Europa possui mais bellos tumulos do que Portugal. É essa uma das especialidades mais consideraveis da nossa arte. Eu, porém, não os conheço infelizmente bastante nem os estudei o preciso para atingir a realidade da distincção feita pelo meu illustre companheiro. Entrelembro-me apenas com relação ao seculo xiv do tumulo de D. Fernando, que estava na egreja de S. Francisco, em Santarem, de onde foi trazido não ha muito tempo para o museu do Carmo, em Lisboa, mas não me acho habilitado a tirar d'essa comparação, que recommendo aos

curiosos, um argumento definitivo sobre a authenticidade chronologica dos tumulos de Alcobça.

Estes dois monumentos acham-se, como quasi tudo quanto nos resta da antiga arte portugueza, n'um lastimavel estado de ruina. Raro é o tumulo portuguez que não tenha sido violado, e teve a sorte geral o do *justo e duro Pedro* e o da *fragil dama delicada*, de cujo eterno somno dissera tão sentidamente Luiz de Camões:

Assim como a bonina, que cortada
Antes do tempo, foi candida e bella,
Sendo das mãos lascivas maltratada
Da menina que a trouxe na capella,
O cheiro traz perdido e a côr muchada ;
Tal está morta a pallida donzella,
Sêccas do rosto as rosas, e perdida
A branca e viva côr co' a dôce vida.

Depois de haverem sido abertos por D. João III e por D. Sebastião, os tumulos de Alcobça foram successivamente arrombados pelos soldados da invasão franceza e pelos da revolução liberal de 1833. Os bellos cabellos louros acinzentados da *misera e mesquinha*, que a podridão da morte respeitara durante quatro seculos, foram-lhe então cortados e dispersos ; uns foram levados para o Rio de Janeiro, e contava o marquez de Rezende, que um golpe de vento os fizera desaparecer no momento em que o

conde de Linhares os apresentava ahi a D. João VI. A ser exacta a narrativa feita pelo marquez de Rezende a Ferdinand Denis, resta-nos agradecer em nome da poesia nacional ao vento do Brazil o haver salvado esses finos cabellos tão amorosamente e tão docemente beijados pelo mais namorado, pelo mais altivo, pelo mais valoroso dos cavalleiros portuguezes, da profanação do contacto de um misero poltrão, tão ennodado na sua vida civil e na sua vida domestica como o placido marido da senhora D. Carlota Joaquina. Outra madeixa de Ignez de Castro esteve em tempo no pequeno museu do antiquario Vilhena Barbosa, de onde foi roubada. Creio que alguns dos outros cabellos levados do tumulo de Ignez se conservam ainda em dois magnificos relicarios, um em poder do sr. Miguel Osorio, proprietario da Quinta das Lagrimas em Coimbra, e outro em Paris, na collecção da bella condessa de Pourtalès.

A historia dos frades e dos coutos de Alcobaca seria mais do que um capitulo importante, seria quasi que a historia toda da civilisação portugueza. Nenhuma outra instituição teve tão singulares privilegios, nenhuma outra dispoz, principalmente desde os primeiros tempos da monarchia até o seculo xvi, de tão profunda influencia e de tão larga auctoridade.

Verdadeiros barões feudaes, senhores de um vasto territorio, comprehendendo trese villas e dois portos de mar, além de outras terras de menor importancia, elles tinham sobre todas ellas o direito de civil e de crime, *mero e misto imperio*. Sentenciavam até á pena de açoutes, de baração e pregão e de degredo, sem appellação nem agravo. Só nos casos de morte davam appellação para o rei. Podiam levantar gente de guerra por auctoridade propria, prendiam ou soltavam quem quer que fôsse, a seu talante, em todas as villas dos coutos. Punham e confirmavam os tabelliães, juizes e mais justiças. Passavam alvarás de privilegio, pelos quaes isentavam a quem lhes aprazia de encargos dos concelhos, de fintas e talhas. D. Affonso V deu aos abbades privilegio para que, sem embargo das leis do reino, pudessem andar em *bestas muares com freio e sella*, graça que só aos mais altos fidalgos se concedia. Uma disposição de D. Diniz estabelece que *nas terras dos coutos ninguem seja escuso de pagar jugada ao mosteiro, por mais que presuma de nobre*. Nas terras dos coutos o grito de socorro era *aqui do abbade!* ou *aqui do mosteiro!* em substituição de *aqui d'EL-Rei!* O abbade tinha o titulo de *esmoler-mór, do conselho d'El-Rei, donatario da corôa, senhor dos coutos e fronteiro-mór*. Eis a assignatura de um d'elles: *D. Frei Paulo de Brito, D. abbade do real mos-*

teiro de Santa Maria de Alcobça, da Ordem de Cistér, fronteiro-mór d'estes reinos, senhor donatario e capitão-mór das villas de Alcobça, Aljubarrota, Alfeizerão, Aborninha, Pederneira, Santa Catharina, Paredes, Coz, S. Martinho, Selha do Matto, Maiorga, Evora (de Alcobça), Cella, Turquel, etc., e dos coutos do dicto mosteiro, do conselho de sua majestade e seu esmolèr-mór, reformador geral da Congregação de S. Bernardo n'estes reinos e senhorios de Portugal e Algarves, nuncio apostolico, embaixador extraordinario, etc., etc., etc. Tinham docel, usavam dentro e fora do mosteiro o habito episcopal, o báculo e a mitra, e no banco dos bispos tinham assento em côrtes. Nos alvarás empregavam a formula — *ordenamos ou havemos por bem*. Nas cartas-patentes que davam aos alcaides dos seus castellos, dizia-se, depois da nomeação e designação dos encargos, ordenado, *proes*, privilegios, honras e liberdades inherentes ao officio, o seguinte: «Pelo que mandamos aos fidalgos, cavalleiros, escudeiros, homens bons, juizes, justiças e mais pessoas da nossa villa de Alcobça e das mais d'estes coutos que o tenham, hajam e reconheçam por alcaide-mór da dicta nossa villa e seu castello; e como a tal lhe obedeçam, guardem e façam guardar as honras, graças, isenções e liberdades que por razão da dicta alcaidaria lhe pertenceram, etc.» O acto de homenagem prestado pe-

lo alcaide é assim descripto por um chronista: «Em (data) sendo de manhã escreveu da sua letra o dicto alcaide-mór o termo de homenagem no livro da dataria secular do cartorio, no qual livro se costumam escrever semelhantes termos; e de tarde, quando foi pelas tres horas, sahiu á sala publica o D. Abbade e se assentou na sua cadeira debaixo do docel, e em pé na sala os monges e pessoas de maior respeito que se acharam na terra; aos pés do D. Abbade se pôz um tamborete raso de velludo carmezim, e sobre elle o livro da Dataria, aberto onde estava o termo de homenagem, e feito isto, e tudo em silencio, entrou pela sala o novo alcaide, no meio de dois padrinhos, e se foi pôr de joelhos aos pés do D. Abbade, e á sua mão esquerda tambem de joelhos o cartorario-mór para ir lendo pelo livro o termo que havia de proferir o dicto alcaide.»

No juramento, prestado de joelhos, affirma o alcaide que manterá e defenderá o castello com todo o seu poder, e n'elle receberá e recolherá o abbade *no alto, no baixo, de dia, de noite, a qualquer hora que seja, irado e pagado, com muitos ou com poucos*; que fará guerra e manterá treguas e paz segundo elle, abbade, mandar. O juramento termina com esta phrase: «Em signal de sujeição, obediencia e senhorio, beijo a mão de Vossa Senhoria ^{Reverendissima} que n'este acto está.»

Como unico fôro ao soberano e reconhecimento do padroado real, o mosteiro dava annualmente ao rei um par de botas ou de sapatos, á sua escolha. D. Affonso III aboliu este uso, que D. João IV fez reviver com varios outros privilegios, pela pusilanimidade caracteristica d'esse principe, restituídos aos frades.

Até o seculo xiv a missão que se impuzeram os monges de Alcobaca é a mais bella, a mais nobre, a mais civilisadora que jámais coube a uma classe social.

A lenda da fundação, creada por frei Bernardo de Brito e segundo a qual Affonso Henriques doára aos irmãos de Claraval e seus successores os terrenos comprehendidos entre Obidos e Leiria, *aguas vertentes ao mar*, está hoje plenamente refutada, e nada mais duvidosa do que a legitimidade da posse completa dos coutos que os frades de Alcobaca e os seus chronistas se attribuiram.

O mosteiro foi no emtanto durante os primeiros tempos tão revôltos da monarchia o grande foco da pacifica vida pastoral, do trabalho agricola, do regimen da propriedade, da auctoridade, do direito, sobre que assentaram os alicerces da nossa civilização. Da fundação que Affonso Henriques consagrou a Bernardo de Claraval para, por intermedio d'elle, obter o reconhecimento do papa e a confirmação de

Roma ao titulo de soberano acclamado em campanha, fizeram os monges o primeiro sustentaculo do throno e da independencia.

As terras, que ou realmente lhes pertenciam ou não, povoaram-as elles rapidamente, fundando a colonisação agricola, estabelecendo pelas *cartas de povoação*, que eram o contrato com o colono, uma especie de legislação simples, clara, eminentemente pratica. Ao cabo de seis annos de cultura assidua, a que os monges prestavam a lição o auxilio e o exemplo, a terra pertencia ao colono, podendo os povoadores ao cabo d'esse tempo dispôr do solo como lhes conviesse perante o pagamento do fôro ajustado e com a unica clausula, como diz a carta de doação á villa de Turquel, de *não empraçar, vender ou doar, nem de outro modo alienar as ditas nossas terras a clerigo, militar, pagem de armas, religioso sarraceno ou judeu, nem a outro que nos não pague o nosso fôro*.

Foi por este methodo que os soldados aventureiros e nomadas, vivendo da rapina quando não viviam de guerra, no tempo dos primeiros reis da dynastia affonsina, se converteram a pouco e pouco em cidadãos laboriosos, pacificos e honrados, e que os coutos de Alcobaça se povoaram rapidamente, tornando-se esta região a mais sabiamente agricultada, a mais prospera e a mais rica do novo reino.

O mosteiro de Alcobça era além d'isso o asylo inviolavelmente fortificado da litteratura, das artes e da sciencia tal como ella existia n'esses tempos semi-barbaros.

As primeiras aulas publicas que existiram em Portugal, e nas quaes se lia grammatica, logica e theologia, abriram-se no mosteiro de Alcobça durante o reinado de Affonso III.

O instituidor d'essas aulas foi o abbade de Alcobça, D. frei Estevão Martins, que pessoalmente as inaugurou, professando n'ellas em 11 de janeiro de 1269.

As primeiras escolas dos jesuitas só muito mais tarde, em 1555, se estabeleceram em Portugal, publicando-se em 1587 a primeira das famosas selectas, dedicada a Santo Antão.

As escolas jesuiticas são um desenvolvimento da disciplina intellectual da Inquisição, e marcam a época de decadencia da livre inspiração e da poesia nacional.

A escola de Alcobça condiz com os primeiros ensaios ainda timidos da organização municipal, com o assento dos primeiros procuradores dos concelhos nas assembleias politicas da monarchia, com o desaparecimento da escravidão pessoal, que segundo Alexandre Herculano se extinguiu ao findar do seculo XIII, e vem immediatamente depois do grande

inquerito de 1258 a 1265 sobre as usurpações da propriedade, sobre os contractos illicitos do clero e da nobreza com os colonos reaes.

Além das escolas litterarias deve-se ainda ao mosteiro de Alcobaça a fundação das escolas agricolas do Vallado, de Cella, do Vimeiro e de Evora.

Quando D. Diniz fundou a universidade sob a forma primitiva de *escolas geraes*, foi o abbade de Alcobaça quem mais contribui para a realisação d'esse projecto, auxiliando-o de todas as maneiras e promovendo o requerimento que n'esse intuito foi dirigido ao papa pelos representantes de algumas ordens religiosas. Esse documento termina pelas palavras seguintes: «Pelas quaes e outras muitas rasões praticamos e rogamos a nosso Rey o Senhor D. Dionysio que fosse servido de erigir uma academia publica na sua cidade de Lisboa, á honra de Deus e do martyr S. Vicente, que ali jaz sepultado; e ouvidas por elle as nossas rasões e avido seu consentimento como de padroeiro, que é das nossas egrejas, assentámos todos entre nós, concorrer das nossas rendas e egrejas para os salarios dos lentes da futura universidade, taxando logo o que cada um havia de dar, salva a congrua, sustentação dos ministros. Pelo que, beatissimo Padre, recorreremos a Vossa Santidade, e lhe pedimos queira haver por bem e approvar esta obra muito pia e louvavel e que

se encaminha ao serviço de Deus, honra da patria, e para utilidade geral e particular de todos os naturaes d'este Reyno.»

O affecto especial de que D. Diniz deu mais de uma eloquente prova aos monges de Alcobaca constitue para elles o melhor elogio, por vir de um rei liberal, valente e justo, de um dos espiritos mais cultos do seu tempo, de um poeta, de um reformador a quem não mettiam medo nem as intrigas nem os odios padrescos, e que teve a gloria de encaminhar pelo modo mais decisivo, para a autonomia e para a independencia, os destinos da sociedade, os da lingua e os da litteratura portugueza.

*
* *

Do seculo xiv em diante os frades materialisam inteiramente o problema da sua funcção social, entram no periodo de dissolução porque terminam as instituições inuteis, e começa para elles a lenta ruina a que poz fim a expulsão.

Durante esse longo periodo, a historia dos coutos não é mais que um enredo enorme de intrigas, de demandas, de ultrages, de perseguições, de mentiras, de abusos de toda a especie. O sr. Vieira Nati-

vidade transcreve no seu livro o testemunho insuspeito de um dos frades da ordem, o chronista frei Manuel dos Santos. É uma queixa feita a D. João I pelos povos de Evora e de Turquel, contra o D. abbade frei João de Ornellas. A queixa consta de vinte e dois capitulos, em um dos quaes se affirma do prelado «que manda prender tambem os juizes como a outras justiças logo que nom façam quanto el manda, e nom por erros taes que de dyreito devessem ser presos: mas quer levar d'elles e de nós o nosso e nos sojugar cõ soberba: e estes som presos e levados por seus homens ao castello do dito mosteiro e manda-os deitar por cordas em os fossos das torres e outros manda lançar em aljube hu nom ha sol nem lua, com mui grande crueza e sem nenhuma caridade, mandando os alcaides que os nom leixem ver sas mulheres, nem filhas, nem parentes, e andam nas ditas prisoens até que perdem a vista ou lhe dão ou fazem o que el quer; e pola razom e temor da dita prizom nom fomos nem somos ousados mandar e refertar nossos direitos.»

N'outro capitulo, queixando-se de que o D. abbade manda tirar a casca de que os mesteiraes de sapaiteiros se servem para curtir, ainda que a encontrem nas casas de cada um, a queixa accrescenta: «E posto que nola nom achem se nom por suspeitaçom ou malquerença, chegam a nossas pousadas e bri-

tam nossas portas e entram em nossas cameras; e se nola acham posto que não seja das sas mattas, mandanos prender e levar ao dito castello, hu por grandes tempos padecemos sem sendo mais ouvidos; o que nom somos ousados querellar e posto que querellemos as justiças sam tam fracas que non chegam a el com temor.»

A rebeldia do povo á despotica suzerania monacal augmentava de anno para anno, e acabou por se converter n'um odio de casta.

A discordia era permanente. Os litigios, enredados pela rabulice fradesca, levavam annos, a resolver.

Dentro da congregação, as rivalidades dos commendatarios seculares com os prelados e a eleição d'estes por triennios entranharam nos usos e nos caracteres a mentira, a venalidade e a traição.

A confusão da contabilidade e do archivo, proveniente em parte do desleixo, em parte da conveniencia determinada de não aclarar o estado das questões, era enorme e inextricavel. Outro tanto succedia na livraria e no cartorio.

O frade sentia-se irremediavelmente condemnado pelos desenvolvimentos progressivos da civilização, e quanto mais recuava no terreno cujo dominio lhe era dia a dia restringido pelo progresso, mais intratavel se tornava e mais incompativel com a sociedade nova.

Cousa singular: estes homens poderosos, que pelo seu dinheiro e pela sua influencia politica e palaciana tantos favores deviam ter dispensado e tantos serviços feito, que á portaria do convento distribuiam em cada dia vinte e quatro alqueires de pão, e em quarta feira santa davam de esmola, para serem repartidos pelos coutos, quatro mil pães e vinte e cinco moios de trigo, sustentando além d'isso dia a dia todos os pobres e todos os invalidos das suas terras; estes homens tão influentes e tão ricos não deixaram atraz de si nem uma lagrima de sympathia ou de saudade! Raczynski, que visitou Alcobaça poucos annos depois da evacuação do convento, conta que um só habitanté lhe falou com alguma estima dos monges, e esse era um homem embriagado.

Muitos individuos no emtanto — leigos, donatos, serventes — deveriam ter ficado n'estas redondezas e lembrar-se-iam dos vencidos, dos desgraçados. Eu mesmo falei com dois velhos que tinham conhecido os frades. Ambos elles odiavam taes homens.

A retirada do convento foi miseravel. Desde que tiveram noticia de que a revolução se approximava, os poucos frades que ainda habitavam a casa puzeram vedetas em torno do convento, e, promptos para a fuga ao primeiro signal, tinham á portaria, selladas e enfreadas, as mulas.

Não fugiram uma só vez, fugiram muitas vezes,

partindo á voz de alarme, voltando apenas reconheciam que continuava ainda desoccupado o mosteiro. Finalmente, tendo rebentado em Alcobaca um pronunciamento liberal em 16 de outubro de 1833, os frades desacamparam definitivamente.

Outra particularidade caracteristica: na occasião de se dissolver, a congregação dos monges de Alcobaca tinha avultadas dividas. Na interessantissima collecção de manuscriptos do sr. Natividade, offereceu-se-me occasião de vêr um blancete datado de 1827, do qual se depreheende que até esse anno o mosteiro devia ao real erario 180 contos de réis! A lista das dividas a particulares é egualmente consideravel, encontrando-se numerosas verbas de um conto, de dois, de seis, de dez contos de réis. Este facto demonstra que as viciosas administrações não são um privilegio nem são uma invenção dos partidos liberaes,

Os revoltosos, acompanhados dos soldados de uma divisão franceza que se acha em Peniche, invadiram o mosteiro abandonado, e, durante quinze dias de verdadeiro saque, cada um levou o que quiz.

Muitos curiosos viriam talvez unicamente para vêr a imagem de S. Sebastião vestido de calções, especialidade devota que os *ciceroni* ainda hoje apresentam aos viajantes sobre um altar, ao lado es-

querdo do arco da capella-mór, ou os caldeirões que D, João I offereceu ao convento, com outros despojos do exercito castelhano, depois da victoria de Aljubarrota.

O caldeirão maior, em que constava poderem ser cozidos conjunctamente quatro bois, só desapareceu depois da chegada da auctoridade constituida. É de presumir que com outras muitas preciosidades succedesse a mesma cousa. No convento o povo roubou porcerto muito menos do que destruiu. Os prejuizos foram porém incalculaveis Rasgaram-se quadros, quebraram-se esculpturas, esfolhearam-se livros raros e manuscriptos preciosos, cujas illuminuras inestimaveis iriam adornar as paredes das cabanas, com estimação egual á que se confere ás lithographias coloridas de Epinal.

Os despojos mortaes de Ignez de Castro de e Pedro Justiceiro, mumificados, envôltos nas suas antigas roupagens roçagantes, arrancados dos tumulos abertos a picão, estirados no meio da grande nave, assistiram de corpo presente a essa ruidosa e tumultuaria scena de destruição e de rapina, mudos, immoveis, grotescos e lamentaveis, como velhos espantalhos abatidos depois da ceifa, que os formigueiros cobrem, que os melros assobiam, e em que os mesmos pardaes familiarmente debicam, porque tudo lhes perdeu o medo! E do que n'elle fôra a mais vi-

va e formidavel expressão da força, da justiça e da coragem, do que fôra n'ella a mais poetica, a mais elegiaca imagem da belleza, da graça e do mimo feminino, nada mais se viu que sobrevivesse á guarda inviolavel dos poderosos monges, fronteiros-móres do reino, conselheiros e esmoleres do rei, donatarios da corôa, senhores de trese villas, de varios castellos e de muitos homens de armas, senão esses dois pobres titeres lugubrememente comicos, offerecidos na morte como n'um palanque de entrudo ás chufas e aos apupos dos villões embriagados de vinho e de vingança!

Nas quintas e nos celleiros dos frades, o roubo foi mais franco e mais completo do que no mosteiro. D'esses depositos desapareceu tudo o que lá estava. Diz o sr. Natividade que pela correição a que se procedeu se chegou a averiguar que só do celleiro da quinta do Campo, no Vallado, tinham sahido 6:749 alqueires de cereaes, além de 600 e tantam carradas de palha. Da quinta do Vimeiro desapareceram os cereaes, as palhas e todos os animaes domesticos.

*

* *

Foi n'um domingo que eu visitei o convento de Alcobaça. Era cêrca de meio dia quando entrei com o meu amigo Haupt na grande sala que fôra da livraria, e em cujos muros manchas rectilneas no estuque destingido pelo sol indicavam a superficie outr'ora occupada pelas estantes, Das janeilas abertas a toda a extensão da grande quadra vinha o bafo esbrazeado do sol e a luz crua e implacavel de um d'esses dias de pesada calma em que a profunda trepidação do azul escalda a vista e obriga a fechar os olhos. Ao longo do muro que enfrenta com as janellas corria uma fila de camas de ferro. Em cada cama, por cima da roupa, á fresca, estava extendido um homem. Eram os soldados do regimento de cavallaria 9 da guarnição em Alcobaça e aquartelados no convento, cuja livraria se convertera em caserna. Uns, deitados de ilharga, dormiam resonando com a bôcca entreaberta; outros, de bruços, vivavam para o tecto as plantas dos pés nús; mas na maior parte jaziam de costas, os braços cruzados sob a nuca, olhando para as môscas que zumbiam no espaço ou para os relevos do tecto, de cujo cen-

tro sobressae a imagem de S. Bernardo, envôlto no seu burel, curvado sobre a banca de estudo em que se amontoam os livros, os pergaminhos e os mappas. Estavam quasi todos despidos da fardeta e das calças, tinham todos descalçado as botas e patenteavam pelo luxo das piugas um desprezo tão convicto como pelo da agua, que no claustro em frente corria inutil nas piscinas de natação da extincta communidade,

Percorremos a sala de um extremo ao outro sem que um unico soldado se movesse da attitude em que estava,—o que dava ao quadro o aspecto solemnemente marcial da inutilidade em formatura, da inacção em parada, da mandriice em revista de mostra.

Na sua triplice qualidade de allemão, de professor e de soldado na reserva, o meu companheiro era pela disciplinação militar da sociedade portugueza. Para a anarchia das idéas, para a apathia da opinião, para o desleixo nos serviços publicos, de que elle fôra testemunha em alguns dias de permanencia em Lisboa, não lhe parecia existir como remedio senão um forte regimen bismarckeano, a força de um habil e energico instructor de recruta, que restabelecesse na ordem social uma hierarchia de competencia e de capacidade effectiva, militarizando tudo por um systema geral de instrucção obrigato-

ria comprehendendo o ensino elementar, o ensino médio, o ensino superior e a educação physica de todos os cidadãos, dentro do serviço militar obrigatorio para todos os individuos. Fimda com a abolição das ordens religiosas e com a dissolução dos dogmas a antiga disciplina ecclesiastica da sociedade portugueza, só a disciplina militar a poderia substituir, fazendo-se do exercito o nucleo da civilisação nova.

Tinhamos discutido largamente este assumpto, eu e o meu companheiro, durante a nossa excursão, á mesa das estalagens, na imperial das diligencias ou caminhando a pé pelas estradas e falando sempre para encurtar o tempo. Ao sairmos porém da caserna que fôra a bibliotheca do mosteiro de Alcobaça, o meu amigo disse-me:

—Decididamente acho que lhes não valeu a pena de fazer a revolução de 32. Como base de disciplina civil e de educação publica o exercito em Portugal não pegou. A soldados d'estes acho mil vezes preferiveis os antigos frades.

AS PRAIAS

S. João da Foz.

As praias de banhos são um divertimento de verão. A questão hydrotherapica é por via de regra um simples pretexto para a peregrinação das familias alegres em sitios frescos.

O campo e a praia, o ar do monte e o ar do mar são effectivamente a universal panacéa para as molestias endemicas das grandes cidades, para as nevroses dos excitados de todas as especies, para as anemias dos fatigados de toda a ordem, para os doentes de todos os abusos do trabalho ou do prazer. As influencias da civilisação na saude, a excessiva gymnastica intellectual, a superabundancia das commoções affectivas e das commoções phisicas, as irregularidades da alimentação, as vigílias, as noitadas, as insomnias, o ar viciado dos pequenos apo-

sentos e dos grandes bairros, a vida artificial das salas, do club, do theatro, as absorventes preocupações do estudo, do dinheiro, da ambição, da gloria, do amor, tudo isso combinado nos grandes centros de população, fazendo nas modernas capitães uma complicada rêde moral, como a dos canos publicos, a do gaz, a da agua, a dos omnibos, a dos tramways, a do telegrapho, e a do telephono, rêde mysteriosa, sempre em vibração no espaço, constituindo uma atmospherã ardente de desejos, de idéas e de vicios, uns já em circulação, outros ainda na forja, — tudo isso junto, digo, desfibra lentamente, morde e corroe os alicerces do organismo humano, depaupera-o a pouco e pouco, disequilibra-o, degenera-o.

N'uns fica predominando a excitabilidade, e são os nevroticos; n'outros o abatimento, e são os enervados. Os da primeira categoria, os convulsos, os agitados, os febricitantes, os cardiacos, os musculosos, os sanguineos, vão acalmar-se nas montanhas. Os da segunda categoria, — os prostrados, os displicentes, os anemicos, os molles, os melancholicos, os lymphaticos, vão refazer-se á beira-mar.

Ora, como a acção therapeutica da atmospherã, do clima e do regimen moral se não acha ainda conhecida do vulgo até o ponto de excitar nas imaginações a credulidade na cura, os medicos, usando

de um expediente proficuo para fazer realçar a fé na receita, prescrevem ao doente copinhos de agua alcalina, de agua sulfurea ou de agua carbonatada ao mandal-os para os montes, e as immersões quotidianas no oceano ao mandal-os para a beira-mar.

N'uma enorme maioria de casos, para aquelles que vão para as terras de aguas e para aquelles que vão para as praias, a bebida e o banho são, unicamente accessorios decorativos do tratamento.

N'este ponto de vista a melhor praia será a que mais agradar a quem a escolher como logar de recreio.

Qual é das praias do norte, em Portugal, a mais divertida?

Questão de gôsto.

No que se chama divertimento distinguem-se tres especies:

A primeira consiste em divertirmos os outros.

A segunda consiste em sermos divertidos pelos outros,

A terceira consiste em nos divertirmos nós mesmos.

O prazer de divertir os outros ou de ser divertido por elles repousa todo sobre o talento da virtuosidade, e dá origem aos solistas da musica, da poesia e da pilheria, ao pianista amator, ao poeta recitista e ao homem jocosos.

D'essas tres pragas a mais temerosa é a do homem jocoso. A malignidade do pianista de salão e do poeta de assembléas familiares tem sido assaz descripta e sobrefeita pela critica indignada. A physionomia especial do jocoso não foi ainda devidamente assignalada á attenção dos incautos. E, todavia, não ha reunião de villegiatura nas praias ou nas caldas que o jocoso não infeste e devaste!

O pianista e o vate são males intermittentes, de character periodico. Veem em dias determinados e a horas certas, como as maleitas. Annunciam-se de antemão, fazendo preceder a crise de que são os agentes no seio das reuniões por uma sensação geral de mal-estar, e quando uma voz diz: — *A menina X... vae dar-nos as primicias do seu talento, fazendo ouvir no piano a Prece da Virgem!* Ou o inspirado sr. Z. vae dar-nos o gosto de recitar mais uma vez a sua «*Trança de Laura*» — os circumstantes acham-se por esse modo prevenidos e os incommodados retiram-se.

O jocoso, pelo contrario, é de character permanente e de marcha constante. Nada o annuncia, nada o faz suspeitar, e dura indefinidamente, como se tivesse corda para tempo indeterminado.

A gente chega, acaba de entrar em casa, passou a noite em claro, foi-se deitar, vae pegar no somno, quando lhe rufam á janella, e uma voz canta de fora

imitando a dos gallinaceos, — *có-có ró-có! qui-qui-ri-qui! cá-cá-rá cá!*... É o jocosos que principia.

— Obrigado, jocosos! infinitamente obrigado pela vossa engenhosa e delicada brincadeira! Agora, porém, se m'ò permittis, irei dormir um momento e logo conversaremos mais de espaço.

Mas, quando a gente volta a recolher-se, vê que lhe levaram a roupa da cama, que lhe abriram a mala, que lhe fizeram um môno de todas as camisas enroladas no páu da vassoura, que lhe fugiram com o chapéo, que lhe penduraram as chinellas no alto de uma figueira no quintal... São as jocosidades que continuam.

No banho matinal, no passeio á tarde nas burricadas, nos *pic-nics*, no club á noite, o jocosos tem sempre uma nova brincadeira que exhibir. Vae para a agua com um chapéo de china e dá mergulhos aos pulinhos, gritando que se afoga, finge ataques de nervos por sustos na areia, berra que lhe pegou fogo na barraca, monta em burro voltado para a garupa, põe rabos de papel nos pares que valsam, faz discursos em latim macarronico ou em inglez de farça, canta em falsete com um lenço na cabeça, parodiando uma velha, faz scenas comicas do repertorio de Taborda, imita o zumbido de uma môsca, os latidos de cães ás bulhas, o miar do gato assanhado e o ornear do burro, e acha consoantes para tu-

do: — *Está acabada a funcção! oh que grande afflicção! lá vae a D. Elvira com o conselheiro Negrão! e o juiz Cerveira pela mão! dormir sobre a questão!...*

E dizem que é capaz de estar assim uma hora e mais, sempre a acabar em ão!

Nunca se viu um mafarrico igual!

As meninas choram de riso ao ouvil o, doem-lhes os ventres de tanta graça que tem o vivo demonio, e emquanto elle fala por mimica no meio da casa, nas reuniões de familia, as cuias todas, agitadas pela hilaridade convulsa, tremem nas cabeças das damas como se fôsem despegar-se-lhes da nuca, á fôrça de regosijo.

E as senhoras edosas, de pernas extendidas pela convulsão das risadas, com a solaria dos sapatos á mostra, bradindo os leques acima das cabeças, imploram em soluços:

— Basta sr. Galafura!... Basta, que eu já não posso mais!...

Precede o jocoso em toda a parte uma orchestra de commoções, de curiosidadæs, de impaciencias:

— Aquillo é por fôrça o Galafura que chegou! — Que partida fará hoje o Galafura?!... — Preparem-se para morrer de riso logo que chegar o Galafura!

E os paes de familia, que acabaram de estar o que se chama *perdidos*, ao ouvil-o no botequim, aprovei-

tam o intervallo para metter rapé novo nos narizes esquecidos pelo folguedo, e explicam ás senhoras:

— O Galafura hoje vem optimo! vem divino!... Ainda agora elle nos dizia... Mas estas coisas repetidas por outro não têm graça nenhuma... Eu cuidei de morrer!...

Ha o jocososo bravio e o jocososo manso,

O manso fala menos, e não faz partidas. Traz sempre um lôto na mala, baralhos de cartas, um jôgo do assalto, cançonetas francezas para cantar ao piano, e um *Almanach de lembranças* de Xavier Rodrigues Cordeiro, com uma charada feita por elle jocososo na praia da Figueira. Tem um anexim para cada numero do lôto que sae do sacco, um anexim para cada duque, para cada terno, para cada quadra e para cada casa nova. Além d'isso sabe seis anedotas, todas velhas mas boas, experimentadas. Prefacia-as sempre dizendo:

— Eu não sei se já lhes contei esta...

Já a contou effectivamente, mas pode contal-a outra vez, porque agrada sempre.

— Ouçam! ouçam esta que é boa!... Tenho-lh'a ouvido umas poucas de vezes, e é de veras boa!

— Conte-a, Pessanha, conte-a outra vez, que aqui o commendador, como chegou hoje, ainda a não ouviu!

Só ha um meio unico de escapar á acção terrivel

do jocoso: é ser tão jocoso como elle. A mais triste experiencia tem demonstrado que, sempre que dois jocosos se encontram frente a frente, elles embatucam ambos, engolfados de parte a parte n'uma tristeza desconfiada e acerba.

— Isto agora é que vae ser! — pensa o auditorio ao vê-los travar conhecimento por meio de uma apresentação reciproca.

Com espanto geral vê-se porém que um d'elles disse apenas:

— Então tem passado sempre bem?

Ao que o outro responde:

— Menos mal, muito obrigado.

Estas cousas, dictas por elles, têm graça, têm mesmo muita graça, mas não tanta como no geral se esperava.

E ha então um respiro de allivio e de satisfação em toda a gente, porque á força de tanto que se têm recreado todos juntos não ha já ninguem que não suspire por um momento de se divertir á sua moda, abhorrecendo-se só, á vontade, por sua propria conta e risco. E vê-se pela rapidez vertiginosa com que as familias se raspam, férvidas, cada uma para a sua banda, que nenhuma d'ellas pode esconder a alegria doida de irem enfim estar tristes — para descansar!

A alegria pittoresca das multidões, a alegria ano-

nyma da massa, que se communica pelos olhos, que se pega sem esforço a cada um que chega a certos logares pelo simples effeito dos seus aspectos vivos, é desconhecida nas praias portuguezas. A grande conglobação da gente n'estas paragens é quasi lugubre.

Homens e senhoras tomam todos banho vestidos dos pés á cabeça em baêta preta! Ellas de vestido de cauda, elles de calça até baixo e jaquetão abotoado!

Para quem viu a Grenouillère no Sena, Dieppe ou Trouville, as costas normandas, as do Mediterraneo, as da Mancha ou as do Mar do Norte, a agua sulcada de esbeltas guigas e de botes reluzentes, a prancha dos mergulhos, o casino embandeirado, a *toilette* geral de natação, o pequeno calção dos homens, ás listras azues e côr de rosa, a blusa das senhoras, com um palmo apenas de saia e dois dedos de mangas, o lindo commercio de leite fresco, dos morangos, das uvas, dos ramos de flôres, circulando na areia, os rapazes regatando ou bordejando no mar, ao sol, de remos em punho, o busto e os braços nús, todas as creanças, meninos e meninas, de grandes chapéos de palha, pernas descobertas e os pés descalços, patinhando na maré,—as praias de Portugal, principalmente no Norte, á hora do banho, offerecem o aspecto luctuoso e funéreo de um paiz

desolado, habitado por orfãos e por viuvos em nojo que se vão deitar a afogar.

Não ha uma bandeira, não ha uma flôr, não ha um jarro de agua quente, não ha uma chavena de leite, não ha uma colhér de cognac, não ha um cacho de uvas á venda na praia! Não ha para alugar um só fauteuil de abrigo, nem um canapé, nem uma cadeira de jardim! Dir-se hia que toda esta população, anojada e dorida, renunciou systematicamente a todos os commodos e a todos os confortos da vida no momento de vestir os negros crepes com que determinou precipitar-se nas ondas. Comparado com este lugubre spectaculo, o do Père La Chaise em dia de finados antolha-se-nos como um pacato baile campestre, em que apenas se não dança pelo motivo do estado de consternação em que se acham os defunctos.

Perante o funebre cerimonial d'estes banhos de mar o homem pio reconhece o nada das alegrias e das grandezas mundanas e, em vista dos fructos molhados do Eden cobertos pelos crepes de que já fiz menção, elle sente invadil-o o remorso de haver peccado, o proposito firme de não mais incorrer na culpa e a necessidade imperiosa de ajoelhar na areia e de elevar as suas preces ao Todo Poderoso.

Fóra da agua em passeio na terra firme, a alegria da *toilette* não faz uma differença sensivel da do banho.

Alguns maridos acrimoniosos têm inventado que em Portugal se não pode ir para as praias em consequencia do desenfreamento do luxo no vestuario. Esta opinião espalhou-se, e consta-me que muitas senhoras a perfilharam, laborando no mesmo erro. Era uma obra de caridade desenganal-as. *Toilettes* de praia, ha quinze dias que ando por estas regiões, não só não tenho visto muitas, mas nem uma unica vi! Ellas, ó meu Deus, veem para a beira mar vestidas como vão a vêr-vos, pela confissão, aos Congregados, ao Carmo e a S. João Novo. Para os picnics na relva, para a praia á hora do banho, para barquear, para jogar o *croquet* ou o *lawn-tennis*, para ir á pesca, para jantar, para dansar, etc., vejo que o vestuario é sempre e invariavelmente o mesmo, isto é, o de ir á missa, o de ir ás lojas, o de ir á musica no jardim publico da cidade.

Os homens são igualmente despreoccupados dos cuidados do pittoresco em o trajar. Nas praias de França, da Italia e da Inglaterra a variedade dos vestuarios do banhista constitue só de per si o mais attrahente, o mais alegre espectaculo. É a mais ri-dente confusão de chapéos de todas as formas e de todas as côres, de feltro, de palha, de cortiça, de sabugo e de junco, em forma de capacete, em forma de apagador, em forma de tortulho, em forma de funil, em forma de cabaça, já armados do véo tur-

co, já do thermometro ou do pennacho, já da cabeça de môcho, já da simples penna á moda da Calabria, sem contar os bonnets de todas as procedencias, o barrete escocez e o barrete phrygio, a boina biscainha, os bonnets das diversas associações navaes, o de Heidelberg, o de Bonn, o de Oxford, o de Cambridge. Blusas de velludo e calções largos em todos os tons do castanho, do cinzento e do verde, as polainas altas de couro, de velludo ou de brim, as jaquetas de flanela branca communs a todos os pintores e guarnecidas de debruns azues e escarlates, os costumes de viagem, os de caça, os de pesca, o de regata, o do *cricket*, o do *foot-ball*, o do *lawn-tennis*, etc., etc., etc.

O janota do Porto, *swell* da cidade invicta, tão escrupulosamente moldado sobre o typo britannico, não adopta do costume inglez senão o aspecto em voga na rua dos Inglezes. Ora é de notar que o negociante britannico, tão orthodoxo em Londres que nunca penetra na *City* senão de sobrecasaca de cerimonia, chapéo alto e rosa ao peito; que no santuario augusto do commercio, na grande zona da Bolsa e do Banco da Inglaterra, por cousa alguma do mundo entraria n'uma pastelaria ou n'um restaurante para comer uma *sandwich* ou para beber um copo de *pale-ale*; trata a praça commercial do Porto com a semcerimonia de uma granja, no campo, e vae para

a Bolsa portuense exactamente na mesma *toilette* com que iria em carreta de caça para uma partida de *lawn-tennis*, á quinta de um vizinho de aldeia.

Para ir para as praias o inglez do Porto não faz pois mais cerimonia, nem menos, do que para ir para o escriptorio, e o elegante indigena segue n'este ponto as pégadas enormes do seu possante e perfido exemplar bretão.

Sob o céo radioso um vasto mar azul ondula, bate os rochedos da costa e inunda-os de espuma. Na atmospherá fresca, picante de sal, palpita o perfume das algas. Ao longe no mar negreja uma extensa linha como a de um formigueiro, de pequenos barcos á pesca do caranguejo. A areia da praia reluz polvilhada do sol. Cantando no ar como a frescura de uma alvorada ouve se o pregão alegre, vibrante, alongado em toda a largura da pronuncia de uma rapariga minhota: — *Merca louça branca ou amarella, merca?* Abro bem a bôcca para me deixar embeber e penetrar da luminosa alegria do ar em que parece diluida uma pocira aquatica, diaphana, de perolas liquidas douradas pela luz. O pregão tão característico da *louça branca ou amarella*, que tantas vezes ouvi em pequeno na estação dos banhos n'este mesmo sitio, transporta-me em espirito ao tempo passado, e sinto-me como n'um banho ideal de mocidade.

Defronte da casa que habito, em Carreiros, fica o paredão do quebra-mar, destinado a fazer na costa um pequeno porto para abrigo das lanchas de pesca em dias de mau tempo e para o serviço das catrais que vão levar pilotos a bordo dos navios que demandam a barra.

Uma d'essas catraias, que foi servir o piloto a um vapor inglez que o pediu ao telegrapho postado no monte da Senhora da Luz, vae entrar no portosinho de Carreiros. O barco, remado por dezeseis homens, estaca como um cetaceo com as barbatanas hirtas fóra da agua, em frente do caneiro de desembarque; oscilla ahi um momento, esperando mar; entra finalmente com um forte arranço, a golpes energicos de remos, com os seus dezeseis homens vigorosamente estirados para traz, o remo aos peitos, sobre o dorso alto da vaga, que arrojá a embarcação á areia da praia, n'um largo arremesso ondulante, cheio de vigor e de elegancia.

No paredão do quebra-mar, sobresae da superficie plana da cantaria uma ponta de rocha negra, aspera, duramente recortada, como uma grande flôr granítica. Essa rocha, em que eu me sentei em creança, com o meu chapéo de palha e o meu bibe cheirando ao algodão novo azul e branco da fabrica do Bolhão, reconheci-a com a mesma ternura saudosa com que se torna a vêr um velho movel de fa-

milia. Boas pedras! Entre tantas cousas que desapareceram, ou que se transformaram, umas para mal outras para peor, vós sómente persistis como ereis! Servistes de canapé á minha avó, que muitas vezes me trouxe aqui pela mão, pensativa e triste, porque já a avó d'ella a trouxera tambem em pequena a vêr o mar, d'este mesmo sitio. Ha na immutabilidade do vosso aspecto e da vossa forma, ó pedras fieis, o que quer que seja de amavel e dôce, como na constancia de uma antiga affeição. Eu vos abenço e peço ás vagas do mar e ao fogo do céu que vos poupem, até que os que descendem de mim, que não tenho beira nem leira nem ramo de figueira que testar aos netos, venham encontrar no vosso conhecido relevo amigo a lembrança que em vós fica d'aquelles que passam, como fica n'um travesseiro tépido o vestigio da cabeça de um ente amado.

Ao longo da bella estrada da Foz a Leça rodam, listradas com longas fachas de, côres vivas, as carruagens americanas; e no mastro da torre do pharol, na Senhora da Luz, fluctuam n'uma palpitação jubilosa os galhardetes triangulares com que se fala de terra para os navios.

Á beira da estrada as novas edificações destacam-se pittorescamente do fundo verde negro dos pinhaes que cobrem as collinas sobranceiras.

Desde madrugada até ás 10 ou 11 horas da ma-

nhã tomam-se banhos de mar em toda a linha da costa, desde a barra até o molhe de Carreiros. É innumeravel a quantidade de banhistas. As praias coalham-se de barracas de lona branca, de forma cubica, deselegantes, abafadas, sem respiro pelo tecto, dando logar a que se desenvolva dentro, com a reacção do banho, uma humidade morna, que me não parece inteiramente benefica para os nervos da população balnear.

Apesar da enorme concorrência de banhistas, não ha o que se chama nas praias estrangeiras o *estabelecimento de banhos*. A balneação faz-se de um modo inteiramente primitivo. Quando algum banhista manifesta symptomas de asphyxia ou de congestão. o que é vulgar, não ha recursos therapeuticos com que lhe acudir. Não ha serviço de agua quente. Os banhistas, para despegarem a areia dos pés, lavam-os geralmente em agua fria quando a reacção começa. Ninguem auxilia o effeito do banho com o uso de alguma bebida higienica. O copo de leite com cognac, tão aconselhado aos escrofulosos, não é conhecido. Não se fazem exercicios gymnasticos, e poucas pessoas passeiam sufficientemente depois do banho. Escolhe-se em geral a praia mais proxima da casa que se habita, e depois do banho ninguem tem outra preocupação immediata que não seja a de almoçar pão com manteiga e café com leite.

Durante o dia as senhoras deixam enxugar o cabelo e tocam nos pianos a *Marcha turca* de Mozart.

Ao fim da tarde passeia-se em globo, aos encontros, no Passeio Alegre.

Nas tardes dos sabbados sae á rua menos gente que nos outros dias. Aos domingos sae toda a gente. Ás segundas feiras não sae ninguem. Qual é a razão d'este phenomeno? Ninguem o sabe. A Foz sobredourá os seus encantos com a posse d'este mysterio absolutamente insondavel.

*
* *

Hontem, no hippodromo de Mattosinhos, a corrida de cavallos da estação do outono, promovida pelo Jockey Club portuense. Um dia bellissimo. O hippodromo, apesar de não ter a vista grandiosa do hippodromo de Belem, está situado risonhamente á beira do mar por um lado, cercado de pinheirae pelo outro. A pista, de mil e quinhentos metros de extensão, é plana e de bom piso. Não obstante essas favoraveis condições, para disputar o premio do governo na importancia de 300.000 inscreveram-se apenas dois cavallos. O premio de 100.000, do Jo-

ckey Club, foi alcançado por um cavallo que correu só, e chegou á meta no meio de grandes applausos. . . Effectivamente elle tinha-se vencido a si mesmo, o que é o cumulo da força e da philosophia.

Na tribuna reservada ás familias dos socios e na tribuna do publico não havia mais de duzentas senhoras. No interior do campo uma duzia de carruagens, quasi todas da praça. A maioria do publico tinha tomado modestamente o tramway de Mattosinhos. De sorte que, pelo seu aspecto exterior, esta corrida de cavallos parecia especialmente destinada a aperfeiçoar a raça dos carros americanos.

O governo, que por proposta do governador civil do districto retirou ao theatro lyrico do Porto o subsidio de quatro contos de réis, mandando applicar essa quantia ao custeio de uma casa de correcção, supprimiu igualmente o premio de 300.000 á sociedade do Jokey Club.

Desviar do theatro para uma penitenciaria a protecção pecuniaria do Estado parece-me ser da parte do poder executivo um duro e acerbo epigramma ao diletantismo portuense. Emquanto á supressão do premio ao Jockey Club, o facto não é talvez amavel para o *Sport* do largo dos Loyos e da rua de Santo Antonio, mas é justo.

Emquanto o governo não proteger o aperfeiçoamento da raça humana por um meio conhecido e

praticado em toda a parte — a instituição dos *jardins de infancia*, — será inconveniente, e poderia até ser perigoso estabelecer um excessivo desequilíbrio entre as perfeições progressivas do cavallo e as inferioridades estacionarias do cavalleiro.

Para as necessidades do homem o cavallo parece-me que está já desenvolvido demais, porque o cavallo de corridas excede o limite da utilidade pratica e é uma excrescencia monstruosa. Se querem fazer sacrificios para aperfeiçoar a raça de alguns dos animaes que nos servem, não é para o cavallo, é para o jumento que devemos dirigir a nossa attenção.

O homem tem que saldar com o burro uma divida de indemnisação. O burro domestico é um animal atrophiado pela dureza e pela crueldade humana. Estudos de zoologistas demonstram que o burro selvagem é muito mais bello, mais corpulento e mais forte do que o burro domestico. Como esse prestante quadrupede era sobrio, paciente e bom, nós abusámos d'elle, sobrecarregámol o de trabalho, puzemol-o em dieta permanente, enchemol-o de pancadas. Com esse regimen o burro degenerou, cresceu-lhe o pêlo, estreitaram-se-lhe os ossos, alongou-se-lhe a orelha, fez-se melancholico e casmurro. Em pequeno é ainda vivo, esbelto, elegante, ligeiro; mas logo que principia a conhecer o mundo e os homens, torna-se sorumbatico, pensativo e caturra.

É preciso proteger o burro. A especie asinina é susceptível de grandes progressos. Tornar esses progressos effectivos é uma obrigação para com a nossa consciencia e para com o burro tão injustamente desprezado, e todavia tão util animal, tão submisso, tão sympathicamente prestavel aos pobres, aos velhos, ás creanças, aos enfermos!

Espinho.

Imaginem uma grande feira. Largos arruamentos rectangulares. Lojas para a direita, lojas para a esquerda: camisarias, chapelarias, quinquilharias, modas, em installações provisórias nos predios todos novos, com grandes taboetas de lojistas do Porto, succursal d'este, succursal d'aquelle, succursal d'aquell'outro.

Circulando no macadam, uma espessa multidão rajada de typos diversos de forasteiros.

Familias hispanholas, familias beirôas, familias lisboetas, familias do Porto.

Janotas de Lamego, da Regua, de Vizeu, com esporins e luvas novas, bigode farto, chapéo á banda, braza ardente no charuto, e no ôlho.

Ecclesiasticos morenos, solidos, de beiços grossos,

sobrancelhas cerradas, chapéos molles desabados, cabeção e volta ao pescoço, cigarro brejeiro nos dedos.

Paes de familias salamanquinas, de jaleco côr de pinnhão, sombreiro de toureador, cara rapada, e a trouxinha em lenço de seda suspenso na mão pelas quatro pontas.

Meninas de *tournure*, vivos de velludo magenta na golla do vestido, chapéo de palha forma Carlos IX, e botinas por engraxar.

Lavradores minhotos ou trazmontanos, de capotes de briche com fôrro encarnado e golla de pelles.

Mulheres do campo sempre arripiadas da frialdade do banho, artelhos nús e descarnados, saia pelos hombros, mãos encruzadas no estomago, lenço na cabeça, cabelo em vizeira sobre os olhos, pés arrastando chinelas.

Musicos ambulantes; tocadores de realejo; rabequistas cegos arranhando a *Marseillaise* acompanhada á viola; e mendigos de romaria, á moda antiga, de muletas, barbas grandes e saccola ao pescoço, como nos dramas da Rua dos Condes; ou de pernas ás costas, em monogramma, andando nas mãos como phantasticos aranhigos.

Tudo isto bole, mexe, rabeia, de cá para lá e de lá para cá, no grande arruamento central a que chamam o Chiado, n'uma atmospheria vivaz, sacudida, pe-

neirada por uma animação de arraial, confusa de cheiros e de ruidos diferentes, impregnada de vapores de fritura e de exalações de caranguejos fermentados ao sol, envôlta em poeira, repicada de pregões, de musica feirense, do telintar de dinheiro nas batotas, e do estoirar de foguetes na estação, aos comboios que chegam com banhistas novos.

*
* *

Nas ruas novas, cortadas em quadrados symetricos como os quarteirões da Baixa em Lisboa, ha quatro ou cinco hotéis, o do *Porto*, o *Bragança*, o *Particular*, etc. Estão todos cheios.

No *Hotel do Porto*, onde me acho, conta-me o proprietario que a familia do nobre visconde de Ribeiro da Silva, morador em frente, tendo desejado jantar um dia á sua mesa redonda, elle tivera de pedir a *oito* dos doutores seus hospedes, que occupam de ordinario uma das cabeceiras, o obsequio de consentirem, por uma vez, em jantar em mesa supplementar, e á parte.

*
* *

Oito dos doutores seus hospedes é um traço inteiramente característico.

Espinho é, com effeito, e por excellencia, além da costa celebre da sardinha, a piscina consagrada da magistratura.

De manhã na praia, á hora do banho, de tarde ao longo da estrada da Granja, ou no caminho dos pinhaes circumvizinhos, vêem-se grupos compactos de cavalheiros edosos, de passo lento e comedido, de uma compostura grave, entre modestos e majestosos, os quaes, ao encontrarem-se uns com os outros — grupo que vae e grupo que vem — se saudam reciprocamente, ouvindo-se de parte a parte em variadas yozes e em todos os diversos tons da affabilidade, *honesto, não pueril*, a palavra: — collega! collega! collega!...

São suas excellencias os juizes.

Familiares e gaiteiros chapéos de palha campesi-
na lhes cobrem as cãs venerandas, tantas vezes desgrenhadas nos vendavaes do fôro pelo sopro inhospito da oratoria tribunicia dizendo o crime nefando. De seus hombros, affeitos ao peso da responsabilidade

social e á ondulação majestatica da béca, pende — licito jôgo das brizas — a rabona caseira de uma jovial lustrina, ou de um galante porém não jogralesco cheviote. Suas mãos, em vez da rija e inflexível vara da lei, sopesam com mimo o ligeiro bordão de fino e envernizado bambú encastoadado em prata; e entre o pollegar e o index da mão esquerda, por meio dos quaes por tantas vezes picaram no ar, como que com invisíveis alfinetes, as delicadas minucias do corpo de delicto, repousa agora, aconchegada inoffensiva e morna, a tonica pitada de um saudavel e escolhido esternutatorio.

As lides balneares e os fagueiros attractivos dos jogos de vasa da palestra amena e conceituosa em descerimonioso convívio não os impedem de consagrar em cada dia alguns minutos de reflexivo zêlo, entre o almoço e a sésta, durante as horas importunas da môsca, ao exame dos autos dependentes das suas respectivas varas.

A uma esposa de juiz de direito, em pratica de passeio com uma irmã de doutor delegado e outras damas, ouvi dizer :

— Meu marido tem vinte banhos e doze causas despachadas desde que chegou até hoje... Eu bem lh'o prohibo, porque as canceiras damnificam-lhe a saude; mas que podemos nós, frageis mulheres, perante a teimosia d'estes senhores magistrados!

E, articulando estas palavras, os seus antigos dentes sorriam de uma conspicua e orgulhosa amargura, mostrando cada um a sua côr differente, como um vivo mappa das diversas comarcas por ella percorridas n'uma longa e gloriosa carreira juridico-conjugal.

*
* *

Ao longo do «Chiado» as batotas são quasi tão numerosas como as filiaes das lojas dos Loyos e dos Clerigos. Um lojista, a quem pedi o obsequio de me trocar uma libra, informou-me delicadamente de que não tinha prata, mas que eu a encontraria na roleta da porta ao lado.

A falta de tempo, que tantas vezes obsta ao cumprimento dos nossos mais sacrosantos deveres, me impediu de visitar todas as casas de tavolagem que exornam esta tão alegre e afamada praia.

Aquella em que estive, e que denominam o *Celeste Imperio*, pareceu-me ser um estabelecimento inteiramente respeitavel e dignissimo. Recommendo-o vivamente a todos os viajantes, principalmente aos filhos familias, aos mancebos morigerados que desejem tornar-se bemquistos na sociedade, aos caixeiros de commercio que pretendam estabelecer-se por

conta propria, aos que tiverem negocios pendentes dos tribunaes ou das repartições do Estado, e finalmente em geral a todos quantos prezarem a solida convivencia de pessoas gradas e doutas, que mais tarde lhes poderão servir de auxilio, de protecção e de arrimo na espinhosa senda da vida.

Em Lisboa, por exemplo, não se imagina o trabalho enorme, a difficuldade muitas vezes insuperavel, que o pretendente de provincia encontra em chegar á fala com um sr. director geral! No *Celeste Imperio*, pelo contrario, as cousas deslisam de per si, suavemente, pondo-nos em contacto immediato com todas aquellas personagens que desejarmos conhecer. Basta uma placa de dois tostões e uma simples palavra para a gente se dirigir a quem quizer: — *Piso no valete com o sr. conselheiro!*

Não é preciso mais nada. Depois de ter a gente pisado por tres vezes no valete com um conselheiro e com dois tostões, pôde perder seis tostões; mas, além de ter tido um gôsto na vida, fica ainda com um conselheiro no bolso. É gallinha!

O edificio do *Celeste Imperio* é espaçoso e nobre. Nada da futriquite das repartições publicas, dos estabelecimentos de instrucção, ou das secretarias de Estado! Soberbos espelhos em magnificas molduras imitando o xarão, mas imitando-o sem servilismo nem baixeza, cobrem os muros, de grande pé direi-

to, nos espaços intermediarios das janellas amplas e rasgadas até o tecto. A ventilação é excellente, e a luz penetra largamente nas salas com uma profusão que ainda não vi em nenhuma das escholas nem das galerias do paiz.

As mesas são vastas e solidas, permittindo aos pontos toda a liberdade de movimentos, quer para pôr o seu dinheiro sobre as cartas do monte, nos numeros da roleta ou no bôlo do baccarat, quer para chamar a si os ganhos, ou *vice-versa*, quer para se desferrar da desillusão dos palpitanes roendo as unhas, arrancando os cabellos, ou rilhando a bengala.

A roleta, propriamente dicta, é uma rica peça, em tudo digna da alta missão que exerce no seio da sociedade. Serve-lhe de cupula e dá balanço impulsivo ao giro da roda uma bem trabalhada estatueta de prata representando um mandarim bailando, de braços abertos e dedos apontados para o tecto. Pensamento lindo!

Este mandarim, servindo de remate e corôa á roleta de Espinho, representa naturalmente a aucto-ridade, representa o mando, a força, o poder supremo do Estado, e representa conjunctamente a galhofa na sua expressão mais official, mais faceta, mais inoffensiva e mais parva. Nada mais aprazivel do que o aspecto d'esta engenhosa roleta ministrando aos

seus numerosos e illustres frequentadores o gôso publico e confortabilissimo de um jôgo prohibido, e bem assim o da imagem augusta da auctoridade e da lei, de chapéo de guizos e dedos para o ar, bailando á roda, emquanto gira o marfim, para recreio da companhia!

Resumindo as impressões que deixou no meu espirito o exemplar instituto do *Celeste Imperio* em Espinho, eu faço votos fervorosos para que o paiz em todo o seu conjuncto possa um dia hombraear com a jogatina espinhense.

Á camara dos deputados, ao lyceu nacional de Lisboa, á galeria portuense de bellas artes, aos futuros museus escolares, commerciaes e industriaes, ao futuro theatro de opera popular, ás futuras salas de concertos e de conferencias scientificas e litterarias, desejo deveras uma installação tão decorosa, tão elegante, tão bem accommodada aos seus fins como a d'este convidativo e confortavel estabelecimento. Aos debates parlamentares desejo vivamente a mesma compostura, a mesma gravidade, a mesma decencia, a mesma propriedade de expressões e a mesma nobreza de gestos, que caracterizam esta assembléa; e aos clubs politicos, aos centros artisticos e litterarios, ás companhias anonymas de responsabilidade limitada, ás juntas geraes de districto e ás juntas de parochia, aos bancos, ás associações com-

merciaes, aos cabidos, ás confrarias, ás collegiadas, e em geral a todos os corpos collectivos — de caracter politico, de caracter commercial, de caracter scientifico, de caracter religioso — eu desejo emfim, acima de tudo, o conjuncto e a cooperação de cavalleiros tão distinctos, tão illustres, tão idoneos e tão venerandos, como os que ora vejo presentes, em torno do panno verde, no ambito d'esta espelunca!

*
* * *

As senhoras vão como os homens á acreditada batota de Espinho. Lá tive a alegria de vêr algumas apontando á roleta.

Mas o ponto dado ás reuniões do bello sexo é de preferencia — penso eu — a assembléa. N'este virante jardim do ideal, todas as nobres artes vicejam portentosamente, bafejadas pela excitante briza maritima. A poesia lyrica, a musica, a dança, pegam ahi de estaca ou de enxertia com um vigor admiravel. Enroscando-se em harmonioso concerto, o verso alexandrino, a cavatina de tiple, a phantasia ao piano e a quadrilha franceza bracejam e desabrocham em abundantes e immarcessiveis louros, envol-

vendo as frentes dos banhistas todos, como n'um escabeche de gloria,—immenso môlho verde, môlho de villão, em que sobrenadam os genios, como os dentes de alho.

A Granja.

A povoação da Granja apresenta o aspecto de uma grande quinta particular, habitada por varias familias para esse effeito constituidas em sociedade de commandita ou em companhia anonyma: ruas de jardim cuidadosamente varridas e areadas; moitas de hortensias floridas ornando as escadas exteriores de cada predio; massiços de rosas e de geraniuns florindo os caminhos; outeiros artificiaes tapetados de relva; grades verdes engrinaldadas de hera ou de balsaminas; *cottages* ou *chalets* pintados de fresco; telhados guarnecidos de delicadas rendas de ferro; eirados ensombrados de longos stores com listras de dôces tons pallidos, azues e côr de rosa; alegres mussellinas Pompadour e amplos chapéos Pamella em toilettes que perpassam n'uma frescura matinal,

perfumadas a tilia ou a spina-rosa; bibes inglezes de creanças, com toucas de jardim, passeadas lentamente em pequenos *breaks* de parque, puxados por burrinhos com topes vermelhos; alguns janotas, alguns financeiros e alguns estadistas em villegiatura maritima, vagueando ao acaso como fartos e luxuosos carneiros de concurso, pascendo os olhos satisfeitos na contemplação dos seus bellos dominios; — tudo isto n'uma rica moldura de pinhal, ampla e espessa como um caixilho de velho velludo genovez, verde escuro, realçado pelo limpido espelhamento do mar.

Tão elegante familiaridade, tão aconchegado ocio, tão intima e delicada convivencia impressiona vivamente o estrangeiro e rejeita-o, por um modo tão delicado quanto irresistivel, a uma respeitavel distancia kilometrica, d'esta encantada mansão.

Uma ideia subita invade a alma de todo o forasteiro ao sahir da pequena *gare* do caminho de ferro e ao penetrar na povoação da Granja:

—Sou talvez indiscreto, ousando pousar as solas dos meus sapatos sobre a paizagem d'estes senhores!...

E a maneira como elles nos olham, de soslaio, medindo-nos dos pés á cabeça, confirmam-nos cada vez mais na convicção de que effectivamente abusamos entrando por esta praia dentro sem prévia licença dos seus donos.

Ao longo das ruas, de um e d'outro lado, as senhoras, com um grande ar de castellás burguezas, sentadas em *fauteuils* de junco ou de bambu nos terraços de suas casas, applicam as lunetas inquisitivas; e é pelo meio d'esta cerrada fusilaria binocular que um pobre homem tem de passar, só-sinho, sem conhecer ninguem, quando elles se conhecem todos, sentindo-se examinado, ao mesmo tempo e de todos os lados, por todos aquelles olhos armados e fitos sobre as joelheiras das nossas calças, sobre a nodoa do nosso veston, ou sobre a verruga do nosso nariz!

Quando ellas não olham, quando a gente está só, uma outra especie de temor nos acommette: um receio vago de que nos apanhem com a bôcca na botija como a um ratoneiro dentro de um quintal, e que de alguma parte surja de repente um creado a perguntar-nos com affabilidade ironica:

— Deseja alguma cousa? Procura alguém?!...

Quem é que vae para a Granja?... Toda a gente conhecida. *Toda a gente conhecida* é a formula provinciana que substitue em Lisboa a expressão *Le tout Paris*.

Le tout Paris consta como se sabe, de uma pequena roda de pessoas, que vão a toda a parte onde a gente se diverte, mas que não sómente não são Paris inteiro, mas quasi que nem sequer são Paris.

Toda a gente conhecida é em Lisboa um estreito circulo de senhoras, assignantes de S. Carlos, que se vestem na mesma costureira, que mandam vir os chapéos da mesma modista, que usam o mesmo perfume, e concorrem de combinação nos mesmos sitios, nas *matinéés* umas das outras, nos respectivos chás das 5 horas da tarde, nos bailes do Paço, no tiro aos pombos, etc.

Todo o janota que não conhece estas senhoras, não é um janota garantido e authenticico.

Ora, na sociedade de Lisboa os homens, com excepção de alguns velhos, de alguns ecclesiasticos e de um ou outro mendigo, são todos janotas: e, para o demonstrar, referem-se ás senhoras a quem alludo, como se entre elles e ellas tivesse de todo o tempo existido a intimidade mais estreita, mais indissolúvel. Tratam-as pelo nome de baptismo, mesmo quanto ellas têm um titulo. Adoptam para seu uso, no Gremio e na casa Havaneza, as proprios apellidações diminutivas e carinhosas da familia. Dizem a Anna, a Annica, a Carminho, a Pepita. E quando se encontram com ellas em algum espectáculo publico, noticiam no dia seguinte: «Esteve bom... *Tudo gente conhecida!*» Ainda mesmo quando o facto de tantos conhecimentos reunidos houvesse apenas dado para elles o resultado final de não terem tido uma unica pessoa a quem tirar o chapéo.

Dizem-me que ha individuos para quem esta innocente ficção tem sido durante todo o decurso da existencia uma fonte perennal de gosos.

É aos cavalheiros com essa benefica orientação de gôsto, que eu principalmente recommendo a praia da Granja como um perpetuo e inexaurivel manancial de satisfação e de jubilo. Porque, depois de Cascaes, a Granja é a mais aristocratica das praias do littoral portuguez. Espinho sabe isto, e não o leva a bem.

Espinho tem a aristocracia da Granja constantemente atravessada na guela. A Granja é a eterna espinha de Espinho. *Quem a quer de Espinho a saltar viva* é a animosidade espinhenses para com as elegancias dos granjolas. Espinho disfarça o melhor que pode essa hostilidade que o deprime; mas o esforço que emprega para simular a indiferença, comprime-lhe os vasos intestinaes e os musculos, e dá-lhe á physionomia visagens acidas de um sorriso lugubre. Elles dizem apenas: *Esses senhores da Granja*. . . Mas estas simples palavras espremem-lhes dolorosamente o figado. Sente-se, mesmo por cima do fato e até olhando-os de costas, que, ao articular essa allusão, lhes entram para dentro, como chupados por uma animadversão entranhada, os dois botões que têm os fraques em cima dos rins, E de cara, ao falarem da Granja, já no «Chiado», já na assem-

bleia, já na praia, vê-se-lhes o azedume nos labios e um toque de bilis extravasada aos cantos dos beiços como cuspo de tigre.

A Granja este anno tem sido theatro de uma animação desusada em plagas portuguezas. Durante toda uma quinzena do mez de setembro succederam-se ininterrompidamente as festas de sobre a relva e as festas de sob os lustres. Almoços de convite, jantares de etiqueta, pic-nics, *matks* ao *croquet*, cavalgadas, concertos, *sauteries*, *redoutes*, passeios *aux flambleaux*, illuminações venezianas, fogos de artificio, comedias de salão, etc.

Sou todavia informado, de que n'este mar de elegancias uma leve espuma de impureza começa a manifestar-se á babugem das marés.

É ainda uma apparencia mal determinada, mas em que se pronuncia já o advento de um quarto estado, um principio de heresia á religião do dandysmo, uma scisão no dogma, um schisma na igreja elegante. Emfim — para que digamos a terrivel palavra — consta que se manifestára na sociedade da Granja a *meia tigela!*

Ó pejo! ó dôr! A esse bello *boudin* de sangue azul, que constituia o antigo mundo escolhido das granjolaceas, acha-se hoje adstricto em contrapeso, pela fatalidade das circumstancias, um supplementar chouriço de vinha d'alhos! E para toda a parte

onde vae o longo e aristocratico salame, reluzente, envôlto em prata, segue atraz, em trambôlho, o novo appenso do pequeno salpicão torto, negro do fumeiro, cheirando como um resto de tenda a cuentro velho, a barrica de arroz com gorgulho, a figo de ceira e a pãu campeche!

Por emquanto ainda é tudo *gente conhecida*, mas ha já uma *mance* de pessoas que se conhecem perfeitamente, e de pessoas que se não conhecem tão bem: e alguns dos janotas, pondo a mão em viseira sobre os olhos, preparam-se para não conhecer de todo em todo quem chegar de novo, receando vêr apparecer na clareira — suas proprias primas!

*
* *

O meu amigo Eça de Queiroz, que tem andado commigo, com uma maleta, e com uma resma de papel, a procurar pelo reino um sitio limpo de massadores, de môscas e de cozinheiros afrancezados, para ahi acabar de escrever *A Reliquia*, chegou hoje da Granja, onde por espaço de dois dias applicou aos phenomenos sociaes o monoculo da analyse; mas nada pude arrancar do seu peito discreto ácerca da intriga de castas, que surdamente

me dizem agitar a psychologia a banhos n'essa praia. Ao sentarmo'-nos á mesa para almoçar juntos no Palacio de Cristal, com Anthero do Quental, Guerra Junqueiro e Oliveira Martins, soubemos apenas que no club da Granja o nosso amigo perdera na vespera a aposta de um leque n'uma partida de bilhar com uma das banhistas. Uma das condições da aposta era que o leque seria escripto pelos amigos com que Eça de Queiroz tinha de vir almoçar ao Porto.

Á sobremesa fizemo'-nos pois servir um tinteiro e uma penna da cozinha, e entre a pera e o queijo, o leque, comprado no Bazar do Palacio, de setim côr de ouro ornado de uma aguarella representando um grupo de cinco cães, ficou escripto do seguinte modo :

Por cima dos cães, este distico:— *Os auctores.*

Do lado opposto, a rubrica e o texto que passo a transcrever :

OS LATIDOS

I

Quem muito ladra, pouco aprende. Anthero do Quental.

II

Escriptor que ladra não morde. Oliveira Martins.

III

Dentada de critico cura-se com pêlo do mesmo critico. Ramalho Ortigão.

IV

Cão lyrico ladra á lua; cão philosopho abocca o melhor osso. Eça de Queiroz.

V

Cão de letras — cachorro! Guerra Junqueiro.

ENVOI

*São cinco cães, sentinellas
De bronze e papel almasso;
De bronze para as cannellas,
De papel para o regaço.*

(Assignada) A MATILHA.

O leque foi para a Granja com Eça de Queiroz.
Oliveira Martins voltou para o seu ninho de artista, no sitio das Aguas Ferreas, uma pequena ca-

sa encantadora com um gabinete de trabalho recheado de livros, de moveis artisticos e de *bibelots*, ao lado da casa de jantar, rindo atravez das gelosias verdes para o velho jardim musgoso, florido de rosas-chá, com uma gruta de teixos aparados á thesoura á moda do seculo xviii, e uma fonte de granito em que a agua, com uma melodia de claustro, corre no tanque sahindo pela bôcca de um golfinho.

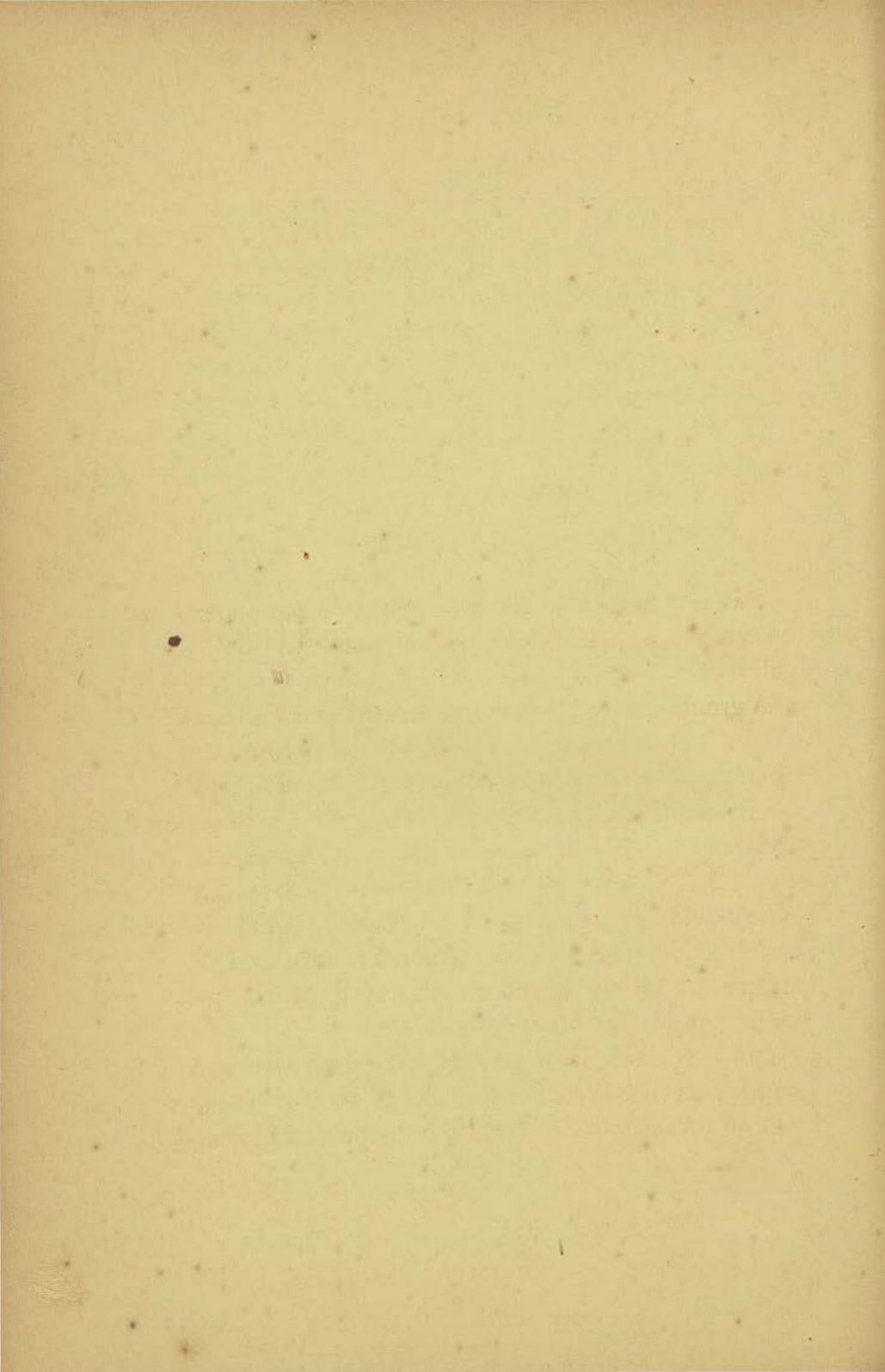
Antero do Quental, que a sua delicada susceptibilidade de poeta converte n'uma especie de monge, asceta de bondade amortalhado n'um burel de ironia, regressou á sua thebaida á beira do rio Ave, em Villa do Conde.

Guerra Junqueiro tornou para Vianna do Castello, para o seu lar domestico, que é ao mesmo tempo uma preciosa collecção de arte, levando pela mão as duas filhas que Deus lhe deu, evidentemente por um acto de omnipotente bom-gôsto e com o fim manifesto de lhe provar que não viu uma allusão pessoal na *Velhice do Padre Eterno*.

Queiroz proseguirá da Granja para Lisboa e de lá para a linda casa que habita em Clifton, nas margens do Avox, em frente de Bristol, ao pé de um braço de floresta conhecido pelo poetico nome do *bosque dos rouxinoes*, — pequeno *genteel cottage*, rodeado de massiços de flôres, vestido de trepadeiras, n'essa humida profundidade de musselina sobre a

qual se esfumam em côr de perola os esguios perfis das construcções de luxo no campo inglez.

E eu desci para a Foz, pelo caminho de baixo, no carro do tramway que recebe em Massarellos, ás quatro da tarde, o retôrno dos ricos commerciantes, dos caixeiros de escriptorio e dos altos funcionarios aduaneiros do Porto, residentes á beira mar durante a estação calmosa.



Figueira da Foz.

Não tem outro remedio senão vir á Figueira quem quizer vêr a mais linda praia de banhos de Portugal.

A grande bahia comprehendida eatre o Cabo Mondego e a embocadura do rio desenha uma curva encantadora, lembrando os mais risonhos e os mais doces golfos do Mediterraneo. Em toda a linha de areia que borda a enseada, na extensão de meia legua, não ha um rochedo. O terreno é cortado em *falaise* sobre a praia. O longo abarracamento dos banhistas, em tendas ponteagudas, de lona branca, arma-se junto do forte de Santa Catharina, construido na foz do rio.

Quem se senta na praia, voltado para o mar, tem á esquerda a fortaleza ameiada e denegrida, no estylo de todas as que construiu o conde de Lippe ao

longo do littoral portuguez; para a direita, a curva da costa com o pharol na ponta, e a pequena povoação de Buarcos, á beira da agua, alvejando ao sol. Pelo angulo da fortaleza avista-se a agua espelhada do Mondego e a verdura ridente das collinas da margem d'além, matizadas pela casaria branca das aldeias longinquas.

Á hora do banho, das 8 ás 10, a praia enche-se de banhistas.

Como não ha rochas nem dunas, toda a gente que desce da *falaise* para a beira da agua, fica em plena evidencia. Esta circumstancia dá um ar especial a esse ajuntamento de cada dia. O banho torna-se um *rendez-vous* geral de toda a população bannear, e traz consigo umas certas exigencias de aparato e de *toilette*.

Nenhuma senhora ousaria aqui como na Foz, em Espinho, em Leça ou na Povoá, vir ao banho enrolada n'um chale, com uma manta pela cabeça. A paizagem é tão larga, tão descoberta e tão luminosa que impõe uma especie de culto e de cerimonia. Os lindos sitios levam as mulheres a vestir-se bem. Nos logares alcantilados e asperos a physionomia humana arrepia-se e confrange-se. Nas planicies louras e azues, nos golfos tepidos sobre o espelho limpidado das aguas, ao abrigo de collinas virentes, a belleza expande-se e floresce.

Nunca vi provincianasinhas que me parecessem tão lindas e tão bem vestidas como n'estas vívidas frescas e claras manhãs de sol na praia da Figueira. Um arzinho arrapazado, e sadio parece embandeirar os olhos d'estas raparigas e fazer-lhes cantar barcarolas pela frescura da pelle.



O Bairro de Santa Catharina, ou Bairro Novo, principalmente habitado pelos banhistas, foi construído ha poucos annos, e consta de casas todas novas, pintadas de branco, de um theatro, um club, e um hotel para oitenta hospedes,

Infelizmente, em vez de ser edificado com methodo, sobre a praia, com o hotel de banhos e o Casino ao centro, os restaurantes com terraços ao ar livre, o novo bairro não faz frente ao oceano, e dispersa-se desengraçadamente na collina para o lado da terra.

O bairro antigo tem augmentado consideravelmente nos ultimos tempos. As obras do Mondego accrescentaram, por meio de aterros á beira do rio, a superficie do terreno rapidamente coberto de novos predios, espaçosos e elegantes.

Uma bella avenida arborizada, á beira do rio, conduz da estação do caminho de ferro á primeira grande praça da antiga villa, na qual ha poucos annos ainda se penetrava por uma rua em funil, ladeada de velhas casas sombrias e calçada de enormes pedregulhos, por cima dos quaes trambolhava pesada e estrepitosamente, ao som dos guizos, dos estalos de chicote e da corneta do conductor, a velha diligencia de Coimbra.

Monumentos não ha. A Figueira, que ainda no seculo xviii era apenas uma pequena aldeia com trescentos habitantes, não tem historia antiga.

A villa de Buarcos, que se diz ter sido fundada por uma colonia de pescadores gallegos no seculo xv, invadida pelos hollandezes e pelos inglezes no tempo da dominação philippina, tambem não tem tradição, porque os invasores inglezes saquearam e incendiaram tudo quanto podia explicar o passado.

Resta apenas em frei Bernardo de Brito a menção das duas celebres fontes de Buarcos, uma das quaes *absorve* e a outra *rejeita* tudo quanto se lhes deita dentro, O veneravel chronista affirma ter elle mesmo *visto*, por seus proprios olhos, essas duas maravilhas.

Do forte de Santa Catharina foram desalojados os soldados de Junot por uma força de estudantes de

Coimbra em 1808, e foi na praia defendida por esta fortaleza que desembarcaram os 13:000 da expedição ingleza commandada por lord Wellington.

A melhor casa da cidade é o antigo palacio dos condes de Tavadede, na rua chamada do Paço. Dois dos grandes salões d'este predio são forrados á altura de um terço da parede por lindos azulejos de Delft, tendo cada um o seu quadrosinho independente, a azul e branco, representando paizagens e costumes hollandezes. Esta collecção, que não sei nem como nem quando veio parar á Figueira, é no seu genero a mais interessante que tenho visto em Portugal.

Registe-se ainda que foi na Figueira que nasceu o revolucionario do Porto Manuel Fernandes Thomaz, e é tudo quanto ha historicamente que referir.

Além do rendimento constituido pela contribuição annual dos banhistas, a Figueira tem as suas pescas, o seu pequeno commercio maritimo, a sua mina de carvão fossil em exploração no Cabo Mondego, uma fabrica de cal, e uma fabrica de vidro.

153



Mas a grande feição peculiar e característica da Figueira é a que lhe imprime a sua vida politica.

Em nenhuma outra parte do mundo vi phenomeno mais curioso e mais extraordinario. Em todas as outras partes ha mais ou menos uma certa politica de applicação pratica ao interesse da localidade.

Na Figueira o caracter da politica é inteiramente abstracto, transcendental, figurado, allegorico, mythico.

Não se trata nem da egreja, nem da eschola, nem da estrada, nem da fonte, nem do mercado, nem de cousa alguma viva, corporea e real. Trata-se unicamente e exclusivamente da idéa, mas da idéa adelgada, subtilisada até o ponto de não significar cousa alguma.

Os habitantes da Figueira são todos em politica, ou *regeneradores* ou *progressistas*.

Como por baixo de cada uma d'estas denominações, puramente metaphysicas, não ha mais nada, toda a controversia e toda a contestação se torna impossivel sobre semelhante assumpto.

Assim, desde que um homem chega (não sei co-

mo) a ser *progressista*, e que outro (por vias não menos mysteriosas) chega a ser *regenerador*, cada um d'elles o é definitivamente e para toda a vida, e esses dois homens estão irreconciliavelmente separados para sempre, pelo mais terrivel de todos os abysmos — o abysmo do vacuo!

Nada mais prodigioso do que o estado de cousas a que dá origem este phenomeno.

Não havendo na Figueira e seu termo um unico individuo — de um ou de outro sexo — que não seja, ou regenerador ou progressista, e sendo completamente incompativeis entre si, como já disse, os dois partidos, ha uma assembléa recreativa para os regeneradores, e ha outra, a respeitosa distancia, para os progressistas. Esta separação e esta dualidade correlativa extendem-se a todos os estabelecimentos da cidade. Ha os padeiros progressistas e os padeiros regeneradores, os barbeiros especiaes e privativos de um e de outro partido, os cafés, os restaurantes, as batotas, as camisarias, as mercearias, os medicos, os pedicuros, os creados de servir, as philarmonicas, as pharmacias, os alfaiates, as costureiras, — tudo por parellas, tudo binario, tudo em duplicação, para uso dos partidarios do sr. Anselmo Braamcamp e do sr. Fontes Pereira de Mello, comquanto, ácerca dos principios governativos que distinguem esses dois chefes de partido, estejam quasi todos os fi-

gueirenses, que não conhecem pessoalmente nem o sr. Fontes nem o sr. Braamcamp, no mesmo estado de tenebrosa ignorancia em que eu proprio me acho.

Apesar d'estas providenciaes disposições, progressistas e regeneradores encontram-se ainda algumas vezes frente a frente no mesmo caminho, e d'esses encontros resultam graves conflictos, que se decidem á mocada.

As duas philarmonicas não passam jámais uma pela outra sem subseqüentemente obrigarem os respectivos partidos a consideraveis despesas para o fim de lhes renovar os instrumentos e os queixos.

Eu mesmo fui victima com Elysio Mendes, de uma d'essas incompatibilidades funestas. Vinhamos embarcados, ás 9 horas da noite, descendo o Mondego, contra o vento e contra a maré, depois de um *pick-nick* na Lares. Tinhamos connosco a bordo a companhia do batel e uma das philarmonicas da Figueira: esta incumbida de nos acompanhar o luar com algumas peças de musica, aquella encarregada de nos levar á vara até ao porto amigo. A menos de meio caminho, notámos com amarga surpresa que a lua raiava desacompanhada de instrumental, n'um silencio tetrico, e que o batel, em vez de ir para deante á vara, vinha para traz velozmente no dorso da maré, favorecido pela briza.

Quando ousámos pedir explicações amigaveis a

respeito d'este inesperado acontecimento, os da companhia e os da musica travaram-se de razões formidavelmente bellicosas, e nós tivemos de intervir com os maiores esforços de eloquencia e de diplomacia, para evitar uma carnificina medonha entre os musicos e os barqueiros.

Sabidas as cousas, tinhamos cahido n'um dos mais terriveis focos de explosão partidaria: a companhia era regeneradora, e a musica era progressista!

A nossa oratoria eclectica conseguiu, emfim, produzir os beneficos effeitos que o eclecticismo produz sempre no espirito das massas, desde o philosopho grego Potamon até o sr. Victor Cousin, a saber: que ao cabo de alguns minutos os dissidentes das duas parcialidades contrarias haviam adormecido. Por uma d'essas extranhas contradicções, que tantas vezes resultam das vicissitudes humanas, fomos nós ambos, Elysio e eu, que os restituimos incolumes aos seus lares domesticos e aos seus respectivos partidos, — um de nós manejando a vara, e o outro dedilhando um cornetim.

Esta singular e inexplicavel rivalidade parece destinada a dissolver todas as relações sociaes. As mulheres apartam-se dos maridos pelos chamados ainda na Figueira *motivos politicos*. Por eguaes motivos se separam filhos e paes, irmãos e irmãs; malquistam-se familias; dissolvem-se associações; esban-

dalham-se *pick-nicks*; desmandibulam-se queixadas e escacam-se cabeças. No hospital, que na Figueira, como em quasi todas as terras da provincia em Portugal, é um modelo de economia, de administração e de caridade, contou-me o provedor que as familias progressistas recusavam fazer fios para os enfermos, porque a direcção era regeneradora. *Enão obstante*—acrescentava o benemerito funcionario— *a maioria dos pobres aqui recolhidos são de Lavos, que é uma freguezia progressista.*

Ora, o mais curioso de tudo é que, em tal estado de cousas, se não dissolve cousa nenhuma! Tudo se equilibra e se compensa de um modo digno da cogitação dos philosophos. Os regeneradores e os progressistas da Figueira, que são de um partido para o outro os mais terriveis e irreconciliaveis inimigos, são entre si, em cada um dos dois campos, de uma união e de uma solidariedade de que se não encontra exemplo em nenhuma outra parte. Os conjuges que se apartam aqui por politica, gosam da vantagem moral de não se apartarem nunca por motivos mais escabrosos de allegar. A emulação partidaria mantém nos habitantes um jocundo *steeple-chase* de melhoramento e de progresso local. Trate-se seja do que fôr, cada partido pretende passar adeante do outro a distancia de uma cabeça pelo menos, e ninguem pára n'esta corrida vertiginosa de

competencia : se este faz um predio, aquelle faz um quarteirão de casas, até que o primeiro por seu turno faça uma rua, para que o segundo, quando lhe chegar a sua vez, faça um bairro inteiro. Se o regenerador constróe um theatrinho, o progressista constróe a seguir um theatrão ; se o progressista deita um foguete, o regenerador deita uma girandola. E assim sempre, de mais a mais, e de melhor a melhor.

A Figueira tem tido por este systema um desenvolvimento unico e sem exemplo nos ultimos annos. Se amanhã os dois partidos se lembraram de competir um com o outro em destruir, assim como até aqui têm competido em edificar, escusam de lá ir para o verão que vem, porque não encontrarão cousa nenhuma. Se, para affirmar a sua adhesão á respectiva causa, um dos partidos começar, *verbi gratia*, por cortar um dedo, o outro cortará dois ; e assim se proseguirá successivamente, até que, não havendo mais nada que cortar de parte a parte, não reste do que foram os regeneradores e do que foram os progressistas na Figueira senão um dente e um chapéo para um lado, e para o outro lado um callo e uma bengala.

Trafaria.

Não,—tinha eu dicto commigo logo de manhã cedo, ao abrir a minha porta e ao contemplar o mar—, com um tempo d'estes é que eu não vou trabalhar. Para onde eu vou é para a pesca.

E trazendo o cesto com os apparelhos para a beira da agua, sentado no chão, em mangas de camisa, arregaçado até os joelhos, com os pés nús na tepida consolação da areia, abri a minha faca e puz-me a cortar sardinha e a iscar os anzoes. A melhor carnada é o casul; mas nem sempre se póde ter casul, e n'estes casos é preciso cortar a sardinha em regra, diagonalmente, e saber mettel-a no anzol, enfiando-a na metade do lado da cabeça por um dos olhos, dando-lhe uma volta com a espinha na outra metade. É um trabalho engenhoso.

Balançado na agua, o meu bote esperava por mim

amarrado á fateixa. Uma intensa luz de um azul de turqueza envolvia a grande natureza ridente, salgada das exalações da agua, cheirando aos mexilhões frescos que dois barcos saveiros em forma de meia lua estavam pescando no Calhau, a trinta metros da praia para o lado do Bugio. Os primeiros bandos de rôlas, picadas pelo vento leste, cortavam o espaço n'um vôo dôce, fazendo tremular na areia reluzente da vasante a sombra pardacenta e fugitiva das azas. Alguns maçaricos reaes debicavam a salsugem da maré em pulos esbeltos, prateados pelo sol.

— Vê aquella rapariga que vae saltar com um pequeno ao collo para o bote branco que está amarrado ao nosso?— disse-me o pescador José Pirralho, que iscava tambem um aparelho, acororado no chão ao pé de mim. Aquella é a Rita Carrá que vae a Lisboa vêr o marido, o João Galhote, do brigue *Ligeiro*, que entrou hoje de madrugada. É um brigue que anda no mar ha perto de um anno. O João Galhote embarcou logo depois de casar. Esteve apenas tres mezes com a mulher e vae vêr agora o filho nascido, que elle ainda não conhece...— Olá, ó tia Rita! se o seu José vier logo consigo para baixo faça signal do bote com o lenço, que é para lhe botarmos um foguete e para repicarmos o sino.

E ella em pé na embarcação, rindo, vestida de

festa, com o pequeno rochunchudo e louro sentado no braço, agradecia dizendo adeus com a mão — Até logo! até logo!

Deitado o apparelho, lancei a minha benção á boia e remei para terra. Bôa cousa, remar! De calças arregaçadas e pernas nuas, com o peito ao vento, a elasticidade de um bom remo espadeirando a agua communica-se ao nosso arcabouço, e parece que n'esse exercicio triumphal todos os ossos cantam como canta o estorvo de couro crú amarrado ao tolete quando se pica a boia. Dizem os do Algarve que, para remar, tudo puxa desde as unhas dos pés até as pontas dos cabellos. Quando se rema estirado, pranchando o corpo todo no mergulho do remo, o esforço empregado distribue-se igualmente por todos os musculos das pernas, dos braços, do thorax e dos rins, dando a maxima plenitude da força, a mais intensa sensação de poder e de victoria. Remar é dizer ao oceano — *Chegue-se para traz que vae aqui um homem!* — e vêr o oceano obedecer.

Tinha vindo para casa almoçar e esperar á sombra a maré para levantar o apparelho, quando ouvi gritar por soccorro na praia. Chego á janella e vejo na agua límpida e serena, beijada do sol do meio dia, as duas mãos de um homem que se afundia junto de um bote amarrado a oito ou dez braças da terra.

Alguns pescadores saltam n'um saveiro varado na praia e remam para o ponto em que se tinham submergido as duas mãos que eu vira agitarem-se no ar.

Sonda-se o logar; procura-se por toda a parte, com cabos, com remos, com varas; lança-se uma rede. É tudo inutil. O afogado desapareceu.

Era um operario padeiro, de 23 annos de idade, o José da Viuva, que sustentava a mãe, paralytica, e duas irmãs. Fôra banhar-se ao despegar do trabalho antes de ir jantar, e estava já em terra quando se lembrou que enchia a maré e que deixara longe o bote de que se servira para saltar de mergulho no mar. Entrara na agua outra vez para alar o bote, e foi então que lhe faltou pé, que o arrastou a corrente, que se afundiu.

Falou-se do caso uma hora entre os grupos dos maritimos deitados na praia ao sol.

— Aquillo não foi senão cousa que lhe deu pela cabeça...

— Ou dôr!

— Que elle diz que falou ao vir acima...

— Pois sim; mas nada explicou. *Mãe! mãe!* foi a unica cousa que elle disse.

— Com o que a agua puxa para cima o corpo vae lá dar para Porto Brandão ou para Cacilhas...

E depois, a pouco e pouco, como vinha chegando

a hora de levantar osapparelhos e de recolher as redes, os botes começaram a largar para o mar, uns depois dos outros, e a praia ficou deserta sob a grande alegria do céu, no suave rumor da vaga, entrecortado de espaço a espaço pelo gemer dos moinhos e pelo cantar dos gallos.

Sentia consideravelmente attenuado o meu appetite aos chamirros e aos robalos a que deitara o apparelho, e uma attracção maguada prendia irresistivelmente os meus olhos ao ponto do mar em que eu acabara de vêr aquellas duas mãos brancas agitando-se convulsas ao lume d'agua, como as azas de uma gaivota ferida. Foi a olhar para esse ponto que descobri de repente, ao pé da praia, o bote branco que levara para Lisboa a Rita Carrã. Lembrou-me o signal do lenço, mas o bote não deu signal.

Além do remador, que vinha deitado á pôpa, segurando a escôta da vela, o bote não trazia mais ninguem senão a Rita com o filho nos braços. O José Galhote morrera tisico na torna viagem do brigue *Ligeiro*. O bote branco, que sahira da Trafaria com a festa da esperança e que voltava com a desolação da viuvez, deixou cahir a vela como uma continencia funeraria sobre o mesmo lugar em que se submergia o José da Viuva, e esta bella e commovente cerimonia do acaso fez-me ter inveja ao destino do morto.

159

Pobre José da Viuva! o teu modesto nome, triste e sympathico, não será repetido em artigos banaes pela imprensa, nem figurará em epitaphios idiotas nos mausoléos do cemiterio dos Prazeres. O prior da tua freguezia, ultimamente accusado de ter morto com uma paulada na cabeça uma das ovelhas do seu rebanho, não veiu grunhir o latim da agonia sobre a tua ultima hora. Invocando o nome de tua mãe, expiraste na mais dôce e na mais incontestada das religiões, a religião do amor. Sepultando-te no mar, libertaste-te dos gatos pingados, dos chantres, dos velludilhos pretos franjados de galões amarells, dos pingos das tochas, do badalar dos sinos nas torres, do pregar dos alfinetes na mortalha, de tudo emfim quanto desnatura a morte tornando lugubre e repulsiva a dôce passagem da lucta inclemente da vida para o repouso do nada.

N'essa noite o chinchorro do tio Antonio Janeiro trouxe para terra um cadaver de envôlta com os linguados que foi pescar á meia noite, e o tio João Loira, velho fadista, foi mais uma vez requisitado em nome da caridade para depôr por alguns minutos a sua guitarra no chinquilha do Marcellino e ir, piscando os seus olhinhos vermelhos e cantarolando o *Quiçumba*, abrir a cova e enterrar o José da Viuva debaixo dos tres cyprestes que ensombram o cemiterio da aldeia.

INDEX DO TOMO I

Advertencia.....	III-VI
Nas margens do Lima — Vianna do Castello — Os campos — Os casaes — As egrejas — As estradas — As diligencias — Os abbades — O mercado — As mulheres — Os trajes — A educação — Os costumes — As influencias estheticas — Ponte do Lima....	5-40
As aldeias minhotas — A administração e a policia rural — A lavoura — Industrias agricolas e industrias caseiras — A ignorancia — A miseria — A acção do Estado.....	51-75
O Natal minhoto — O presepio — A consoada — A ceia da familia.....	77-89
Uma das jogatinas.....	91-103
Romagem á Senhora do Monte Sameiro, scenas de Braga.....	105-113
A bacia da Regoa e o Valle de Jogueiros — O paiz vinhateiro — Vinhas e lagares — O phylloxera vastatrix — O negociante do vinho fino — O lavrador do Douro.....	115-143
De Santa Apollonia a Campanhã — O Porto — A cidade moderna — Transformações materiaes e transformações mentaes — A imprensa — As associações — A cidade de ha trinta annos — Costumes burguezes — Sucias — Merendas campestres — Jantares pelo rio acima — Rhetorica local.....	147-190

Aspectos do Ribatejo e da Extremadura — Azambuja — Cercal — Caldas da Rainha.....	191-207
A villa d'Obidos — O castello — O velho burgo — A lagôa — Ruínas de monumentos e ruínas d'homens.	209-218
Alcobaça — O mosteiro — Os coutos — Os documen- tos historicos — A arte nacional — Os frades — A revolução liberal.....	219-248
S. João da Foz — Como a gente se diverte — O ho- mem jocosos — Banhos e banhistas.....	249-268
Espinho, piscina da magistratura — Aspecto das ruas — A batota — O Club.....	269-279
A Granja, banho particular — Toda a gente conheci- da e alguma de meia tigela — Encontro dos meus amigos.....	281-291
Figueira da Foz — A bahia de Buarcos — Bairro Novo e bairro velho — Divisão no recenseamento geral dos habitantes em regeneradores e progressistas — Jubilosos resultados d'essa desunião.....	293-303
Na Trafaria — Scena da borda d'agua.....	305-310

